

**Mestrado Profissional em**  
**Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
Campus de São Carlos - SP

MARY ANE SARTORI LOPES

**PRÁTICAS CORPORAIS NO MEIO LÍQUIDO**  
**NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**ESCOLAR**

SÃO CARLOS – SP

2023

MARY ANE SARTORI LOPES

# PRÁTICAS CORPORAIS NO MEIO LÍQUIDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi

SÃO CARLOS – SP  
2023



Universidade Federal de Mato Grosso



Lopes, Mary Ane Sartori

Práticas corporais no meio líquido nas aulas de  
Educação Física escolar / Mary Ane Sartori Lopes --  
2023.  
155f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São  
Carlos, campus São Carlos, São Carlos  
Orientador (a): Daniela Godoi Jacomassi  
Banca Examinadora: Glauco Nunes Souto Ramos, Lilian  
Aparecida Ferreira  
Bibliografia

1. Educação Física escolar. 2. Práticas corporais no meio  
líquido. 3. Base Nacional Comum Curricular. I. Lopes,  
Mary Ane Sartori. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Mary Ane Sartori Lopes, realizada em 07/03/2023.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Daniela Godol Jacomassi (UFSCar)

Prof. Dr. Glaucio Nunes Souto Ramos (UFSCar)

Profa. Dra. Lillian Aparecida Ferreira (UNESP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional.

MARY ANE SARTORI LOPES

# PRÁTICAS CORPORAIS NO MEIO LÍQUIDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi

Data da defesa: 07/03/2023

## **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Daniela Godoi Jacomassi**  
Universidade Federal de São Carlos

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Glauco Nunes Souto Ramos**  
Universidade Federal de São Carlos

---

**Membro Titular: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira**  
Universidade Estadual Paulista

**Local:** Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde  
**UFSCar- Campus de São Carlos - SP**

**Dedico este trabalho principalmente aos meus filhos Victor Hugo e Nicolas, que são a razão para todos os dias eu procurar evoluir e tentar melhorar como mãe, como profissional e principalmente como pessoa. Quando olho para eles vejo sentido em levantar cada dia e tentar fazer a diferença, pois só a educação será capaz de mudar o mundo que eles conhecerão.**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu marido que foi meu alicerce nesta caminhada, sem seu companheirismo, suporte, amor e paciência este sonho não seria realizado.

Aos meus filhos por compreenderem minhas ausências e sempre me apoiarem com amor, trazendo luz e energia para esta jornada.

Aos meus pais que fizeram tudo para me tornar a mulher que eu sou e ter estrutura educacional para seguir meus sonhos e minha carreira.

À professora Dra. Daniela Godoi Jacomassi a quem admiro muito e agradeço pelos ensinamentos, pela paciência, pelas palavras de apoio e força e por todo cuidado dedicado à minha caminhada no mestrado.

Ao professor Dr. Glauco Nunes Souto Ramos e à professora Dra. Lilian Aparecida Ferreira que compuseram a banca examinadora, a quem admiro e sou muito grata por ter conhecido e por poder receber os ensinamentos e contribuições realizadas para este trabalho.

À todos os envolvidos no programa de Mestrado Profissional em Educação Física em rede (ProEF), que realiza sonhos e planta sementes para que a Educação Física Escolar seja reconhecida e a educação mude vidas, entre eles à UFSCar, em especial à professora Dra. Suraya Cristina Darido e aos professores da UFSCar, Daniela Godoi Jacomassi, Glauco Nunes Souto Ramos, Osmar Moreira de Souza Júnior, Yara Aparecida Couto, Fábio Ricardo Lemos Mizuno, aos professores da UNESP de Rio Claro, Fernanda Moreto Impolcetto, Flávio Soares Alves, Luiz Gustavo Bonato Rufino, aos tutores Nathan Varotto, Luiz Antonio Pereira e Caroline Dias Arruda, às coordenadoras do programa, Dra. Maria Cândida Soares Del-Masso e Dra. Denise Ivana de Paula Albuquerque e finalmente a todos os meus colegas de turma, todos vocês abriram a minha mente e me ajudaram a me aperfeiçoar e evoluir, tenho uma enorme admiração e respeito por todos.

Ao Professor Alexandre, à diretora Adreana e coordenadora Elaine por toda luta para que as coisas se reestabelecessem após a pandemia e a reforma da piscina fosse finalizada o quanto antes para que as aulas e pesquisa pudessem acontecer, e principalmente ao meu amigo e companheiro de trabalho Luiz Antônio Pereira que me incentivou a continuar e me ajudou constantemente nestes dois anos.

Aos meus queridos alunos que com sua energia e dedicação me mostram o motivo de seguir no meu aperfeiçoamento profissional.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).



**“Devemos ser a mudança que queremos ver no mundo”.**

**(Mahatma Gandhi)**

LOPES, Mary Ane Sartori. **Práticas corporais no meio líquido nas aulas de Educação Física escolar**. Orientadora: Daniela Godoi Jacomassi. 2023. 155 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

## RESUMO

As propostas centradas na cultura corporal do movimento no âmbito da Educação Física escolar, incitam um olhar para as diversas possibilidades do se movimentar pelo aluno e a oportunidade de contemplar o máximo de vivências possíveis. Reavaliar os objetos de aprendizagem e apresentar uma nova unidade temática denominada Práticas corporais no meio líquido como proposta curricular comum, apresenta possibilidades de acesso a um acervo cultural de inegável valor no meio líquido para a segurança pessoal, fruição do lazer e aprendizagens singulares. A principal característica da unidade temática de Práticas corporais no meio líquido é romper com o conceito de saber nadar tradicionalista, relacionado aos quatro estilos da natação, que interfere na limitação das potencialidades do meio líquido, e garantir o direito do cidadão de experimentar, desfrutar, apreciar e criar, propondo novos olhares sobre a seleção dos conteúdos das aulas de Educação Física escolar. Desta maneira, o objetivo do estudo é analisar o desenvolvimento de práticas corporais no meio líquido como conteúdo curricular da Educação Física escolar para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Os objetivos específicos são: (a) evidenciar as possibilidades do ensino da unidade temática de práticas corporais no meio líquido nas aulas de Educação Física escolar; (b) analisar o desenvolvimento da unidade didática de práticas corporais no meio líquido nas aulas de Educação Física escolar e (c) identificar as influências da realização da unidade didática sobre as aprendizagens dos alunos. Participaram do estudo 30 alunos matriculados no 3º ano do Ensino Fundamental. Os procedimentos previstos incluíram: a) elaboração de uma unidade didática de 14 aulas, dentro da proposta de unidade temática de Práticas corporais no meio líquido; b) aplicação da unidade didática nas aulas de Educação Física escolar e c) técnicas de coletas utilizadas na pesquisa. Os instrumentos utilizados foram: rodas de conversa sistematizadas e filmadas e diário de bordo. Os resultados demonstraram que a unidade didática apresentou um acervo cultural diversificado e proporcionou aos alunos, aprendizagens motoras, cognitivas, sociais e de cuidado com a segurança pessoal, relacionando a aprendizagem às oito dimensões do conhecimento, e demonstrando que foi possível potencializar a liberdade de ações no meio líquido e proporcionar sensações de prazer que inferiram na fruição do lazer pelo aluno. Desta forma, esperamos ter contribuído para que o assunto seja abordado com mais frequência e que, em uma futura reformulação da Base Nacional Comum Curricular, as Práticas corporais no meio líquido possam ser pensadas não mais como uma sugestão, mas como um conhecimento básico de aprendizagem através de uma nova unidade temática.

**Palavras-Chave:** Educação Física escolar; Práticas corporais no meio líquido; Base Nacional Comum Curricular.

**Área temática:** Educação Física na Educação Infantil e anos Iniciais do Ensino Fundamental.

LOPES, Mary Ane Sartori. **Corporal practices in the liquid environment in Physical Education classes at school**. Orientadora: Daniela Godoi Jacomassi. 2023. 155 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

### **ABSTRACT**

Proposals centered on the body culture of movement within the context of school Physical Education encourage a look at the different possibilities of movement by the student and the opportunity to contemplate as many experiences as possible. Reassessing the learning objects and presenting a new thematic unit called Corporal practices in the liquid environment as a common curricular proposal, presents possibilities of access to a cultural heritage of undeniable value in the liquid environment for personal safety, enjoyment of leisure and unique learning. The main characteristic of the thematic unit of Corporal practices in the liquid environment is to break with the traditionalist concept of knowing how to swim, related to the four styles of swimming, which interfered in limiting the potential of the liquid environment, and guarantee the citizen's right to experience, enjoy, appreciate and create, proposing new perspectives on the selection of content for school Physical Education classes. In this way, the objective of the study is to analyze the development of body practices in the liquid environment as a curricular content of Physical Education at school for students in the early years of elementary school. The specific objectives are: (a) to highlight the possibilities of teaching the thematic unit of bodily practices in the liquid environment in Physical Education classes at school; (b) to analyze the development of the didactic unit of corporal practices in the liquid environment in the School Physical Education classes and (c) to identify the influences of the didactic unit realization on the students' learning. 30 students enrolled in the 3rd year of elementary school participated in the study. The foreseen procedures included: a) elaboration of a didactic unit of 14 classes, within the proposed thematic unit of Corporal practices in the liquid environment; b) application of the didactic unit in Physical Education classes at school and c) collection techniques used in the research. The instruments used were: systematized and filmed conversation circles and a logbook. The results showed that the didactic unit presented a diversified cultural collection and provided students with motor, cognitive, social and personal safety learning, relating learning to the eight dimensions of knowledge, and demonstrating that it was possible to enhance freedom of action in the liquid environment and provide sensations of pleasure that inferred in the enjoyment of leisure by the student. In this way, we hope to have contributed to the subject being addressed more frequently and that, in a future reformulation of the National Common Curricular Base, body practices in the liquid environment can be thought of no longer as a suggestion, but as a basic learning knowledge. through a new thematic unit.

**Keywords:** School Physical Education; Corporal practices in the liquid medium; Common National Curriculum Base.

**Thematic area:** Physical Education in Early Childhood Education and Early Years of Elementary School.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular.....	31
Figura 2: Objetos de conhecimento das unidades temáticas.....	36
Figura 3: Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.....	55
Figura 4: Visão da lateral do prédio de dois andares.....	56
Figura 5: Piscina irregular.....	57
Figura 6: Piscina de 25 metros.....	58
Figura 7: Vestiário e ducha.....	58
Figura 8: Início das aulas.....	73
Figura 9: Objetos de aprendizagem sendo desenvolvidos no meio líquido.....	74
Figura 10: Todos os alunos com vestimenta adequada.....	76
Figura 11: Múltiplas experiências.....	77
Figura 12: Desenvolvendo a confiança, aluno- professor, na parte funda da piscina	78
Figura 13: Brincadeira pula- pula seu sapão.....	78
Figura 14: Brincadeira caça ao tesouro.....	79
Figura 15: Aprendendo a flutuar para o pique estrela.....	80
Figura 16: Pique estrela, uso e apropriação da flutuação.....	81
Figura 17: Surf.....	84
Figura 18: Apresentação de coreografias elaboradas em grupo.....	85
Figura 19: Jogo para aprender as regras do Polo aquático.....	86
Figura 20: Jogo com superioridade numérica.....	87
Figura 21: Brincadeira o mestre mandou.....	91
Figura 22: Amplo acervo cultural.....	93

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Dimensões do conhecimento.....	34
Quadro 2: Unidade didática de Práticas Corporais no meio líquido.....	59
Quadro 3: 10 competências da Educação Física escolar para o Ensino Fundamental e seu desenvolvimento na unidade temática de Práticas Corporais no meio líquido.....	95

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>AA</b>	Atividades aquáticas
<b>AML</b>	Adaptação ao meio líquido
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>Consed</b>	Conselho Nacional de Secretários de Educação
<b>DCNs</b>	Diretrizes Curriculares Nacionais
<b>EF</b>	Educação Física
<b>EFE</b>	Educação Física escolar
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>PCNML</b>	Práticas corporais no meio líquido
<b>PCNs</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PNE</b>	Plano Nacional de Educação
<b>ProEF</b>	Programa de Educação Física Escolar
<b>Undime</b>	União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
<b>UNE</b>	União Nacional dos Estudantes

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>2 INTRODUÇÃO</b>	<b>19</b>
<b>3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SEU PERCURSO ATÉ A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR</b>	<b>22</b>
<b>3.1 Objetivos da Base Nacional Comum Curricular</b>	<b>29</b>
<b>3.2 Organização do Ensino Fundamental anos iniciais e da Educação Física</b>	<b>33</b>
<b>4 PRÁTICAS CORPORAIS NO MEIO LÍQUIDO</b>	<b>42</b>
<b>4.1 Pontos a considerar</b>	<b>44</b>
<b>4.1.1 Espaço físico adequado</b>	<b>44</b>
<b>4.1.2 Pesquisas</b>	<b>45</b>
<b>4.1.3 Falta de conhecimento pedagógico</b>	<b>46</b>
<b>4.1.4 Prevenção de afogamentos</b>	<b>47</b>
<b>4.2 Educação aquática e Práticas corporais no meio líquido</b>	<b>48</b>
<b>5 PERCURSO INVESTIGATIVO</b>	<b>54</b>
<b>5.1 Pesquisa- ação</b>	<b>54</b>
<b>5.2 Participantes</b>	<b>55</b>
<b>5.3 Escola</b>	<b>56</b>
<b>5.4 Procedimentos</b>	<b>58</b>
<b>5.4.1 Elaboração de uma unidade didática</b>	<b>59</b>
<b>5.4.2 Aplicação desta unidade didática nas aulas de Educação Física escolar</b>	<b>68</b>
<b>5.4.3 Técnicas de coletas utilizadas na pesquisa</b>	<b>68</b>
<b>5.4.4 Procedimentos para análise de dados</b>	<b>70</b>
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	<b>72</b>
<b>6.1 O contexto da ação realizada e seus desafios</b>	<b>72</b>
<b>6.2 As aprendizagens dos alunos e as dimensões do conhecimento da Base Nacional Comum Curricular</b>	<b>77</b>

<b>6.3 O ensino da Práticas corporais no meio líquido e suas relações com as competências da Base Nacional Comum Curricular</b>	<b>87</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIA</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE)</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE C – Diários de aula</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE D – Transcrição das rodas de conversa</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE E – Produto Educacional: Curso</b>	<b>153</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>154</b>
<b>ANEXO A – Carta de autorização da escola</b>	<b>154</b>
<b>ANEXO B – Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos</b>	<b>155</b>



## 1 APRESENTAÇÃO

Conclui minha Educação básica em escolas públicas e sempre amei as aulas de Educação Física (EF), participava das turmas de treinamento, campeonatos interescolares, o esporte sempre caminhou junto com minha formação e embora tivesse praticado natação, basquete, atletismo e karatê, o vôlei sempre foi a minha paixão.

Este amor pelos esportes me rendeu frutos, através do vôlei pude participar de várias competições, conhecer vários lugares, morar sozinha nova e ser independente, mas principalmente, tive a oportunidade de me formar e iniciar uma carreira através de uma bolsa integral no curso de EF pela Universidade de Araraquara.

Na minha época de escola vi mais vidas serem modificadas pelo esporte, um grande amigo também conseguiu através da natação se formar em EF e hoje segue fazendo a diferença com esportes adaptados. Acreditar que o movimento, que o esporte é capaz de mudar vidas, é o que me estimula a proporcionar o máximo de vivências possíveis durante as aulas aos meus alunos, para que talvez possam se encontrar em algo que mude suas vidas também.

Em 2009 encerrei minha carreira como atleta profissional após a segunda lesão do ligamento cruzado anterior no meu joelho, e iniciei meu outro sonho, ser professora de EF.

Com 15 dias de cirurgia no joelho comecei a ministrar aulas de natação em uma academia, me especializei em natação de bebês, adaptação e iniciação infantil e adulta, hidroginástica, aqua bike, enfim tudo que estivesse relacionado ao meio líquido.

Neste período em que pude trabalhar com pessoas de várias idades, verifiquei a facilidade e rapidez de desenvolvimento e aprendizagem de habilidades aquáticas de crianças de 6 meses até 7 anos se contrapondo a dificuldade de adultos em alcançar o mesmo sucesso. Trabalhar com adultos que nunca frequentaram este meio é muito difícil, envolve questões relacionadas a traumas, a medos, a vergonha, insegurança, entre outros, que sempre me levava a questionar o por que não haviam tentado aprender antes?

Nas vezes em que conversei sobre este assunto obtive como respostas: que na cidade que moravam não tinha um espaço aberto ao público, ou que os lugares que ofereciam aulas eram caros, outras vezes a resposta era por medo por terem se afogado ou presenciado algum afogamento, mas como proporcionar este acesso gratuito a toda a população ainda na infância, período que a pessoa apresenta menos resistência ao meio líquido o que auxilia para uma evolução mais rápida na aprendizagem?

Em 2014 quando me efetivei como Professora de Educação Física escolar (EFE) na rede municipal, consegui pela primeira vez achar uma solução para estas dúvidas e inquietações, comecei a desenvolver inicialmente natação com meus alunos do Ensino Fundamental anos iniciais do 1º ao 5º ano, e posteriormente propiciar outras experiências no meio líquido nas aulas de EFE.

Nunca foi fácil ministrar estas aulas assumindo a responsabilidade de tirar os alunos de dentro da escola, transportá-los em um ônibus e lidar com a movimentação de pessoas externas na piscina em que eu estava ministrando aulas, mas ver a alegria deles a cada nova conquista, o relato das aventuras de final de semana que foram possíveis pela aula, e os relatos e agradecimentos das famílias, sempre fizeram todo o esforço ter sentido e valer a pena.

Em 2021 tive a chance de realizar mais um sonho, iniciar o mestrado no Programa de Educação Física Escolar (ProEF). Poder conviver e ouvir pessoas que amam tanto a profissão quanto eu e que me deram instrumentos para ser um profissional melhor foi transformador na minha vida.

Quando começamos a pensar em um tema para a dissertação eu tinha pretensões de focar na área de educação inclusiva, mas a vida me levou para novos caminhos e grandes pessoas ao meu lado me abriram os olhos para as Práticas corporais no meio líquido.

Acredito que como qualquer profissional, eu estava tão acostumada a ministrar aulas de EF neste meio, que acabei por esquecer que faço parte da exceção e não da maioria. Por isto, com esta dissertação, eu pretendo após 14 anos desenvolvendo aulas no meio líquido e mais especificamente, 9 deles com EFE neste meio, instigar e ajudar outros profissionais a se reinventarem em suas práticas, e principalmente, mostrar a viabilidade de práticas corporais no meio líquido serem desenvolvidas nas aulas de EFE.

Mas, acredito que para facilitar a realização das Práticas corporais no meio líquido na escola, seria interessante que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresentasse-as não mais apenas como sugestão, mas como uma nova unidade temática que possibilite mudanças estruturais nas escolas e o direito do cidadão as diferentes possibilidades de aprendizagem.

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar (EFE) a partir de práticas corporais que são emergentes da cultura, busca promover experiências significativas de movimento nas quais os estudantes têm a oportunidade de compreender criticamente as dimensões do conhecimento que giram em torno dos conteúdos (DARIDO, 2020). Entretanto, nota-se na história da Educação Física (EF) “uma distância entre as concepções teóricas e a prática real nas escolas. Ou seja, nem sempre os processos de ensino e aprendizagem acompanharam as mudanças, às vezes bastante profundas, que ocorreram no pensamento pedagógico desta área” (BRASIL, 2017, p. 21). As aulas centradas no ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer passam a se fundamentar apenas nos anos de 1980 à partir do Movimento Renovador, e este fato dificulta o entendimento da comunidade escolar frente à didática de ensino, pois tradicionalmente tem-se a visão de que a “Educação Física tem que ser divertida e resumida ao saber fazer e não ao compreender os sentidos e significados dos temas com os quais se ocupa” (DARIDO, 2020, p. 30), gerando ao meu ver, uma enorme dificuldade na compreensão do papel da EF na escola e uma certa rigidez de alguns profissionais em compreender a importância destas mudanças para a formação do aluno.

As propostas centradas na cultura corporal do movimento no âmbito da EFE incitam um olhar para as diversas possibilidades do se movimentar pelo aluno e a oportunidade de contemplar o máximo de vivências possíveis:

[...] tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. (BRASIL, 2017, p. 215)

Entretanto pensar e selecionar quais conhecimentos são essenciais é uma tarefa árdua e para muitos quase impossível, sendo essa também a preocupação apresentada pelos pesquisadores e documentos da área da educação, que pontuam, desde de 1988, a necessidade de se pensar em conteúdos básicos de aprendizagem no território nacional (BRASIL, 1988).

Esta preocupação culmina na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implementada como obrigatória nas redes de ensino em 2020, direcionando o caminho para a criação de estruturas curriculares, pois compreendemos que a ideia da base não é entregar um

currículo pronto e engessado, mas um norte que referencie a construção do currículo de cada unidade escolar, respeitando as características regionais da comunidade escolar e dos alunos, mas pensando na acessibilidade básica de aprendizagem e garantindo infraestrutura, considerando que o que irá “definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela EF, é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza” (DAOLIO, 2004, p.02-03).

Contudo, ainda assim ela referênciava os conteúdos básicos e no caso da EFE do ensino fundamental, divide os conteúdos em seis unidades temáticas: brincadeiras e jogos, esportes, ginástica, dança, lutas e práticas corporais de aventura, mas considerando a importância de uma unidade temática denominada Práticas corporais no meio líquido (PCNML), por que não pensar na inclusão dessas práticas nas aulas de EFE?”

Por este motivo, o objetivo do estudo foi analisar o desenvolvimento de Práticas corporais no meio líquido como conteúdo curricular da Educação Física escolar para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Embora a BNCC não apresente as PCNML como práticas corporais organizadas para serem desenvolvidas na EFE, ela sublinha a necessidade e a pertinência dos estudantes do País terem a oportunidade de experimentá-las, dado seu inegável valor para a segurança pessoal e seu potencial de fruição durante o lazer (BRASIL, 2017). Desta forma, acreditamos que a mudança precisa vir a nível de proposta curricular nacional, pois “somente se introduzirmos a educação aquática no contexto escolar, será possível alcançar a sua universalização, abrangendo toda a população sem qualquer tipo de discriminação, seguindo neste caso, o conceito de direito da sociedade” (OLIVAR et al, 2022, p. 147).

Assim, estruturamos o texto no formato de dissertação, iniciando com a apresentação que relata o percurso profissional e inquietações da professora- pesquisadora, seguida por uma breve introdução.

Para o referencial teórico estabelecemos dois capítulos: “Educação Física escolar e seu percurso até a Base Nacional Comum Curricular” e “Práticas corporais no meio líquido”.

O referencial teórico é seguido pelo percurso investigativo, e na sequência são apresentados os resultados e a discussão de maneira conjunta, dividindo os resultados após a categorização em três grandes categorias de análise: o contexto da ação realizada e seus desafios; as aprendizagens dos alunos e as dimensões do conhecimento da Base Nacional

Comum Curricular; o ensino das Práticas corporais no meio líquido e suas relações com as competências da Base Nacional Comum Curricular.

Para finalizar apresentamos as considerações finais.

### 3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SEU PERCURSO ATÉ A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A reflexão do campo de conhecimento da EF no contexto da educação básica brasileira na contemporaneidade, perpassa por uma forte construção histórica e social, que contribuiu para delinear as principais ideias das propostas curriculares e conteúdo das aulas. Atualmente, a EF busca um espaço de legitimação e reconceituação como disciplina na grade curricular dentro do currículo escolar, ultrapassando o discurso normativo e tradicional e buscando a sua razão de ser dentro das mudanças educacionais.

Para compreender este processo é necessário retornar ao Brasil Império, que com forte influência da Europa, começa a apresentar os primeiros documentos sobre a EF no país, com conteúdo voltado para a higiene e o objetivo de mudar o corpo e hábitos da população, como evidenciado por Soares (1994, p. 88):

[...] viabilizar de modo mais eficaz sua “política familiar” e, através dela desenvolver “ações pedagógicas” na sociedade, que os higienistas se valeram também da ginástica. Com ela julgavam poder responder à necessidade de uma construção anatômica que pudesse representar a classe dominante e a raça branca, atribuindo-lhe superioridade.

Sob esta forte influência dos médicos higienistas e dos educadores, o Ministro do Império, Luiz Pedreira de Couto Ferraz, instaura em 1851 a Reforma de Couto Ferraz e obriga a prática de Ginástica nas escolas primárias do município da Côrte (Rio de Janeiro), sendo recomendada a ginástica alemã que vinha sendo aplicada oficialmente no exército (OLIVEIRA, 1983). O conteúdo desenvolvido nas aulas de EF realizadas nas escolas, objetivavam a promoção da saúde, a regeneração da raça, das virtudes e da moral, sendo impulsionada pelo amor à pátria, sem vínculo algum com propostas pedagógicas (TORRES e XAVIER, 2015).

Rui Barbosa, em 1882, teceu um parecer se referindo ao “Projeto 224- Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, da Instrução Pública-, no qual defendeu a inclusão da ginástica nas escolas e a equiparação dos professores de ginástica aos das outras disciplinas” (LIMA, 2012, p. 151), sendo o pioneiro em defesa da EF, destacando a “sua ideia sobre a importância de se ter um corpo saudável para sustentar a atividade intelectual” (LIMA, 2012, p. 151).

Todo este processo do século XIX e início do século XX foi fundamental para colocar a EF no cenário nacional e introduzi-la nos documentos direcionados às escolas, como

é possível verificar a partir de 10 de novembro de 1937, período que perpassamos da fase higienista para a militarização, na Lei Constitucional nº 01 dos Estados Unidos do Brasil (Carta Magna do Estado Novo), que se refere à EF em seus artigos 131 e 132:

Art. 131 – A Educação Física, o Ensino Cívico e os Trabalhos Manuais, serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça àquela exigência.

Art. 132 – O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas por associações civis, tendo umas e outras por fim, organizar para a juventude, períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhes a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da nação. (CASTELLANI FILHO, 1998, p. 5-6)

A EF passa a estar presente em todas as escolas de ensino fundamental anos iniciais e finais e ensino médio, nomeadas naquele período como escolas primárias, normais e secundárias, marcada pela atuação de profissionais militares e da área da saúde, privilegiando a necessidade de capacitação do trabalhador através do “adestramento físico”, formando corpos saudáveis, fortes e produtivos para o processo de industrialização da década de 1930 e para defender a pátria e seus ideais, com o ensino pensado no trabalhador do futuro e não no educando (CASTELLANI FILHO, 1998).

Anos mais tarde em 1961, a EF conquista espaço como área de Comunicação e expressão juntamente com Língua Portuguesa e Educação Artística, com a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº4.024/61), e é apresentada no artigo 22, nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos (BRASIL, 1961). Nas escolas primárias, atualmente nomeadas como ensino fundamental anos iniciais, as aulas de EF passam a ser ministradas pelos professores regentes, hoje designados professores pedagogos ou alfabetizadores, e segundo o Programa da Escola Primária de São Paulo, o conteúdo das aulas de EF nesta faixa etária contemplavam a recreação (individual e coletiva) nos seus variados aspectos, realizada por meio das atividades naturais, jogos, atividades rítmicas, dramatizações, atividades complementares (SÃO PAULO, 1967). Embora a possibilidade de trabalhar jogos e atividades de maneira mais espontânea e lúdica nesta faixa etária pareça uma mudança no olhar da disciplina para além das políticas militaristas, higienistas e de esportivização da época, é possível perceber novamente esta influência nos anos finais e médio com aulas centradas na aptidão física buscando rendimento e privilegiando corpos fortes, ágeis e rápidos enaltecendo sempre o senso moral e cívico, entendendo a importância do corpo para o mercado de trabalho ou serviço militar de acordo com o trecho abaixo:

A própria limitação com relação aos 18 anos de idade indica uma interrupção da necessidade da Educação Física e, conseqüentemente, de exercícios físicos que causariam desgaste ou exaustão, no período em que os indivíduos, supostamente, necessitariam de um maior aporte energético em função de sua inserção no mercado de trabalho. (DARIDO e SOUZA JUNIOR, 2009, p.2)

A preocupação com o serviço militar e mão de obra para ajudar a economia a crescer indagam o teor patriótico e a influência que as questões políticas exercem no conteúdo desenvolvido nas aulas, este fato ganha ainda mais notoriedade com o Regime Militar (1964-1985), que com o objetivo de ocupar os jovens do país diminuindo a oposição fortemente vivida, articula em 25 de julho de 1969, o Decreto-lei nº 705 alterando a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024/61 e tornando obrigatória a prática da EF em todos os níveis e ramos da escolarização, com predominância desportiva no Ensino Superior. Uma conquista com o peso de obrigatoriedade de um currículo voltado para esportes no ensino superior, maquiado pelo objetivo de ocupar os jovens do país diminuindo sua oposição principalmente pela União Nacional do Estudantes (UNE) ajudando a anular qualquer tentativa de rearticulação do movimento estudantil contra o governo da época, como afirma Castellani Filho (2010, p. 95):

Nesse cenário, coube à Educação Física o papel de, entrando no ensino superior, por conta do Decreto-lei n. 705/69, colaborar, através de seu caráter lúdico-esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação política do movimento estudantil. Evidenciava-se, dessa forma, os traços alienados e alienantes absorvidos pela "personagem" vivida pela Educação Física.

Mas havia ainda outro interesse em desenvolver as modalidades esportivas nas escolas, e estava vinculado em incentivar o esporte no país para formar atletas e atrair a atenção da população para o mundo esportivo, distraíndo-os da realidade do país e das críticas aos problemas socioeconômicos instaurados na época. Objetivos estes alcançados na Copa do Mundo de 1970, com a consagração da seleção brasileira como campeã e o espírito ufanista brasileiro aumentado, vislumbrando a força do povo e um Brasil melhor (CASTELLANI FILHO, 2010).

Após dez anos da primeira LDB, tornou-se inevitável uma nova reforma na educação, que culminou na implementação em 11 de agosto de 1971, da segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5692/71, firmando em seu artigo 7º a inclusão obrigatória da Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus. Entretanto, no dia 1 de dezembro de 1971, o Parecer nº 853/71, no artigo 1 e inciso 2, apresenta que a obrigatoriedade da oferta destas atividades contempla apenas os estabelecimentos oficiais, mantendo-se facultativa a



participação dos alunos. Pensamos que este inciso, atesta a inexistência da horizontalidade da EF que juntamente com Educação Artística e Inglês era considerada uma “Atividade” com cunho prático, sem reprovação exceto por faltas, defronte os conteúdos de Português, Matemática, Ciências, História e Geografia denominados disciplinas, pela orientação teórica (PAR.CFE. 853/71).

Além do tratamento da EF como atividade, este período também aprova a facultatividade das aulas de EF segundo o Decreto nº 69.450/ 71:

Art. 6º. Em qualquer nível de todos os sistemas de ensino, é facultativa a participação nas atividades físicas programadas:

- a) aos alunos do curso noturno que comprovarem, mediante carteira profissional ou funcional, devidamente assinada, exercer emprego remunerado em jornada igual ou superior a seis horas;
- b) aos alunos maiores de trinta anos de idade;
- c) aos alunos que estiverem prestando serviço militar na tropa;
- d) aos alunos amparados pelo Decreto-lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969, mediante laudo do médico assistente do estabelecimento.

É importante apreciarmos também o Decreto- lei 1.044 de 21 de outubro de 1969:

Art. 1º Serão considerados merecedores de tratamento excepcional os alunos de qualquer nível de ensino portadores de afecções congênicas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, determinados distúrbios agudos ou agonzados, caracterizados por:

- a) incapacidade física relativa, incompatível com frequência aos trabalhos escolares, desde que se verifique a conservação das condições intelectuais e emocionais necessárias para o prosseguimento da atividade escolar em novos moldes;
- b) ocorrência isolada ou esporádica;
- c) duração que não ultrapasse o máximo ainda admissível, em cada caso, para a continuidade do processo pedagógico de aprendizagem, atendendo a que tais características se verifiquem, entre outros, em casos de síndromes hemorrágicas (tais como a hemofilia, asma, cardite, pericardites, afecções osteoarticulares submetidas a correções ortopédicas, nefropatias agudas ou subagudas, afecções reumáticas, etc.).

O Decreto nº 69.450/71 renega a EF a mera atividade prática sem fins pedagógicos, em um lugar onde a maioria é suprimida pelas obrigações do trabalho ou do serviço militar, intensificando a visão capitalista e priorizando a aptidão física e manutenção da mesma para o mercado de trabalho, há uma desconsideração dos conceitos culturais e sociais que são propostos na disciplina, reduzindo o corpo à sua biologia, e, empobrecendo o olhar que lançamos às crianças, aos adolescentes, aos jovens que participam das aulas de EF (VAGO, 2009), contribuindo para a desvalorização dentro do contexto escolar e desigualdade frente às demais disciplinas que apenas aceitam a ausência em suas aulas quando o aluno é qualificado no citado decreto- lei 1.044.

Começamos a vislumbrar uma mudança na proposta e desenvolvimento da EF apenas à partir da década de 1970, com o advento de novas concepções e abordagens, inicialmente com a propagação pelo ministério da Educação e Cultura da Psicomotricidade, trazida por profissionais oriundos da Europa e que é interpelada como a solução para os inúmeros problemas que levavam ao fracasso educacional. Segundo Soares (1996, p.9), a Psicomotricidades trouxe “um vigoroso envolvimento da Educação Física com as tarefas da escola, com o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender (talvez bem mais do que com o de ensinar), com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores”. A preocupação da escola passa a ser com a formação integral da criança, e a EF passa a ser um meio de instrumentalização através do suporte das aprendizagens de cunho cognitivo- comportamental para o maior sucesso na alfabetização (GONZÁLEZ e SCHWENGBER, 2012).

Segundo Soares (1996, p. 9), a “Educação Física perde sua especificidade. Talvez este seja um dos momentos mais ricos e mais contraditórios de sua história recente”. Todo este incômodo com o termo “atividade” empregado para a EFE e sua perda de especificidade, gera uma inquietação nos estudiosos aumentando as pesquisas e estudos culminando no Movimento Renovador, com novas abordagens para a EF, como a Psicomotricidade apresentada acima na década de 1970, e as abordagens Crítico- superadora, Construtivista- interacionista, Desenvolvimentista, Sistêmica, Cultura corporal, entre outras; apresentadas no final da década de 1980 e início de 1990, e a necessidade de instituir a EF como componente curricular.

O movimento renovador da Educação Física brasileira entendeu que uma das ações necessárias seria “elevar” a Educação Física à condição de disciplina curricular (e não de mera atividade), para o que seria necessário demonstrar e afirmar que ela possui, assim como os outros componentes curriculares, um conhecimento, um saber (inclusive conceitual) necessário à formação plena do cidadão. (FENSTERSEIFER e GONZÁLEZ, 2008, p.1)

Esta afirmação revela, do ponto de vista temporal, o rompimento com o período do ensino tradicional pautado no saber fazer das práticas corporais, prioritariamente direcionadas às modalidades esportivas, intensificando a atenção para a dimensão do saber sobre o fazer, causando questionamentos e propiciando uma nova mudança da proposta curricular escolar.

Além disso, aumenta a preocupação com a equidade de acessibilidade básica da educação e a necessidade de documentos que indiquem conteúdos de aprendizagem básicos para o Ensino Fundamental, assim em 1988 a Constituição da República Federativa do Brasil,

em seu Art. 210 instaura: Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais (BRASIL, 1988). Talvez este seja o marco de partida para compreendermos a construção que findou na atual BNCC (BRASIL, 2017), entendendo à partir deste momento a importância de planejar e organizar uma base para estruturas curriculares nacionais ou ao menos, um documento norteador para que cada estado e instituição se apoie e elabore seu currículo.

As mudanças ideológicas e a necessidade de melhorar a educação do país e propiciar conteúdos básicos de aprendizagem culminam na terceira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB 9.394/96, que além de integrar a EF como componente curricular da proposta pedagógica da escola, apresenta novamente a necessidade de se pensar em uma base nacional comum com o artigo 26:

Art. 26 - Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

[...] § 3º - A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos. (BRASIL, 1996)

A EF finalmente conquista, do ponto de vista da legislação, seu espaço na escola para buscar cumprir a missão de desenvolver o educando e assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania fornecendo-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, de acordo com o artigo nº 22 da LDB de 1996, se não fosse por um pequeno detalhe, a facultatividade ao aluno:

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II – maior de trinta anos de idade;

III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;

IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;

V – (VETADO)

VI – que tenha prole”. (BRASIL, 1996, Art. 26, § 3º)

Esta facultatividade alerta para a necessidade de novas mudanças, pois se contrapõe a ideia dos conceitos culturais e sociais que só serão contemplados pelos alunos ao realizar a disciplina de EF, e a subjugam à um papel prático, vinculado ao simples saber fazer privando das aulas os alunos que apresentem cansaço físico pela jornada de trabalho de 6 horas ou serviço militar, ou por ter filhos.

Em 1997 é promulgado os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), visando democratizar a EF, humanizando os alunos pela diversificação das práticas pedagógicas através da Cultura corporal do movimento, com o objetivo de abarcar dimensões socioculturais, afetivas e cognitivas, tentando transcender as abordagens tradicionais técnico-biológicas e pleiteando o ensino baseado na “incorporação de conhecimentos, valores e habilidades, expressos principalmente nas manifestações do esporte, do jogo, da ginástica, da luta e da dança” (BRASIL, 1997).

Os PCNs impulsionam o ensino de conteúdos atitudinais, procedimentais e conceituais, afinando na dimensão procedimental o ensinar a pensar e produzir conhecimento com autonomia; na dimensão atitudinal a prática constante, coerente e sistemática da aprendizagem de valores e atitudes expressos nos relacionamentos entre as pessoas e na escolha dos assuntos tratados, e enaltecendo as questões de ordem emocional pelas diferenças sociais de valores e atitudes próprios de cada aluno e cada grupo social; e para finalizar o enfoque ao embasamento teórico conceituando os conteúdos abordados (BRASIL, 1997).

Claramente os PCNs são um marco para auxiliar na elaboração de um currículo e novas metodologias e principalmente para a EF, pois se preocupa com o aluno como um todo e com a importância de propiciar o acesso à cultura corporal do movimento em suas diversas manifestações.

Em 2001 com a Lei nº 10.328, de 12 de dezembro, finalmente foi alterado o inciso 3º do artigo 26 da LDB, fazendo incluir o termo “obrigatório”, em uma expectativa de diminuir a possibilidade de interpretação errada quanto a obrigatoriedade da EF como componente curricular. Mas ainda assim, esta tentativa não altera a facultatividade aos casos específicos previstos na LDB de 1996, Art.26, § 3º acima citados, demonstrando talvez por parte de quem criou a lei pouco conhecimento ou um conhecimento retrogrado sobre o conteúdo e o papel da EFE.

Este é o momento em que a EF está consolidada, do ponto de vista temporal, como componente curricular e detém conhecimentos relacionados à cultura corporal do movimento, contudo ainda há um grande anseio em desenvolver uma base nacional comum – conforme previsto pela Constituição Federal de 1988 –, e para orientar este processo e auxiliar as escolas e municípios neste planejamento curricular, dois documentos são aprovados. O primeiro define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (DCNs), Resolução n. 4, do dia 13 de julho de 2010 e o segundo o Plano Nacional de Educação (PNE),

Lei n. 13.005, no dia 25 de junho de 2014. O PNE apresenta vinte metas de melhoria da Educação, dentre elas a meta 7.1:

[...] estabelecer e implantar, mediante pactuação inter-federativa, diretrizes pedagógicas para a educação básica e a base nacional comum dos currículos, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos (as) alunos (as) para cada ano do ensino fundamental e médio, respeitada a diversidade regional, estadual e local. (BRASIL, 2014, Art. 7, § 1º)

Suas contribuições juntamente com as Conferências e Seminários realizados com especialistas, possibilitaram em 16 de setembro de 2015, a 1ª versão da BNCC para o ensino fundamental. A 2ª versão da BNCC, foi apresentada em 3 de maio de 2016, e foi debatida, embora de forma restrita e sem clara devolutiva do diálogo, pela comunidade escolar. Esta nova versão passou por um novo processo de análise e discussão, através de seminários realizados pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), novamente sem muita clareza e de difícil acesso da comunidade escolar (NEIRA, 2018), para que enfim em um processo colaborativo a versão final fosse entregue em abril de 2017 e homologada em 20 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2017).

Em 22 de dezembro de 2017, com a 3ª versão em mãos, o CNE apresenta a Resolução CNE/CP nº 2, que institui e orienta a implantação da BNCC (BRASIL, 2017).

Toda a discussão da história da EF e da BNCC culminaram no momento atual, ao qual, compreendendo o caminho percorrido, nos concede a possibilidade de nos debruçarmos sobre a BNCC e principalmente sobre a construção de uma proposta de PCNML dentro do ambiente escolar.

### **3.1 Objetivos da Base Nacional Comum Curricular**

A Resolução CNE/CP nº 2 de 22 de dezembro de 2017, tornou obrigatória a partir de 2020 a adequação dos currículos, materiais didáticos, projeto político pedagógico, planos de aulas e formação docente de maneira mais coerente baseados na BNCC, que procura oportunizar a equidade de aprendizagem entre os alunos de todo o país, proporcionando um conjunto de aprendizagens essenciais, definidas como:

[...] conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e a capacidade de os mobilizar, articular e integrar, expressando-se em competências.

Parágrafo único. As aprendizagens essenciais compõem o processo formativo de todos os educandos ao longo das etapas e modalidades de ensino no nível da Educação Básica, como direito de pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2017, n. 2, Art. 2)

Embora seja difícil julgar o que é realmente essencial para cada indivíduo, a base procura propor conhecimentos básicos que os alunos devem desenvolver no período escolar, e de acordo com Betti (2018, p.43) “esta é certamente uma tarefa tão necessária quanto polêmica e desafiadora, em especial pela heterogeneidade e grandeza do nosso país”, sendo ao nosso ver uma enorme conquista para a educação brasileira, pois na “condição de um elemento administrativo, a BNCC pode ser considerada como balizadora do currículo escolar, que exerce uma intencionalidade na formação dos brasileiros” (BOSCATTO et al, 2016, p.99). Determinando uma base curricular comum de conhecimentos básicos a todos os alunos ao longo da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais e finais e Ensino Médio), e talvez neste momento, possibilitando saber que o aluno indiferente da escola ou série escolar poderá ter uma sequência pedagógica comum sem perda de conhecimentos que serão necessários para uma evolução contínua da aprendizagem.

Betti (2018) esclarece muito bem o papel da BNCC como referencial curricular ao apresentar que “um currículo demanda explicitar PORQUÊ (finalidades/ objetivos), O QUE (conteúdo), COMO (método), QUANDO (distribuição no tempo) e PARA QUEM (sujeitos da aprendizagem). Um currículo não é apenas uma listagem de conteúdos e objetivos” (p. 156). A BNCC abdica da padronização dos conteúdos e não apresenta por exemplo, O QUE, nem COMO ou PARA QUEM ela foi elaborada pois esta padronização será desenvolvida por cada escola ao elaborar seu próprio currículo composto pela base curricular comum sugerida pela BNCC e por uma parte curricular diversificada respeitando as características regionais, culturais, de economia e da clientela de cada escola.

Considerando especificamente a EF, a BNCC em nosso entendimento se torna uma grande aliada pois após tantas mudanças ocorridas a partir de 1980, ainda encontramos muitas aulas baseadas no “rola-bola”, na “esportivização”, em reproduções de experiências pessoais e em uma contínua repetição de conteúdos (BETTI, 2018), sendo necessário um balizador de programa de conteúdos, definidos com objetivos específicos para cada série de ensino e com evolução da complexidade para nortear os professores que não compreenderam ainda as mudanças presentes na EF.

O principal fundamento pedagógico desta base é o desenvolvimento integral dos estudantes atendendo às dimensões: intelectual, social, física, cultural e emocional, definindo além das aprendizagens essenciais, dez competências gerais. Na Figura 1 é possível verificar de maneira detalhada cada uma das dez competências:

**Figura 1:** Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, 2017.

Inicialmente, é necessário compreender que a BNCC apresenta competência como uma “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p.8).

E segundo Vidotti (2020, p.37) “apesar de ser entendida, na base, como potencial para o desenvolvimento em diversas dimensões da atividade humana, a pedagogia por competências sofre forte crítica a respeito de ser direcionada para o aprimoramento dos saberes relacionados ao mundo do trabalho”, além disso, “um indivíduo sábio não é necessariamente

competente, nem a competência é um somatório, mas uma combinatória de elementos em que cada um se modifica em função das características daqueles aos quais se junta” (DIAS, 2010, p. 75), ou seja, a pessoa se torna competente ao se adaptar a demanda ou tarefa que lhe é apresentada. Da mesma forma, Dias (2010, p. 75) pontua muito bem a adaptação à tarefa ao apresentar que “a noção de competência remete para situações nas quais é preciso tomar decisões e resolver problemas, associa-se à compreensão e avaliação de uma situação, uma mobilização de saberes, de modo a agir/reagir adequadamente”. Desta forma é importante prestar atenção em como as competências serão desenvolvidas em nossas aulas para que possamos agir de acordo com os princípios fundamentais da cidadania que requerem a aquisição de competências de cunho mais crítico, não necessariamente voltadas à empregabilidade (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

Outro ponto de destaque apresentado nas competências está relacionado a preocupação apresentada na BNCC em respeitar e aprender a conviver com as diferenças e diversidades, mas será que isto ficou realmente claro?

“A educação conduz a criança ao estado da cultura produzida historicamente, com isso, desenvolve-se a formação dos sujeitos” (BOSCATTO et al, 2016, p. 103), mas Chauí (1994, p. 295) esclarece que a “cultura é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística”. Acreditamos que a escola precisa acompanhar esta evolução cultural e ser um espaço de debates e acolhimento aos diferentes ideais de sociedade e talvez este seja o ponto aonde a BNCC peca e se contradiz em suas competências, pois a escola é um “terreno político e não meramente pedagógico e cultural” (SACRISTÁN, 2000, p. 24) e “existem elementos de cunho político e administrativo que interferem diretamente nas práticas de ensino desenvolvida nas escolas” (BOSCATTO et al, 2016, p. 98).

Desta forma, embora em alguns trechos como este apresentado na disciplina de EF: “[...] as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório” (BRASIL, 2017, p. 211) apareçam no documento beirando o culturalismo, ainda assim fica visível na BNCC seu teor mais conservador e que direciona a maioria das construções curriculares que, mesmo podendo desenvolver com maior profundidade uma abordagem culturalista, ou seja, “aspectos relacionados às diversidades regionais, de etnias, de classes sociais, de gênero, de pessoas com necessidades especiais, etc. e seus respectivos significados socialmente construídos”



(BOSCATTO et al, 2016, p. 106) na parte diversificada que corresponde a cerca de 40% do currículo (CALLAI et al, 2019), se além a seguir o princípio conservador da base.

Após compreender os princípios aos quais a BNCC se sustenta, apresentaremos a organização da BNCC no Ensino Fundamental anos iniciais e o papel da EF principalmente relacionado às suas especificidades perante as oito dimensões do conhecimento e as propostas da cultura corporal do movimento frente às seis unidades temáticas.

### **3.2 Organização do Ensino Fundamental anos iniciais e da Educação Física**

O ensino fundamental encontra-se organizado em cinco áreas do conhecimento (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso), à qual cada área estabelece competências específicas a serem desenvolvidas pelos alunos. Entretanto, algumas áreas apresentam mais de um componente curricular, como é o caso da área de linguagens (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Arte e Educação Física), sendo necessário também definir nestes casos, a competência específica que vai ser desenvolvida naquele componente pelos alunos.

As competências específicas dos componentes curriculares contemplam um conjunto de habilidades que “estão relacionadas a diferentes objetos de conhecimento – aqui entendidos como conteúdos, conceitos e processos –, que, por sua vez, são organizados em unidades temáticas” (BRASIL, 2017, p. 26). A evolução dos objetos de conhecimento visa a articulação com as experiências que o aluno adquiriu anteriormente, neste caso, na Educação infantil, desta forma nos anos iniciais do ensino fundamental é necessário valorizar situações lúdicas e proporcionar novas experimentações aos alunos de maneira a construir o conhecimento.

O último componente desta estrutura são as unidades temáticas, definidas como “um arranjo dos objetos de conhecimento ao longo do ensino fundamental adequado às especificidades dos diferentes componentes curriculares” (BRASIL, 2017, p. 27). Cada unidade temática pode apresentar uma variação na quantidade de objetos de conhecimento, assim como no número de habilidades (aprendizagens essenciais), às quais poderão ser melhor compreendidas mais adiante.

Espera-se que até este momento, seja possível entender com clareza como foi estruturado o ensino fundamental na BNCC e seus principais objetivos referente à organização,

planejamento e melhoria da educação. Avançaremos agora para o componente curricular EF, que segundo a base:

[...] tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. (BRASIL, 2017, p. 213)

A expectativa é promover experiências significativas de movimento, pelas quais os estudantes tenham a oportunidade de compreender criticamente as Dimensões do Conhecimento. O Quadro 1 apresenta as dimensões do conhecimento indicadas na BNCC.

**Quadro 1:** Dimensões do conhecimento (continua).

<p><b>1. Experimentação:</b> são conhecimentos que não podem ser acessados sem passar pela vivência corporal, sem que sejam efetivamente experimentados. Faz parte dessa dimensão, além do imprescindível acesso à experiência, cuidar para que as sensações geradas no momento da realização de uma determinada vivência sejam positivas ou, pelo menos, não sejam desagradáveis a ponto de gerar rejeição à prática em si.</p>
<p><b>2. Uso e apropriação:</b> refere-se ao conhecimento que possibilita ao estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática corporal. Trata-se do mesmo tipo de conhecimento gerado pela experimentação (saber fazer), mas dele se diferencia por possibilitar ao estudante a competência necessária para potencializar o seu envolvimento com práticas corporais no lazer ou para a saúde. Diz respeito àquele rol de conhecimentos que viabilizam a prática efetiva das manifestações da cultura corporal de movimento não só durante as aulas, como também para além delas.</p>
<p><b>3. Fruição:</b> implica a apreciação estética das experiências sensíveis geradas pelas vivências corporais, bem como das diferentes práticas corporais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos. Essa dimensão está vinculada com a apropriação de um conjunto de conhecimentos que permita ao estudante desfrutar da realização de uma determinada prática corporal e/ou apreciar essa e outras tantas quando realizadas por outros.</p>
<p><b>4. Reflexão sobre a ação:</b> refere-se aos conhecimentos originados na observação e na análise das próprias vivências corporais e daquelas realizadas por outros. Vai além da reflexão espontânea, gerada em toda experiência corporal. Trata-se de um ato intencional, orientado a formular e empregar estratégias de observação e análise para: (a) resolver desafios peculiares à prática realizada; (b) apreender novas modalidades; e (c) adequar as práticas aos interesses e às possibilidades próprios e aos das pessoas com quem compartilha a sua realização.</p>
<p><b>5. Construção de valores:</b> vincula-se aos conhecimentos originados em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais, que possibilitam a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática. A produção e partilha de atitudes, normas e valores (positivos e negativos) são inerentes a qualquer processo de socialização. Por esse motivo, a BNCC se concentra mais especificamente na construção de valores relativos ao respeito às diferenças e no combate aos preconceitos de qualquer natureza.</p>
<p><b>6. Análise:</b> está associada aos conceitos necessários para entender as características e o funcionamento das práticas corporais (saber sobre). Essa dimensão reúne conhecimentos como a classificação dos esportes, os sistemas táticos de uma modalidade, o efeito de determinado exercício físico no desenvolvimento de uma capacidade física, entre outros.</p>
<p><b>7. Compreensão:</b> está também associada ao conhecimento conceitual e refere-se ao esclarecimento do processo de inserção das práticas corporais no contexto sociocultural, reunindo saberes que possibilitam compreender o lugar das práticas corporais no mundo. Em linhas gerais, essa dimensão está relacionada a temas que permitem aos estudantes interpretar as manifestações da cultura corporal de movimento em relação às dimensões éticas e estéticas, à época e à sociedade que as gerou e as modificou, às razões da sua produção e transformação e à vinculação local, nacional e global.</p>

**Quadro 1:** Dimensões do conhecimento (conclusão).

**8. Protagonismo comunitário:** refere-se às atitudes/ações e conhecimentos necessários para os estudantes participarem de forma confiante e autoral em decisões e ações orientadas a democratizar o acesso das pessoas às práticas corporais, tomando como referência valores favoráveis à convivência social. Contempla a reflexão sobre as possibilidades que eles e a comunidade têm (ou não) de acessar uma determinada prática no lugar em que moram, os recursos disponíveis (públicos e privados) para tal, os agentes envolvidos nessa configuração, entre outros, bem como as iniciativas que se dirigem para ambientes além da sala de aula, orientadas a interferir no contexto em busca da materialização dos direitos sociais vinculados a esse universo

Fonte: Adaptado da Base Nacional Comum Curricular, 2017, p. 220- 222.

A BNCC apresenta as dimensões do conhecimento e suas definições, mas sem muito aprofundamento deixando lacunas para sua compreensão como afirma Rodrigues (2016, p.38):

É importante definir no texto o significado das dimensões de conhecimento, experimentação, produção, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise e compreensão crítica das práticas corporais e protagonismo comunitário. Ou seja, é preciso definir qual o entendimento desses conceitos no contexto da proposta de Educação Física. Por exemplo, a palavra fruição está sendo adotada com o mesmo sentido de fruição estética, muito utilizada na área de Artes? Qual a diferença entre experimentação e produção? Protagonismo comunitário significa auto-organização da comunidade escolar ou da comunidade na qual a escola se insere? Tem aproximação com o conceito de protagonismo juvenil?

E embora apresente dificuldades pontuais justifica que, é por meio dessas dimensões que o professor promoverá uma educação integral a seus alunos ampliando as possibilidades pedagógicas dos conhecimentos e permitindo a relação orgânica entre os saberes.

A partir delas acredita-se que o aluno poderá ter um avanço no mesmo conhecimento de um ano para o outro (CALLAI et al, 2019, p. 13), e embora este objetivo pareça acessível, ela entende ser “importante que cada dimensão seja sempre abordada de modo integrado com as outras, levando-se em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva” (BRASIL, 2017, p. 222), mas acreditamos ser difícil contemplar todas as dimensões de modo integrado em uma única proposta, principalmente entendendo que a disciplina de EF não se trata apenas de conteúdos práticos para que, por exemplo a dimensão da experimentação seja desenvolvida. Desta maneira acreditamos ser necessário um aprofundamento maior sobre as dimensões do conhecimento pela BNCC para que conceitos importantes não sejam subvalorizados.

Compreender a importância das aprendizagens advindas deste componente curricular e, principalmente, apresentar este leque de opções que superam os conteúdos até então contempladas pelo ensino tradicional, enaltecem a Educação Física no espaço da escola,

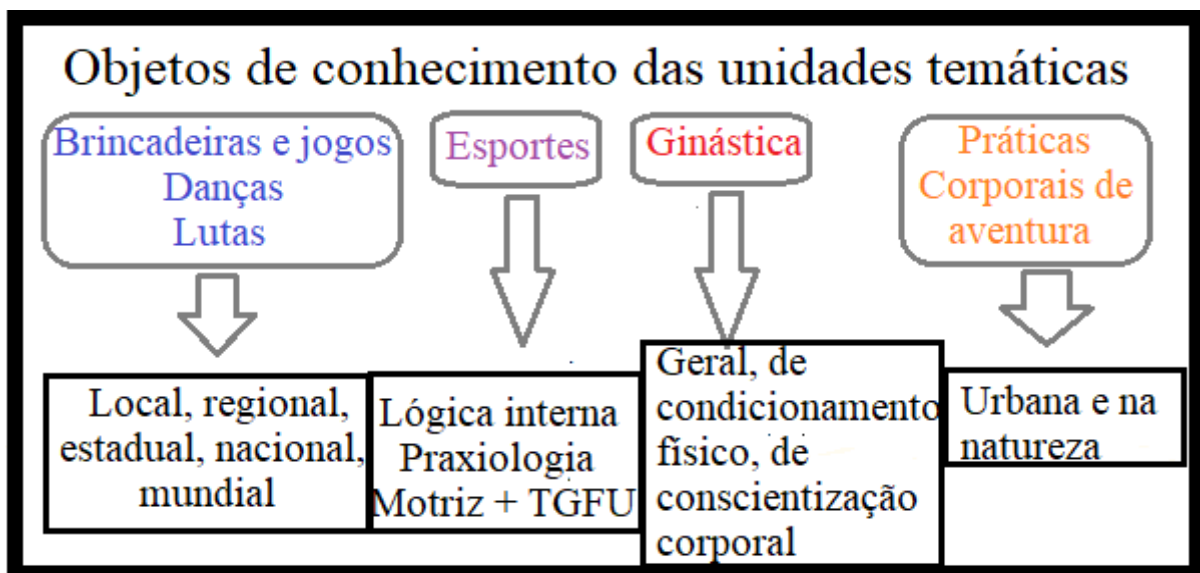
pois agregam oportunidades que nenhum outro componente conseguiria suprir e que diferem este conhecimento cultural único, que posteriormente poderá ser vivenciado de maneira autônoma pelo aluno, nos contextos de lazer e saúde, de outros componentes curriculares.

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica. (BRASIL, 2017, p. 213)

Essa pluralidade de experiências através do corpo em ação ou da leitura cultural de tudo que é produzido pelo corpo, possibilita-nos expressar sentimentos, ideias, pensamentos, desejos e ações, assumindo uma forma de expressão.

Para organizar estas manifestações culturais, a BNCC no ensino fundamental divide as práticas corporais em seis unidades temáticas: Brincadeiras e jogos, Esportes, Ginástica, Danças, Lutas e Práticas corporais de aventura. Apresentando critérios distintos para o agrupamento dessas unidades temáticas (Figura 2).

**Figura 2:** Objetos de conhecimento das unidades temáticas.



Fonte: adaptado de Ferreira e Ramos, 2021 - palestra sobre Praxiologia Motriz.

Ao nosso ver, fica claro na Figura 2 a preocupação em estabelecer um trabalho pedagógico que correlacione os objetos de conhecimento das unidades temáticas com as competências da educação básica, como é o caso de Brincadeiras e jogos, Danças e Lutas que

discutem as características locais, regionais e mundiais de acordo com a competência da educação básica de: “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2017, p. 9).

Antes de descrever cada unidade temática, é importante compreender que algumas unidades temáticas também poderiam ser contempladas na unidade temática Esporte, como é o caso de algumas Lutas (boxe, judô, taekwondo), modalidades Ginásticas (ginástica olímpica, ginástica rítmica), Danças (breakdance), Práticas corporais de aventura (surf, skate) e mais especificamente as Práticas corporais no meio líquido (nado sincronizado, polo aquático, natação, salto ornamental). Por isso às vezes os profissionais acabam se perdendo ao interpretá-la, pois ao tentar relacionar tantos referenciais dentro da BNCC e tentar dividir a cultura corporal do movimento que é tão ampla e com várias abordagens distintas, a compreensão da proposta é dificultada por parte de quem deverá implantá-la, e reduz o espaço de negociação cultural ao contribuir para fixar significados às unidades temáticas (NEIRA, 2018).

A primeira unidade abordada é a unidade temática Brincadeiras e jogos que explora atividades voluntárias exercidas dentro de determinados limites de tempo e espaço, caracterizadas pela criação e alteração de regras, combinada coletivamente, bem como pela apreciação do ato de brincar em si (BRASIL, 2017).

Aborda como objeto de conhecimento jogos e brincadeiras locais, regionais, estaduais, nacionais e mundiais divididos durante as séries do ensino fundamental. A alteração das regras pelos seus praticantes é o que diferencia as Brincadeiras e jogos dos Esportes, um exemplo claro desta justificativa, se encontra no jogo chamado de bola queimada na região sudeste e que recebe outros nomes como baleado e queimado em outras regiões do país, deixando claro desde o nome, que sofre alterações pontuais nas diversas situações do jogo em cada região, mas que estas alterações não impediram sua difusão pelo país permitindo denominá-lo de jogo popular.

Diferentemente do que apresentamos nas Brincadeiras e Jogos, na unidade temática de Esportes as regras são formalizadas e institucionalizadas por organizações (associações, federações e confederações esportivas), que irão definir inclusive as normas de disputa em qualquer lugar do mundo, viabilizando a comparação de um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (adversários) (BRASIL, 2017).

No entanto, segundo Paes (2000, p.33) “podemos compreender o esporte como uma atividade humana, ou mesmo patrimônio cultural da humanidade, cuja prática poderá apresentar-se com diferentes funções”, por isso é possível praticar modalidades esportivas em outros contextos, desde que seja delimitado o campo de atuação (rendimento, lazer, saúde e educacional), o cenário (escola, quadra, clubes, etc), personagens (crianças, jovens, adultos) e modalidades que serão desenvolvidas, para que possa ser definido o objetivo a ser atingido e as estratégias de trabalho (PAES, 2000). Dentro desta explanação o esporte pode ser de:

- Rendimento: atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos (BARBANTI, 2006, p.57).
- Lazer: participação sem qualquer compromisso com as regras estabelecidas pelas entidades das práticas esportivas, a finalidade principal é promover bem-estar e satisfação (TUBINO, 2006).
- Saúde: com o objetivo de se manter em uma vida ativa, preservando um bem-estar físico e mental.
- Educacional: poderá ocorrer privilegiando-se seu caráter lúdico, proporcionando aos alunos a oportunidade de conhecer, aprender, tomar gosto, manter o interesse pela ação esportiva e ainda contribuir para a consolidação da EF como uma disciplina (PAES,1996).

Na escola o enfoque será no esporte educacional, de maneira a priorizar os objetivos de equidade propostos pela BNCC, sendo necessário pensar nesta unidade temática tratando o Esporte de maneira pedagógica, ou seja, seguindo suas características formais de regulação das ações, porém, adaptando as demais normas institucionais aos interesses dos participantes, às características do espaço, ao número de jogadores, ao material disponível, etc. (BRASIL, 2017)

Considerando que a origem do esporte está no jogo, este, situado na interface com o esporte, permite, de certa forma, validar suas origens. O jogo revela-se importante no processo de aprendizagem do esporte. Já há algum tempo discute-se, na educação física, a utilização do jogo como um facilitador na educação de crianças e jovens. (PAES, 2002, p.79)

Na escola o jogo se torna uma adaptação possível e necessária para atender as diferentes demandas dos alunos, por isso, mesmo não seguindo as definições de regras

formalizadas é possível dizer que estamos desenvolvendo esporte na aula de EF, dentro do conceito de “jogo possível” apresentado por Paes (2002, p.79):

O “jogo possível” possui um caráter lúdico e, ao mesmo tempo, pode ser um facilitador para os alunos compreenderem a lógica interativa de técnica e tática dos jogos coletivos.

O “jogo possível” permite ao professor promover intervenções no processo de educação dos alunos, possibilitando-lhes o aprendizado dos fundamentos e das regras, trabalhando em espaços físicos que podem ser adaptados e, com o uso reduzido de materiais, permitindo a integração de quem sabe jogar com quem quer aprender.

Além disso, devemos destacar sua importância como recurso pedagógico de uma proposta que tem como objetivo dar ao aluno uma oportunidade de conhecer, aprender e utilizar o esporte de acordo com seus interesses.

Após compreender as adaptações necessárias para evitar a exclusão nas aulas de EF, e devido à variedade de modalidades esportivas e das diferenças de lógica e ações motrizes no desenvolvimento dessas modalidades, a BNCC utiliza a “classificação baseada na lógica interna, tendo como referência os critérios de cooperação, interação com o adversário, desempenho motor e objetivos táticos da ação” (BRASIL, 2017, p. 215).

Assim, esta unidade temática divide as modalidades esportivas em sete categorias: marca (comparam resultados em segundos, metros ou quilos), precisão (acertar um alvo específico), técnico- combinatório (ação motora comparada ao padrão e qualidade do movimento), rede/ quadra ou parede de rebote (arremessar, lançar ou rebater a bola para a quadra adversária), campo e taco (rebater a bola o mais longe possível), invasão ou territorial (defesa e ataque) e combate (combinação de ações de ataque e defesa para subjugar o adversário), que serão desenvolvidas ao longo de todo o ensino fundamental.

A terceira unidade temática apresentada é a Ginástica, que na BNCC é proposta com três diferentes classificações: ginástica geral (exploração de possibilidades expressivas e acrobáticas do corpo), ginástica de conscientização (posturas e exercícios respiratórios para perceber melhor o próprio corpo), ginástica de condicionamento físico (manutenção da condição física e modificação da composição corporal).

A quarta unidade temática é Dança, que “explora o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias” (BRASIL, 2017, p. 218). A Dança é conhecida como uma linguagem universal e no Brasil apresenta uma força cultural enorme, manifestando características regionais, africanas, indígenas e eruditas influenciadas por ritmos e coreografias que se diferem e se complementam de norte a sul do país.

A quinta unidade temática desenvolvida são as Lutas, que possibilitam através das disputas corporais desenvolver “técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário” (BRASIL, 2017, p. 218). A abordagem deste conteúdo nas escolas propicia um ambiente de diálogo sobre a violência, diferenças entre lutas e brigas, vivência de lutas de origem indígena, africana e de outros países, além de estimular o aumento do repertório motor e principalmente, do entendimento da dinâmica dos combates que eles apreciam na mídia, muito longe da ideia que ainda encontra-se enraizada em várias escolas e que angústia muitos profissionais, de que aumentará ou incentivará a violência.

Por fim, a sexta e última unidade temática é a unidade de Práticas corporais de aventura, que exploram situações de imprevisibilidade, na interação do corpo com um ambiente desafiador. “Algumas dessas práticas costumam receber outras denominações, como esportes de risco, esportes alternativos e esportes extremos” (BRASIL, 2017, p. 218). A BNCC procura diferenciá-las utilizando apenas o critério do ambiente, ou seja, urbano ou da natureza.

As mudanças que a BNCC traz para a Educação Física são avanços em termos de concepções críticas, preocupadas em formar um indivíduo capaz de conhecer e reconhecer a cultura corporal de movimento, além de ter capacidade e autonomia de se posicionar diante dela e refletir perante cada conhecimento e os espaços que são ofertados pela comunidade, além de levar o aluno a observar se tem ou não a oportunidade de vivenciar tal prática fora do contexto escolar. (CALLAI et al, 2019, p. 14)

Acreditamos que causar uma reflexão no aluno sobre cada conhecimento e os espaços para vivenciar as práticas é um ponto muito forte nesta fala e ao mesmo tempo que é difícil pensar nas PCNML por este motivo, também vemos esta dificuldade nas Práticas corporais de aventura, seja ao desenvolvê-la na natureza ou ter equipamentos e acessórios adequados para desenvolvê-la na escola, além da própria definição de uma prática de risco, mas mesmo assim ela foi inserida como uma unidade temática que faz parte da proposta curricular comum, por isso deixo aqui uma reflexão: por que as PCNML não fazem parte da proposta curricular comum da BNCC igual outras unidades temáticas, que apresentam desafios similares para serem desenvolvidas?

Realizo esta reflexão pois as oportunidades de vivência, seja a nível de infraestrutura, seja a nível de aceitação da comunidade escolar se tornam mais fáceis quando a sugestão é apresentada através da proposta curricular comum, entretanto embora as PCNML sejam sugeridas na BNCC ao:



[...] sublinhar a necessidade e a pertinência dos estudantes do País terem a oportunidade de experimentar práticas corporais no meio líquido, dado seu inegável valor para a segurança pessoal e seu potencial de fruição durante o lazer. Essa afirmação não se vincula apenas à ideia de vivenciar e/ou aprender, por exemplo, os esportes aquáticos (em especial, a natação em seus quatro estilos competitivos), mas também à proposta de experimentar “atividades aquáticas. (BRASIL, 2017, p.219)

Ao analisarmos os 26 referenciais curriculares estaduais do Brasil (BRASIL, 2017) é possível verificar que apenas 6 estados (Alagoas, Amazonas, Goiás, Minas Gerais, Piauí e Tocantins) citam o trecho de sugestão destas PCNML em seu referencial e apenas Minas Gerais apresenta PCNML (polo aquático, natação, saltos ornamentais e nado sincronizado) como exemplo de objetos de conhecimento a serem desenvolvidos.

Desta forma acreditamos que seja pertinente reavaliar e apresentar as PCNML como proposta curricular comum, pois embora a BNCC destaque que a categorização apresentada não tem pretensões de universalidade, pois se trata de um entendimento possível, entre outros, sobre as denominações das (e as fronteiras entre as) manifestações culturais tematizadas na Educação Física escolar (BNCC, 2017), o fato de apresentá-las gera investimento e automaticamente maior possibilidade de desenvolvimento na escola.

Compreender os objetivos e a estrutura da BNCC são primordiais para o desenvolvimento do trabalho escolar, haja visto que como apresentado, positiva ou negativamente, a base é o alicerce que direciona a construção atual da educação do nosso país e é a partir de suas propostas que no próximo capítulo entenderemos o contexto das PCNML e possibilidades para desenvolvê-las nas aulas de EFE cumprindo o papel de pluralidade de conteúdos e formação integral do aluno propostas pela BNCC.

## 4 PRÁTICAS CORPORAIS NO MEIO LÍQUIDO

Inicialmente, é importante contextualizar o título deste capítulo e desta dissertação, pois embora várias áreas utilizem o termo Atividades Aquáticas (AA), para classificar “as manifestações corporais realizadas em meio aquático, a exemplo dos nados de superfície – crawl, costas, peito e borboleta –; do polo aquático, do nado artístico, da hidroginástica, dos saltos ornamentais, das atividades de aventura em meio líquido” (FREIRE e MACIEL, 2020, p. 68), ou seja, todos os tipos de intervenções que são realizadas no meio líquido e desta forma, também adequado para esta dissertação. É importante lembrar que existe uma luta muito intensa, apresentada no primeiro capítulo deste estudo, referente ao espaço ocupado pela EF na história educacional do nosso país, que por anos apresentou-na como mera atividade, e que poderia gerar um equívoco de trivialidade ao nome sem acentuar suas conquistas e sua importância quanto a disciplina e profissão.

O profissional de Educação Física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano [...]. (DAOLIO, 2004, p.02-03)

É necessária essa compreensão de atuação da área relacionada as várias manifestações culturais e principalmente ao corpo para que fique claro o quanto o termo “Práticas corporais no meio líquido” (PCNML) se torna mais adequado e relevante, sendo escolhido também pela BNCC, embora mantendo em sua essência o mesmo significado que AA.

Mas antes de pensarmos no contexto das PCNML, é importante compreender que saber se locomover no meio líquido é uma preocupação antiga do homem, Platão, na Grécia já havia prescrito na lei 689 que “todo cidadão educado é aquele que sabe ler ou nadar” (MORÉS, 2011, p. 120), Moreno-Murcia e Pérez (2022, p. 2) complementam atualmente esta afirmação ao citarem que “aprender a nadar pode ser tão importante quanto aprender a ler, calcular ou escrever”, dada a inerente importância social, cultural e vantagem motora que as práticas aquáticas proporcionam. Mas o que significa saber nadar?

Tradicionalmente "saber nadar" é definido como saber se deslocar utilizando um conjunto de técnicas de Crawl, de Costas, de Peito ou de Borboleta e metodologias específicas de ensino (RUIZ, 2017; BARBOSA, 1999), entretanto existe uma intensa discussão que entende que saber nadar é muito mais do que um conjunto de técnicas, é saber estar no meio

líquido, tendo recursos necessários para se defender e desfrutar da água, com comportamentos adequados e uma boa relação com o meio em questão (CARVALHO, 1992; MORENO e SANMARTÍN, 1998; LANGERDORFER e BRUYA, 1995; MORENO-MURCIA e RUIZ, 2019). Através deste entendimento que desvincula de uma certa forma a modalidade esportiva natação à elevando a nível de especialização, é possível associar saber nadar ao desenvolvimento de “competência aquática”.

Numa perspectiva educativa contemporânea, a competência aquática integra não apenas a habilidade para nos movermos na água, como também a habilidade para interpretar situações que requeiram um desempenho competente, a habilidade de iniciar relacionamentos com outras pessoas na água e a habilidade de resolver problemas aquáticos com ou sem equipamento, sozinho ou em companhia. (MORENO-MURCIA e RUIZ, 2022, p.131)

Esta definição caracteriza o meio líquido como sendo muito mais do que o ambiente para a prática de apenas uma modalidade esportiva, mas um espaço que promove um conjunto de conhecimentos, procedimentos, atitudes e afetos (STALLMAN, 2017) e reforça a necessidade de uma Educação aquática vinculada à escola, já que o objetivo principal no âmbito escolar é a educação, e que a EF dentro de seu conteúdo curricular deveria e poderia incorporar a Educação aquática (ALBARRACÍN e MORENO-MURCIA, 2017).

É importante destacar que manteremos o termo Educação aquática, que compreende diálogos contínuos sobre questões relacionadas à segurança ao utilizar estes ambientes com uma perspectiva preventiva, que permita prover aos alunos recursos para identificar, evitar e antecipar situações de risco (educação para a prevenção) ou resolvê-las da forma mais adequada para uma melhor sobrevivência (educação para a reação) (OLIVAR et al, 2022, p. 147), compreendendo ser o termo mais adequado para a pesquisa.

Atualmente, são poucos os países que não oferecem programas de ensino da natação aos seus cidadãos. O que não está claro é se estes programas consideram os fatores de risco que caracterizam as diferentes áreas ou regiões e a sua relação com as suas atividades habituais (pesca, vela, natação recreativa, etc.), os diferentes espaços aquáticos que possam existir (piscinas, mar, lagos, pântanos, rios, etc.), bem como as diferentes circunstâncias que podem ocorrer (surpresa, queda, estar vestido, etc.). (MORENO-MURCIA e RUIZ, 2022, p. 130)

A maioria dos países se preocupa em oferecer ao menos a natação como uma PCNML aos seus cidadãos, o que nos leva a reflexão e a crença de que a forma mais eficaz para proporcionar a acessibilidade aos cidadãos brasileiros, seguindo o exemplo de alguns países, seria através da oferta gratuita no sistema público de ensino durante as aulas do componente curricular de EFE. Visto que, “somente se introduzirmos a educação aquática no contexto

escolar, será possível alcançar a sua universalização, abrangendo toda a população sem qualquer tipo de discriminação, seguindo neste caso, o conceito de direito da sociedade” (OLIVAR et al, 2022, p. 147).

Ao observar a realidade da minha cidade, por exemplo, a única escola que ministra aulas de PCNML é a que leciono e que não apresenta lugar para realizar a mesma, gerando um deslocamento até a piscina que frequentamos. No entanto, quero chamar atenção aqui não só para o fato de não ter uma estrutura em minha escola, mas principalmente ao fato da escola que se encontra neste espaço no qual realizo as PCNML, não fazer uso do espaço para aulas no meio líquido.

Outro ponto é que este espaço é o único espaço público que oferece aulas de natação gratuitamente a uma mínima parcela da população, entretanto as aulas estão suspensas desde antes da pandemia, o que acaba gerando acesso aos ambientes aquáticos apenas a população que apresenta um maior poder aquisitivo e pagam clubes ou academias para ter acesso principalmente a modalidade esportiva da natação, e este fato também demonstra uma desigualdade social e direitos que poderiam ser garantidos com as aulas sendo um conteúdo escolar.

Mas quais pontos precisam ser considerados ao pensar na inserção das PCNML como conteúdo curricular na EFE? Quais os desafios? Quais as possibilidades? Neste sentido, alguns aspectos devem ser considerados.

## **4.1 Pontos a considerar**

### **4.1.1 Espaço físico adequado**

Apenas 6,3% das escolas municipais no Brasil possuíam piscinas em 2016, segundo o Suplemento de Esporte do Perfil dos Estados e Municípios Brasileiros (IBGE, 2017). E ao nosso ver, a não obrigatoriedade das PCNML já se torna uma das maiores justificativas para a falta de espaços adequados, pois isenta o investimento de órgãos públicos para adequar lugares para a realização destas práticas. Sendo o argumento mais encontrado entre os profissionais da área para não selecionar este conteúdo em seu planejamento curricular, como apresentado por Carlan e Dürks (2018), que investigaram 36 professores de EFE e apenas 4

relataram que desenvolviam aulas no meio líquido, e a principal justificativa dos demais era a falta de espaço físico adequado.

Como apresentado, o ideal seria o investimento dos órgãos públicos, entretanto na falta dos mesmos, Borges (2019, p. 117) propõe para esse problema:

[...]quatro linhas de ação para se buscar espaço físico para a realização das atividades aquáticas práticas:

- 1) o contato com clubes esportivos/recreativos que tenham piscinas e aceitem disponibilizar alguns turnos de suas piscinas para utilização da escola;
- 2) a busca por projetos de natação ou similares (remo, canoagem) que possam disponibilizar espaço físico e “segurança” (professores, coletes salva-vidas) para vivência;
- 3) A utilização de rios, lagos ou riachos existentes na cidade em que a escola está situada. Nesse caso é importante a solicitação de apoio para setores públicos atuantes na comunidade, tais como: integrantes do Exército Brasileiro ou do Corpo de Bombeiros;
- 4) Deslocamento até balneários ou similares na cidade.

É lógico que estas são soluções que gostaríamos que fossem utilizadas a curto prazo, mas seria um começo e uma oportunidade de promover a Educação aquática aos alunos.

No entanto, a falta de espaço físico adequado não parece ser o único aspecto que explique a pouca inserção das PCNML nas aulas de EF, como apresentaremos a diante.

#### **4.1.2 Pesquisas**

Outro aspecto que pode ser causa ou consequência da não realização das PCNML no âmbito escolar é a escassez de pesquisas sobre o tema, algo que comprovamos ao realizar a pesquisa utilizando o termo PCNML, ao qual não encontramos estudos com estas palavras mesmo com este termo sendo apresentado na BNCC.

O mesmo aconteceu ao utilizar o termo AA, resultado que corroborou com o estudo de Rosa (2020), que procurou identificar estudos que descrevessem e analisassem “intervenções pedagógicas sobre atividades aquáticas nas aulas de Educação Física escolar”, pesquisando os termos “atividades aquáticas” AND “educação física escolar” em doze base de dados diferentes e não encontrou nenhum estudo.

Os achados em sua maioria estão centrados exclusivamente na natação e em seu desenvolvimento fora do âmbito escolar, trabalhos que apresentem as múltiplas possibilidades de objetos de conhecimento neste meio sendo tratados de maneira pedagógica não são encontrados, inclusive o próprio trabalho do Rosa (2020), que propõe intervenções pedagógicas

sobre atividades aquáticas, propõe aulas centradas na natação não estando enquadrado no contexto do nosso estudo e nem na definição de AA que entendemos ser adequada.

É compreensível que as pesquisas se concentrem nas áreas que são mais usualmente encontradas no âmbito escolar, entretanto também esperamos deixar claro ao final deste estudo que esta é uma área muito ampla e que merecia ser mais explorada principalmente com objetivo de torná-la componente curricular comum no currículo brasileiro, e principalmente ajudar a garantir conhecimento pedagógico aos profissionais de EF.

#### **4.1.3 Falta de conhecimento pedagógico**

A falta de conhecimento pedagógico por parte dos professores e até insegurança por parte da gestão escolar, já que se trata de um ambiente que pode ser visto como mais perigoso que os pátios, quadras ou campos das escolas, é outro fator que pode explicar a baixa adesão de profissionais de EF selecionando objetos de aprendizagem no meio líquido para serem contemplados em suas aulas. Fraga e González (2012, p. 42) corroboram ao afirmar que “não é fácil romper com a lógica que sustentou o trabalho docente em Educação Física por quase um século”, mas é necessário reavaliar as oportunidades que desenvolver este conteúdo proveriam a vida deste aluno.

Embora pareça simples, “em geral, os docentes até acreditam que precisam reformular sua docência, mas não sabem como reconstruí-la. Propor uma nova prática pedagógica acaba por não ser uma tarefa fácil”. (BEHRENS, 2007, p. 451). De acordo com Imbernón (2010, p.99): “Se trata de uma mudança nos processos que estão incorporados, como o conhecimento da matéria, da didática, dos estudantes, dos contextos, dos valores, etc., que estão ancorados na cultura profissional que atua como filtro para interpretar a realidade”.

Nos anos em que atuo no âmbito escolar com EF vivenciei com frequência professores que ministravam apenas conteúdos que dominavam e sabendo que a BNCC é apenas uma referência curricular e que não seria possível contemplar todos os conteúdos, não propor novos conteúdos e propostas diversificadas para a escola se tornou uma explicação comum e confortável.

Avançaremos agora para a principal justificativa de função social, intrínseca as PCNML, prevenção de afogamentos.

#### 4.1.4 Prevenção de afogamentos

De acordo com Bracht (2005 apud SOUZA JÚNIOR et al., 2011, p. 396), é “importante que a Educação Física relacione sua especificidade com a sua função social, nos remetendo às práticas corporais entendidas como formas de comunicação que constroem cultura e são influenciadas por ela”.

E neste sentido existe um papel social muito importante que esta proposta apresenta relacionado a prevenção de afogamentos, pois baseado em dados de 2010, “de acordo com a OMS, 0,7% de todos os óbitos no mundo ocorrem por afogamento não intencional, perfazendo mais de 500.000 (8.5 óbitos/100.000 hab) óbitos anuais passíveis de prevenção”. (SZPILMAN, 2012, p. 1). Outro fator importante a ser ressaltado é que o afogamento é a “segunda causa de morte para idades de 5 a 9 anos, 3ª causa nas faixas de 1 a 19” (SZPILMAN, 2012, p. 5), trazendo uma enorme preocupação e necessidade de prover instrumentos mínimos de aprendizagem relacionados ao autocuidado e autonomia no meio líquido.

Verificar se realmente essa educação aquática teria influência sobre a diminuição de afogamentos é um ponto importante, e que com experiências realizadas na China, nos Estados Unidos e em estudos em Bangladesh, recentemente foi possível fornecer argumentos afirmando que o “desenvolvimento de programas para aprender a nadar podem efetivamente reduzir o índice de afogamento na população infantil”. (MORENO-MURCIA;RUIZ, 2022 apud BRENNER et al., 2009; RAHMAN et al., 2012; YANG et al., 2007, p.3)

Desta forma, proporcionar vivências neste meio contribui para amenizar as chances de afogamentos não intencionais, pois:

O afogamento é silencioso e acontece em segundos ou minutos. É evitável e, portanto, a prevenção é vital. A abordagem implica um esforço multissetorial no qual a segurança aquática pode desempenhar, dependendo da metodologia, um papel muito importante. A perspectiva preventiva, permite construir recursos para identificar, evitar e antecipar situações de risco (educação para a prevenção) ou resolvê-las da forma mais adequada para uma melhor sobrevivência (educação para a reação). (OLIVAR et al, 2022, p. 147)

E esta perspectiva preventiva é um ponto crucial para as afirmações sobre os resultados positivos na prevenção de afogamentos, pois auxilia o entendimento do aluno referente aos riscos do meio líquido e diminuem as chances de ocorrer “erros de julgamento”.

Pesquisas mostram que os jovens supervalorizam suas possibilidades de ação e nem sempre enxergam o perigo e o risco potencial que certas decisões acarretam, e da mesma forma que podem cometer erros de julgamento quando precisam atravessar

uma rua ou andar de bicicleta, também eles podem cometê-los quando saltam para a piscina ou ao tomarem banho num reservatório, no mar ou em um rio. Estas circunstâncias mostram que com os mais novos uma janela de vulnerabilidade que tem a ver com o que acreditam ser capazes (as suas competências) e o que realmente são capazes (as exigências da situação) que os conduz à possibilidade de cometer erros não intencionais. (MORENO-MURCIA e RUIZ (2022) apud PLUMERT, 1995, p. 5)

Desta forma, tornando-os mais propícios aos afogamentos não intencionais e motivando-nos ainda mais a demonstrar a necessidade de educá-los nos valores da segurança, tarefa em que os pais e os educadores devem estar envolvidos (MORENO-MURCIA e RUIZ, 2022).

Entender como desenvolver esta Educação aquática vinculada aos objetos de aprendizagem das PCNML é o que iremos mostrar a partir de agora.

#### **4.2 Educação aquática e Práticas corporais no meio líquido**

Segundo Stallman et al. (2017), não existe um consenso universal das habilidades incluídas nas PCNML no âmbito do ensino, o importante é reconhecer a importância da multidisciplinaridade, quanto maior for o repertório motor adquirido pelo aluno no meio líquido, maior será a sua possibilidade de escolha, tanto ao nível das disciplinas da Natação, como das suas vertentes (CANOSSA et al, 2007).

No meio aquático, passamos por sensações que promovem um processo gradativo de aquisições de domínio na água, familiarizando-nos por meio de habilidades motoras como equilíbrio, deslocamentos, giros e manipulações, que nos levam a coordenações finas e globais que serão enriquecidas com nossas estruturas perceptivas (esquema corporal, lateralidade, espaço, tempo e sentidos). Tudo isso constrói em nós uma nova arquitetura psicomotora, o que nos dá habilidades aquáticas para esportes, recreação e lazer. (VELASCO, 2013, p. 67-68)

Por isso, procuraremos baseado em estudos e na nossa experiência profissional neste tema, definir aprendizagens que contemplem a Educação aquática e as PCNML, sendo importante compreender que a água proporciona um ambiente singular, com vivências que não podem ser supridas no meio terrestre:

[...] além dos benefícios típicos das práticas corporais, as atividades aquáticas oferecem um fator especial, dentro da água as nossas possibilidades de movimentação modificam-se consideravelmente, pois ficamos menos sujeitos à ação da gravidade e utilizar as propriedades da água, como pressão, resistência e flutuação, a nosso favor. (DARIDO e SOUZA JUNIOR, 2007, p. 138)

É necessário reconhecer que as habilidades motoras mudam no meio líquido como apresentado por Darido, Souza Junior e Velasco, e para construir esta nova arquitetura



psicomotora e as habilidades aquáticas é necessário se preocupar com a adaptação ao meio líquido (AML). Esta adaptação se baseia em aquisições de habilidades que o aluno deve alcançar com as aulas ministradas, por isso, procuramos definir estas habilidades como “habilidades aquáticas básicas”.

Para uma sólida construção dessa base, sob pena de se observarem hiatos de aprendizagem inibidores de uma efectiva progressão dos indivíduos, deve-se contemplar, desde as primeiras fases do ensino, as habilidades motoras aquáticas básicas (hmab) que, por serem precursoras de determinadas habilidades mais específicas de cada disciplina, comportam alguma singularidade.(CANOSSA et al, 2007, p. 83)

Só com a preocupação em construir esta base sólida, será possível “permitir que o aluno descubra as possibilidades de movimento do corpo na água; conheça e explore os próprios limites de movimento; encontre o prazer de nadar (BÔSCOLO et al, 2011, p. 25). Segundo Bôscolo et al (2011, p. 25) as habilidades aquáticas básicas incluem: “relaxamento; controle da respiração; flutuação; controle corporal; deslizes, deslocamentos variados, saltos e rolamentos; propulsão de membros inferiores e de membros superiores”, e estarão presentes na aplicação prática de todo acervo cultural do meio líquido.

Em síntese as razões para contemplar a multidisciplinariedade no meio líquido são:

[...] (i) proporciona um ensino multilateral com vista ao desenvolvimento harmonioso das crianças e jovens; (ii) propicia a aprendizagem e desenvolvimento do total domínio do meio aquático; (iii) faculta o alargamento de “competências motoras aquáticas”;(iv) diversifica o ensino da natação; (v) oferece maiores possibilidades em dar continuidade ao desenvolvimento da actividade nas várias vertentes possíveis, de forma saudável e até idades avançadas e (vi) proporciona uma escolha desportiva consciente. (CANOSSA et al, 2007, p. 83)

Ficando claro que este meio necessita ser mais explorado nas aulas e mais do que isso, abrangendo um maior acervo cultural.

Aprofundando o conceito de Educação aquática, como um primeiro ponto de destaque, estão as questões relacionadas à segurança que precisam ter enfoque desde a primeira aula, desta forma o primeiro passo é apresentar ao aluno o espaço de aula e suas peculiaridades, entre elas:

- Profundidade da piscina;
- Obstáculos na piscina, como degraus, ralos, etc;
- Piso externo e interno para evitar que o aluno escorregue e se machuque ou possa se afogar;

-Clima, se a piscina for em um espaço aberto, a proteção dos raios ultravioletas com protetor solar, ou a proteção de acidentes naturais causados por raios por exemplo;

Estas são algumas dicas de segurança, mas é importante que o professor adapte a proposta de diálogo de acordo com o ambiente que irá desenvolver suas aulas e aumente esta discussão ressaltando ambientes abertos como rios, lagos, represas e o mar.

A seguir vamos explicar rapidamente cada uma das habilidades aquáticas básicas apresentadas acima e contempladas na AMA:

**Relaxamento-** “depende da confiança em si mesmo e do conhecimento do ambiente aquático” (BÔSCOLO et al, 2011, p. 27). Existem várias estratégias, como realizar a aula em duplas ou com materiais de apoio como bóias ou espaguete (cuidado para não causar dependência do aluno), ou o próprio auxílio do professor, mas na minha experiência a melhor estratégia é proporcionar um ambiente acolhedor com diálogo contínuo sobre cada interação do aluno com o meio líquido e principalmente utilizando inicialmente propostas lúdicas com brincadeiras e músicas, pois a ludicidade “proporciona um ambiente prazeroso, harmonioso e cativante, propiciando a aproximação das crianças com o próximo, com o meio líquido e com o professor” (BROUCO, 2016, p. 253).

**Controle da respiração-** a respiração é a primeira grande mudança presente no ambiente líquido e o principal ponto de preocupação e receio, por isso é importante logo na primeira aula explicar para o aluno as principais alterações, pois no meio terrestre comumente inspiramos e expiramos pelo nariz, mas no “meio aquático, a respiração é mista: a inspiração deve ser feita sempre pela boca, impedindo a inalação de gotas de água acumuladas nas vias nasais; a expiração pode ser feita pelo nariz, pela boca ou por ambos ao mesmo tempo” (BÔSCOLO et al, 2011, p. 25-26). Para fixar este conceito a utilização de brincadeiras como pula-pula seu sapão ou pipoquinha, que através de música vão propondo desafios que vão proporcionando os primeiros contatos do rosto com a água até a imersão total do corpo podem ser uma ótima sugestão.

**Flutuação-** flutuar no meio líquido tende a ser uma dificuldade até para adultos e pessoas com mais experiência neste meio, pois não temos como desconsiderar os princípios mecânicos dos fluidos que acontecem neste meio, como o Princípio de Arquimedes baseado na massa corporal e no volume de água deslocado, e principalmente o Empuxo, que seria a força da gravidade dentro da água, que empurra o corpo para cima na mesma proporção da água deslocada.

O corpo humano é composto basicamente de ossos, músculos e gordura. Ossos e músculos são mais densos do que a água; portanto, pessoas com estrutura óssea grande e/ou grande quantidade de massa muscular e baixa porcentagem de gordura corporal apresentam maior dificuldade para flutuar. Por outro lado, a densidade relativa da gordura é menor do que a da água faz com que pessoas obesas flutuem com maior facilidade. (BÓSCOLO et al, 2011, p. 26).

Por esta razão, a flutuação é algo que deve ser ensinado continuamente e sempre retomado.

Algumas estratégias podem ser utilizadas para ensinar a flutuar como: afastar braços e pernas e se manter deitado na posição horizontal para aumentar a área de contato do corpo com a água; puxar o ar e segurar pois a densidade do oxigênio é menor que da água; e principalmente relaxar, pois a tensão muscular aumenta a densidade do corpo (BARTHELIS e KREIGHBAUM, 1996).

**Controle corporal-** quando pensamos em uma piscina parece ser simples mantermos o corpo estabilizado, mas o meio líquido é muito diverso e pode apresentar ondas e correnteza, por isso é importante que o aluno sinta estas oscilações da água na aula e reaja tanto à água no rosto quanto, a manter o corpo na posição vertical ou horizontal se em flutuação.

Para ajudar a desenvolver o controle corporal, fortalecendo o tronco e a região abdominal e ajudando o aluno a entender como controlar o corpo com a oscilação da água, indicamos atividades com o uso de espaguete como se fosse um cavalinho na parte funda da piscina.

**Deslizes-** quando o aluno realiza uma impulsão com o corpo e consegue se manter em deslocamento mesmo sem mexer pernas ou braços, dizemos que ele está realizando um deslize, este movimento acaba sendo uma junção do controle corporal, da flutuação, da respiração, da propulsão e do relaxamento no mesmo movimento.

**Deslocamentos e rolamentos variados-** são todos os movimentos que o aluno pode realizar na água de maneira a se deslocar de um ponto ao outro, e principalmente com ou sem o apoio dos pés no chão, por isso é importante proporcionar várias atividades para que ele se desloque e alterne posições do corpo na água, realizando também rolamentos e cambalhotas.

**Saltos-** o salto da borda, seja ele em pé, grupado, sentado, de joelho ou o mergulho em pé é um momento de grande desconforto para qualquer aluno, inicialmente porque tende a ser realizado no fundo da piscina para evitar acidentes, o que ocasiona a imersão completa do corpo ao menos por alguns segundos. Contudo acreditamos ser uma das maiores preocupações ao se ensinar Educação aquática, pois os acidentes caseiros, geralmente ocorrem

com uma queda na piscina e proporcionar ao aluno a sensação da água submergindo o corpo, as sensações respiratórias da água no rosto e principalmente como manter a calma e sair desta situação são primordiais.

Sugiro iniciar com saltos espontâneos com apoio do professor para retornar o aluno até a borda e instrução de como este aluno se moverá pela borda até chegar em uma escada para sair com segurança. Em seguida, sugiro que o aluno execute um salto com a queda sendo realizada com um pequena distância da borda, ao encostar o pé no chão é importante instruí-lo a realizar um impulso girando o corpo em direção a borda e com pequenas batidas de perna e braços tentar alcançá-la, caso não alcance sempre instrua para que puxe o ar e deixe o corpo afundar novamente para realizar um novo impulso.

Tendo ensinado como cair na água e se deslocar até a borda com segurança, passo para a iniciação do mergulho, que embora seja específico da modalidade esportiva natação, pode ser um instrumento de entrada na piscina. Geralmente pulo a etapa de sentar na borda e entrar na água e vou para o salto com um joelho apoiado e o outro flexionado, ensinando que o braço deve estar estendido com a cabeça no meio, de forma a proteger o rosto na queda caso o mesmo chegue muito próximo ao chão da piscina, o queixo deve permanecer encostado no pescoço para evitar um trauma na região cervical devido ao impacto, e o impulso para a queda deve ser realizado de maneira que o braço, depois a cabeça e em seguida o resto corpo entre na água, para só neste momento avançar para o mergulho em pé que apresentará as mesmas informações, entretanto agora deverá o aluno se manter com os dois pés próximos, dedos dos pés segurando na borda para evitar escorregador durante o salto, joelhos semiflexionados e instruções de braços e cabeça iguais às anteriores.

**Propulsão de membros inferiores e de membros superiores-** são todos os movimentos realizados na água de maneira a mover o corpo de um ponto ao outro, inclusive o deslize pode ser considerado um meio de propulsão. Não existe uma única maneira de realizar esta propulsão pois até na natação existe diferença de movimentos dos membros inferiores e superiores quando alternamos nadados como crawl e peito por exemplo.

O importante é prover meios para que os alunos desenvolvam o seu método de se mover e se manter em flutuação mesmo em ambientes mais profundos.

Para que todas estas habilidades aquáticas básicas sejam realmente um meio de prevenção de acidentes e se enquadrem em uma Educação aquática, é importante proporcionar múltiplas situações que simulem experiências em outros meios líquidos ou em situações

inesperadas, como criar ondas, nadar com e sem roupa, com e sem óculos, em água com temperatura variadas, etc. (OLIVAR et al, 2022).

Entendemos ser importante ressaltar após toda esta explanação que o enfoque dado a AML se faz necessário, pois o aluno precisa inicialmente aprender habilidades mínimas seja nas questões motoras, de socialização ou relacionadas ao ambiente, para que tenha instrumentos para o avanço da sua aprendizagem e a AML cumpre este papel de preparação, sendo um instrumento pedagógico para se utilizar durante o planejamento das aulas. Além disso, o professor deve manifestar uma atitude metodológica flexível em que há exploração das possibilidades de ação em diversos contextos, sendo este o motor do processo de aprendizagem. Um ensino que coloca questões e propõe situações” (MORENO-MURCIA; RUIZ, 2022).

Por isso, entendemos que falar de Educação aquática é falar de segurança, de autonomia, de desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social, e falar de PCNML é falar de lazer, de brincadeiras e jogos e todas as possibilidades que este meio proporciona com responsabilidade social e qualidade educativa.

Apresentado o contexto histórico da EFE, a BNCC que direciona a educação básica brasileira, a conceituação correta das PCNML e os pontos que devem ser considerados e utilizados para o desenvolvimento desta, de acordo com a proposta da dissertação, unidade temática, avançaremos para a metodologia da pesquisa.

## 5 PERCURSO INVESTIGATIVO

Neste momento abordaremos o percurso investigativo e as escolhas metodológicas para a realização da pesquisa, considerando que o objetivo geral deste estudo é analisar o desenvolvimento de Práticas corporais no meio líquido como conteúdo curricular da Educação Física escolar para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental.

E os objetivos específicos são:

- (a) evidenciar as possibilidades do ensino da unidade temática de práticas corporais no meio líquido nas aulas de Educação Física escolar;
- (b) analisar o desenvolvimento da unidade didática de Práticas corporais no meio líquido nas aulas de Educação Física Escolar;
- (c) identificar as influências da realização da unidade didática sobre as aprendizagens dos alunos.

Este estudo se orienta por uma abordagem de natureza qualitativa na qual existe “[...] a interação com as pessoas, os fatos, os locais e o objeto que está sendo pesquisado, extraindo significados visíveis e alguns invisíveis, que são perceptíveis somente quando têm uma atenção sensível do pesquisador” (DEL-MASSO; COTTA; SANTOS, 2018, p. 3).

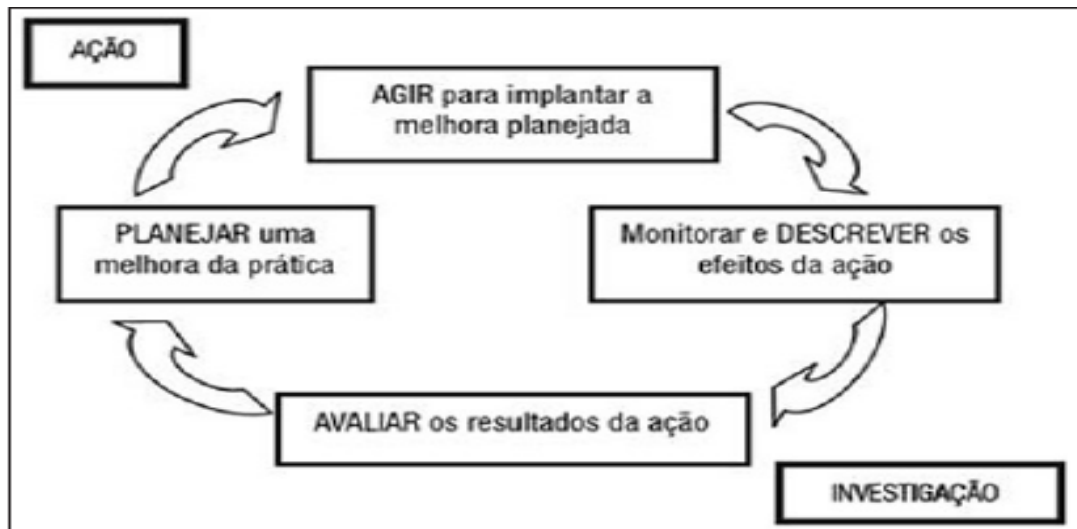
A pesquisa busca compreender os significados, atitudes e valores que emergem dos participantes, provocados pelas aulas de PCNML, auxiliando na percepção e reflexão acerca dos sentidos e significados atribuídos à cultura corporal do movimento.

### 5.1 Pesquisa-ação

Adotamos a pesquisa-ação, pois segundo Betti (2009) é a melhor alternativa de articulação do projeto de EFE com a produção de conhecimento, tendo a vantagem de romper com relações tradicionais de poder pesquisador- pesquisado. Este fato se evidencia, de acordo com Thiollent (1986, p. 15), porque “na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas”.

Pode ser representada, de acordo com a Figura 3, em quatro fases como sugere Tripp (2005, p. 446):

**Figura 3:** Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.



Fonte: David Tripp, 2005

Como é verificado pela representação, através da investigação (pesquisa) e da aplicação (ação) do pesquisador, é possível aprofundar a leitura da realidade e discussão das ações, proporcionando uma “reflexão mais sensível e problematizada pelo professor-pesquisador através de uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa” (FONSECA, 2002, p.34).

A investigação será realizada pela pesquisadora que também é a professora da turma.

## 5.2 Participantes

Participaram da pesquisa 30 alunos, regularmente matriculados em uma turma de 3º anos do Ensino Fundamental anos iniciais, com idades entre 8 e 9 anos, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental no interior do estado de São Paulo.

A escolha desta turma foi devido ao fato de nunca terem vivenciado aulas de EFE no meio líquido, possibilitando promover uma experiência realmente nova e maior espontaneidade de interações.

Para a realização do estudo, inicialmente foi solicitada autorização da direção da escola (Anexo A) e, posteriormente, o projeto de pesquisa foi submetido e avaliado pelo Comitê

de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, tendo sido aprovado com o CAAE 52929021.1.0000.5504 e parecer número: 5.129.903 (Anexo B).

Para a participação na pesquisa, os pais dos alunos e os alunos assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido- TCLE (Apêndice A) e o Termo de Assentimento Livre Esclarecido- TALE (Apêndice B), respectivamente.

### 5.3 Escola

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal, que está localizada em um bairro periférico em uma cidade no interior de São Paulo, que funciona em três períodos. No período integral, das 7 às 16:20 horas, com 264 alunos do Ensino Fundamental anos iniciais, 1º ao 5º ano. No período da tarde das 12:20 até às 17:40 horas, com 185 alunos do Ensino Fundamental anos finais, 6º ao 9º ano, que se juntam aos alunos do período integral, gerando uma dinâmica muito incomum, com uma escola de período integral e meio período com ciclos diferentes funcionando ao mesmo tempo.

Além disso, a escola conta com atendimento ao EJA para Ensino Fundamental anos iniciais e anos finais no período noturno das 19 até as 21:50 horas.

**Figura 4:** Visão da lateral do prédio de dois andares



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.



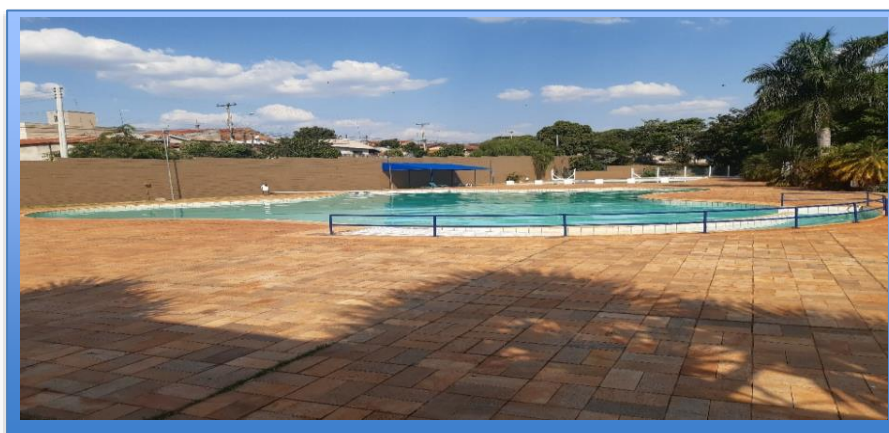
Devido a esta dinâmica tão peculiar a escola conta com dois prédios, um térreo e outro de dois andares. O prédio térreo funciona no período da tarde apenas para atender os alunos do Ensino Fundamental anos iniciais e conta com 10 salas, 1 auditório, 1 biblioteca e 8 banheiros individuais. No prédio de dois andares, no piso superior temos 12 salas e 1 sala dos professores, no piso inferior, contamos com 1 refeitório, 2 banheiros coletivos, 1 secretaria, 1 sala de direção, 1 sala de coordenação, 1 sala dos professores, 1 laboratório de química, 1 laboratório de informática e 1 sala multifuncional. Além disso, há 1 quadra coberta com arquibancadas e 2 campos externos na parte de trás da quadra, 1 parque de madeira e 1 parque confeccionado com pneus e 1 anfiteatro.

Além de toda esta estrutura física, os alunos do 3º ao 5º ano frequentam aulas de PCNML, que são realizadas na piscina em um lugar público próximo à escola, onde os alunos se deslocam em um ônibus por 5 minutos até o local, no período de aula.

Neste mesmo local funciona uma escola municipal que atende alunos do Ensino Fundamental anos iniciais pela manhã e alunos do Ensino Fundamental anos finais à tarde, e ao lado da escola separado por portões, têm 4 quadras poliesportivas cobertas que são utilizadas pelas escolas durante o dia e pela comunidade no período noturno e de finais de semana.

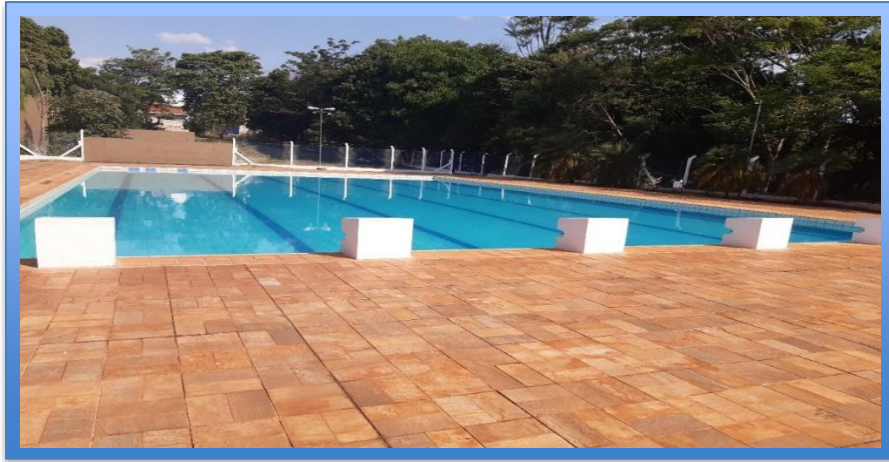
Neste amplo espaço que também tem mata preservada, um pequeno rio e mina de água, e a parte aquática, composta por 1 sala do guarda, 1 sala do diretor, 1 cozinha, 1 sala de materiais, 2 vestiários, 2 salas de atividades diversas e 2 piscinas (1 de 25 metros para competições e 1 grande com formato irregular que apresenta uma parte profunda de aproximadamente 1.70 m e outra rasa de aproximadamente 0.70 m).

**Figura 5:** Piscina irregular



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

**Figura 6:** Piscina de 25 metros.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

**Figura 7:** Vestiários e ducha



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

#### **5.4 Procedimentos**

Os procedimentos realizados neste estudo incluíram:

- a) elaboração de uma unidade didática;
- b) aplicação desta unidade didática nas aulas de Educação Física escolar;
- c) técnicas de coletas utilizadas na pesquisa.

### 5.4.1 Elaboração de uma unidade didática

O termo unidade didática foi utilizado seguindo o conceito apresentado por Zabala (1998, p. 18), que usa o termo unidade didática para se referir “às sequências de atividades estruturadas para a realização de certos objetivos educacionais determinados”, corroborando com a ideia deste estudo que apresenta como objetivo educacional principal as PCNML.

Desta forma, propomos uma unidade didática de 14 aulas, sendo 2 aulas de 50 minutos, realizadas no mesmo dia, para o 3º ano do ensino fundamental, elaborada pela professora pesquisadora, como sugestão de uma nova unidade temática denominada PCNML, para analisar o desenvolvimento de Práticas corporais no meio líquido como conteúdo curricular da Educação Física escolar para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental.

**Quadro 2:** Unidade didática de Práticas corporais no meio líquido (continua).

3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL		
AULA 1		
<b>Roda de conversa inicial</b>	Apresentação do espaço da aula, diagnóstico dos alunos.	Profundidade da piscina; combinados para a segurança na utilização do espaço; características da respiração no meio líquido. <b>Sugestão de Perguntas:</b> -Vocês costumam frequentar a piscina fora da escola? -Quem já frequentou aulas de natação? -Alguém tem medo de entrar na piscina? -Quando vocês saem para algum lugar que tem piscina, vocês entram sozinhos ou tem que entrar alguém junto? -Alguém já se afogou a ponto de ficar desacordado ou foi só de engolir água? -Quando a gente pensa em entrar na piscina, o que vocês acham que dá para fazer dentro da piscina? -Além de nadar e brincar, vocês acham que dá para fazer mais alguma coisa? -Vocês gostariam que algumas aulas de Educação Física fossem realizadas na piscina ao invés da quadra? -Que jogos e brincadeiras vocês conhecem?
Objeto de conhecimento/ Resumo	Objetivo de aprendizagem	Habilidade sugerida BNCC
Pula- pula seu sapão (ao final da música será proposto ao aluno colocar uma parte do corpo dentro da água)	Ambientação ao meio líquido através da consciência corporal e espacial; ambientação e adaptação ao meio líquido das vias sensoriais; controle da respiração e corporal.	Experimentar, planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos, desenvolvendo a adaptação ao meio líquido.

**Quadro 2:** Unidade didática de Práticas corporais no meio líquido (continuação).

Caça ao tesouro (divididos em equipes, os alunos competirão para ver quem consegue pegar mais objetos no fundo da piscina)	Ambientação e adaptação ao meio líquido das vias sensoriais; controle da respiração; controle corporal; deslocamentos variados; cooperação; agilidade.	Experimentar, planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos, desenvolvendo a adaptação ao meio líquido.
Pique estrela (pega- pega, entretanto quando o pegador chegar perto o fugitivo pode ficar em posição de flutuação frontal ou dorsal e assim não poderá ser pego)	Ambientação e adaptação ao meio líquido das vias sensoriais; controle da respiração; flutuação frontal e dorsal; deslocamentos variados; agilidade.	Experimentar, planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos, desenvolvendo a adaptação ao meio líquido.
<b>AULA 2</b>		
<b>Objeto de conhecimento/ Resumo</b>	<b>Objetivo de aprendizagem</b>	<b>Habilidade sugerida BNCC</b>
Alerta (um aluno jogará uma bola para o alto e dirá o nome de outro aluno que deverá se deslocar sem os pés no chão para pegar a bola, enquanto os demais alunos deverão se deslocar sem colocar os pés no chão em direção oposta. Quando o colega pegar a bola grita "alerta" e após 3 passos tentará acertar alguém)	Ambientação ao meio líquido através da propulsão de membros superiores e inferiores; deslocamentos variados; precisão de arremesso; coordenação motora.	Recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, Práticas corporais no meio líquido tematizadas na escola, adequando-as aos espaços públicos disponíveis.
Tubarão (o tubarão -pegadora fica no centro e ao final da música os outros alunos tentarão se deslocar de um lado ao outro da piscina com nado livre sem ser pego, quem for pego se torna tubarão)	Ambientação ao meio líquido através da propulsão de membros superiores e inferiores; deslocamentos variados; agilidade; coordenação motora.	Recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, Práticas corporais no meio líquido tematizadas na escola, adequando-as aos espaços públicos disponíveis.
<b>Roda de conversa final</b>	Análise do primeiro contato	<p><b>Perguntas:</b></p> <p>-Vocês acharam difícil realizar a aula na piscina? O que vocês acharam mais difícil?</p> <p>-Vocês gostaram da aula? O que mais gostaram?</p> <p>-Vocês acham que seria legal se a Educação Física de vez em quando ao invés de ser na quadra, fosse na piscina?</p> <p>-Dentro da água vocês conseguem se movimentar igual fora da água? Por quê?</p> <p>-Na água é mais fácil ficar na horizontal ou na vertical?</p> <p>-Quando afundamos o corpo na água, nosso corpo fica mais leve ou mais pesado?</p> <p>-Quais cuidados vocês notaram que devem ser tomados na aula na piscina?</p>
<b>AULA 3</b>		
<b>Roda de conversa inicial</b>	Apresentação dos conteúdos da aula.	<p>Relembrar as normas de segurança da piscina e apresentação das atividades que serão desenvolvidas na aula.</p> <p><b>Perguntas:</b></p> <p>-Relembrando as duas primeiras aulas e sabendo o que será desenvolvido hoje, vocês se sentem mais seguros em realizar a aula?</p>

**Quadro 2:** Unidade didática de Práticas corporais no meio líquido (continuação).

Objeto de conhecimento/ Resumo	Objetivo de aprendizagem	Habilidade sugerida BNCC
O mestre mandou (apenas quando o professor disser o Mestre mandou os alunos deverão seguir sua ordem e realizar o que foi pedido)	Ambientação ao meio líquido através da Consciência corporal e espacial; ambientação e adaptação ao meio líquido das vias sensoriais; controle da respiração e corporal; flutuação frontal e dorsal; agilidade; atenção.	Experimentar, planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos, desenvolvendo a adaptação ao meio líquido.
Duro mole americano (um aluno será o pegador e os demais deverão fugir. Quando um aluno for pego deverá ficar parado com as pernas abertas e só poderá voltar a brincar se outro aluno passar embaixo das pernas dele).	Controle da respiração; mergulho submerso; propulsão de braços e pernas; agilidade; coordenação motora; deslocamentos variados.	Experimentar, planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos, desenvolvendo a adaptação ao meio líquido.
<b>AULA 4</b>		
Objeto de conhecimento/ Resumo	Objetivo de aprendizagem	Habilidade sugerida BNCC
Marco Polo (um aluno ficará com os olhos vendados e quando disser Marco os outros responderão polo e assim ele deverá pegar os outros jogadores)	Ambientação ao meio líquido através da Consciência corporal e espacial; Autoconfiança; agilidade.	Experimentar, planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos, desenvolvendo a adaptação ao meio líquido.
Alfabeto (na borda da piscina cada aluno deverá falar uma palavra seguindo a sequência do alfabeto, quem acertar poderá realizar um salto livre)	Saltos; controle da respiração; raciocínio lógico; alfabeto.	Experimentar, planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos, desenvolvendo a adaptação ao meio líquido.
<b>Roda de conversa final</b>	Análise da aula realizada.	<p><b>Perguntas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-O que vocês acharam dos jogos e brincadeiras desenvolvidos?</li> <li>-Vocês acham que as atividades que nós desenvolvemos até agora estão ensinando vocês a nadarem?</li> <li>-A prender a se locomover dentro da água e se movimentar é aprender a nadar?</li> <li>-Já haviam imaginado realizar este tipo de atividade na aula de Educação Física?</li> <li>-Vocês já tinham realizado alguma destas brincadeiras na quadra? E em termos de movimento, o movimento que o seu corpo tinha que fazer dentro da água e fora, era um movimento igual, você se movimentava da mesma maneira?</li> </ul>
<p><b>Observação:</b> Este estudo propõe uma nova unidade temática chamada de Práticas corporais no meio líquido, entretanto as aulas 1, 2, 3 e 4 elaboradas acima também podem ser realizadas durante as propostas da unidade temática de Brincadeiras e Jogos necessitando adequar a habilidade.</p>		

**Quadro 2:** Unidade didática de Práticas corporais no meio líquido (continuação).

<b>AULA 5</b>		
<b>Roda de conversa inicial</b>	Apresentação dos conteúdos da aula.	<p>Relembrar as normas de segurança da piscina e apresentação das atividades que serão desenvolvidas na aula.</p> <p><b>Perguntas:</b></p> <p>-Alguém sabe a diferença de jogos e brincadeiras e esportes?</p> <p>-Quais modalidades esportivas que vocês conhecem que são praticadas na piscina?</p> <p>-Vocês já ouviram falar de Polo aquático?</p> <p>-História do polo aquático e regras básicas do jogo.</p>
Objeto de conhecimento/ Resumo	Objetivo de aprendizagem	Habilidade sugerida BNCC
Polo aquático (atividades livres de manipulação da bola; passar por baixo da perna e ao subir o amigo tem que pegar sem deixar cair; jogar para o alto e pegar, conduzir a bola sem o pé no chão)	Habilidade de manipulação; propulsão de pernas e braços; fundamentos do polo.	Experimentar e fruir diversos tipos de esportes no meio líquido identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.
Polo aquático (condução da bola de um ponto ao outro, desenvolvido em equipe em formato de estafeta, troca de passes em trios sem e com deslocamento/ arremessos ao gol)	Habilidade motora de manipulação; precisão; coordenação espaço-temporal; propulsão de pernas e braços; fundamentos do polo.	Experimentar e fruir diversos tipos de esportes no meio líquido identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.
<b>AULA 6</b>		
Objeto de conhecimento/ Resumo	Objetivo de aprendizagem	Habilidade sugerida BNCC
Polo aquático (Jogo com delimitação do campo livre, com finalização em quatro obstáculos dispostos em diferentes pontos)	Propulsão de braços e pernas; respiração; coordenação motora; deslocamentos variados; habilidade de manipulação; precisão, agilidade, jogo.	Experimentar e fruir diversos tipos de esportes no meio líquido identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.
<b>Roda de conversa final</b>	Análise da aula realizada.	<p><b>Perguntas:</b></p> <p>-O que vocês acharam mais difícil de realizar nesta aula?</p> <p>-Vocês acharam difícil conduzir a bola?</p> <p>-Vocês respeitaram as regras básicas do jogo que expliquei no começo da aula?</p>
<b>AULA 7</b>		
<b>Roda de conversa inicial</b>	Apresentação dos conteúdos da aula.	<p>Relembrar as normas de segurança da piscina e apresentação das atividades que serão desenvolvidas na aula.</p> <p><b>Perguntas:</b></p> <p>-No caso do Polo, qual esporte vocês acham que é mais parecido com ele?</p> <p>-O que tem em comum entre o futebol, handebol e o polo aquático? Quando tentamos fazer o gol o outro time tenta fazer o quê?</p> <p>-Qual a diferença entre defesa e ataque?</p> <p>-Definição de esportes de invasão.</p>

**Quadro 2:** Unidade didática de Práticas corporais no meio líquido (continuação).

Objeto de conhecimento/ Resumo		Objetivo de aprendizagem	Habilidade sugerida BNCC
Jogo dos 10 passes (em equipes os alunos deverão trocar passes até que a sua equipe consiga realizar 10 passes sem ter a bola interceptada e podendo computar o ponto).		Habilidade motora de manipulação; Propulsão de braços e pernas; respiração; coordenação motora; precisão, agilidade, deslocamentos variados; trabalho em equipe;	Diferenciar os conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer).
Polo aquático (superioridade numérica, 7 contra 5)		Trabalho em equipe; tática; sistema ofensivo e defensivo.	Experimentar e fruir diversos tipos de esportes no meio líquido identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.
AULA 8			
Objeto de conhecimento/ Resumo		Objetivo de aprendizagem	Habilidade sugerida BNCC
Polo aquático (jogo)		Trabalho em equipe; tática; sistema ofensivo e defensivo.	Experimentar e fruir diversos tipos de esportes no meio líquido identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.
<b>Roda de conversa final</b>	Análise da aula realizada.	<b>Perguntas:</b> -O que vocês acharam mais difícil de realizar nesta aula? -Quando colocamos um time com mais pessoas e outro com menos foi mais fácil jogar? -Por que a quantidade de pessoas influenciou na dificuldade do jogo? -Vocês acreditam que o diálogo durante o jogo teria ajudado? -No esporte coletivo conversar sobre quem vai marcar quem, aonde cada um vai ficar no espaço de jogo, é importante?	
Observação: Este estudo propõe uma nova unidade temática chamada de Práticas corporais no meio líquido, entretanto as aulas 5, 6, 7 e 8 elaboradas acima também podem ser realizadas durante as propostas da unidade temática de Esportes necessitando adequar a habilidade.			
AULA 9			
<b>Roda de conversa inicial</b>	Apresentação dos conteúdos da aula.	Relembrar as normas de segurança da piscina e apresentação das atividades que serão desenvolvidas na aula, apresentando os tipos de ginástica que existem e o salto ornamental. <b>Perguntas:</b> -Para vocês o que significa praticar ginástica? -Vocês já praticaram ginástica? -Explicação do que significa ginástica e sobre a ginástica competitiva e não competitiva. -Salto ornamental vocês já ouviram falar? -Definição de salto ornamental.	

**Quadro 2:** Unidade didática de Práticas corporais no meio líquido (continuação).

<b>Objeto de conhecimento/ Resumo</b>	<b>Objetivo de aprendizagem</b>	<b>Habilidade sugerida BNCC</b>
Siga o mestre com movimentos básicos (abertura, avião, carpado, flic-flac, estendida, grupada, parada de mão, cambalhota frontal e dorsal)	Equilíbrio; coordenação motora; controle corporal; respiração; saltos; rolamentos.	Experimentar e fruir diferentes combinações de elementos da ginástica geral (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais) percebendo os fatores que influenciam suas movimentações no meio líquido.
Estátua (ao parar a música os alunos deverão ficar imóveis executando uma posição dos movimentos básicos)	Equilíbrio; coordenação motora; controle corporal; respiração; saltos; atenção; concentração.	Experimentar e fruir diferentes combinações de elementos da ginástica geral (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais) percebendo os fatores que influenciam suas movimentações no meio líquido.
Brincadeira do espelho (em duplas, um aluno de frente para o outro deverá tentar imitar os gestos da dupla como se fosse seu reflexo)	Coordenação motora; tempo de reação; trabalho em equipe; saltos; atenção.	Experimentar e fruir diferentes combinações de elementos da ginástica geral (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais) percebendo os fatores que influenciam suas movimentações no meio líquido.
<b>AULA 10</b>		
<b>Objeto de conhecimento/ Resumo</b>	<b>Objetivo de aprendizagem</b>	<b>Habilidade sugerida BNCC</b>
Gestos ginásticos livres ao som da música.	Improvisação; movimentos ginásticos; criatividade; ritmo.	Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios na execução de elementos básicos de apresentações coletivas reconhecendo as potencialidades e os limites do corpo e do meio líquido e adotando procedimentos de segurança.
Salto ornamental (os alunos executarão saltos da borda utilizando ao menos um dos movimentos básicos aprendidos, em seguida tentarão realizar espirrando a menor quantidade de água possível)	Equilíbrio; coordenação motora; controle corporal; respiração; saltos; atenção; concentração.	Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios na execução de elementos básicos de apresentações coletivas reconhecendo as potencialidades e os limites do corpo e do meio líquido e adotando procedimentos de segurança.



**Quadro 2:** Unidade didática de Práticas corporais no meio líquido (continuação).

<b>Roda de conversa final</b>	Análise da aula realizada.	<p><b>Perguntas:</b></p> <p>-Os movimentos de ginástica que nós fizemos na piscina vocês já haviam realizado fora?</p> <p>-É mais difícil virar cambalhota dentro ou fora da piscina?</p> <p>-E plantar bananeira é mais fácil dentro ou fora?</p> <p>-Vocês acharam a aula fácil ou difícil?</p> <p>-O que vocês poderiam me falar sobre a aula?</p> <p>-Para realizar os movimentos que vocês já executaram fora da água dentro da piscina, vocês precisaram alterar alguma coisa no seu corpo? O equilíbrio foi igual?</p> <p>-Quem acha que já consegue nadar na piscina sem se afogar?</p> <p>-O que seria nadar para vocês?</p> <p>-Vocês acham que as aulas estão ajudando vocês a se movimentarem sozinhos dentro da água?</p>
<p><b>Observação:</b> Este estudo propõe uma nova unidade temática chamada de Práticas corporais no meio líquido, entretanto a aula 9 acima também pode ser realizada durante as propostas da unidade temática de Brincadeiras e Jogos e ginástica necessitando adequar a habilidade. A aula 10 acima também pode ser realizada durante as propostas da unidade temática de Ginástica e a último objeto de conhecimento em Esportes necessitando adequar a habilidade.</p>		
<b>AULA 11</b>		
<b>Roda de conversa inicial</b>	Apresentação dos conteúdos da aula.	<p>Relembrar as normas de segurança da piscina e apresentação das atividades que serão desenvolvidas na aula.</p> <p><b>Perguntas:</b></p> <p>-Vocês sabem o que é dançar?</p> <p>-Como seria este se movimentar?</p> <p>-Estes movimentos da dança podem ser só no alto ou de outras maneiras também?</p> <p>-E o ritmo das músicas são iguais?</p> <p>-Será que a água ela dificulta a velocidade deste movimento?</p> <p>-É possível criar batuques utilizando a água além do corpo?</p>
<b>Objeto de conhecimento/ Resumo</b>	<b>Objetivo de aprendizagem</b>	<b>Habilidade sugerida BNCC</b>
Ritmo (em círculo os alunos terão noções de ritmo e batidas musicais em seguidas criaremos batuques utilizando o próprio corpo e movimentos na água).	Ritmo; diferenciar o tempo de execução dos movimentos no meio líquido.	Experimentar, comparar, identificar e fruir elementos constitutivos comuns e diferentes (ritmo, espaço, gestos) no ambiente líquido.
Dança espontânea com mix de ritmos (momento de testar movimentos e entender o tempo de execução dos gestos dentro da água)	Ritmo; improvisação; criatividade; diferenciar o tempo de execução dos movimentos no meio líquido.	Experimentar, comparar, identificar e fruir elementos constitutivos comuns e diferentes (ritmo, espaço, gestos) no ambiente aquático.
<b>AULA 12</b>		
<b>Objeto de conhecimento/ Resumo</b>	<b>Objetivo de aprendizagem</b>	<b>Habilidade sugerida BNCC</b>
Sequência de movimentos (em grupo, os alunos criam uma sequência de 4 movimentos para apresentar para a turma - nado sincronizado)	Trabalho em equipe; movimentos básicos da ginástica; improvisação criatividade.	Formular e utilizar estratégias para a execução de elementos constitutivos das danças e ginásticas, compreendendo as diferenças do movimento relacionados as forças presentes no meio líquido.

**Quadro 2:** Unidade didática de Práticas corporais no meio líquido (continuação).

<b>Roda de conversa final</b>	Análise da aula realizada.	<b>Perguntas:</b> -O que vocês gostariam de comentar sobre esta aula? -É possível realizar o movimento de uma só vez na mesma velocidade que vocês realizariam fora da água, dentro da água? -Vocês conseguiram seguir o ritmo da música na água com facilidade?	
<b>Observação:</b> Este estudo propõe uma nova unidade temática chamada de Práticas corporais no meio líquido, entretanto a aula 11 e 12 acima também podem ser realizadas durante as propostas da unidade temática de Dança necessitando adequar a habilidade.			
<b>AULA 13</b>			
<b>Roda de conversa inicial</b>	Apresentação dos conteúdos da aula.	Relembrar as normas de segurança da piscina e apresentação das atividades que serão desenvolvidas na aula com explicação da origem e regras da luta Huka- huka. <b>Perguntas:</b> -Vocês já ouviram falar de alguma luta que pode ser praticada na piscina? E fora dela? -Já ouviram falar da luta indígena Huka-huka?	
<b>Objeto de conhecimento/ Resumo</b>		<b>Objetivo de aprendizagem</b>	<b>Habilidade sugerida BNCC</b>
Briga de galo (em duplas os alunos se movimentarão para tentar ver a cor do prendedor preso nas costas do adversário sem poder utilizar os braços)		Agilidade; tempo de reação; deslocamentos; fintas.	Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas compreendendo o controle corporal com o enfoque no meio líquido.
Pega- pega prendedor (em duplas os alunos se movimentarão para tentar roubar os dois prendedores presos na lateral do corpo do adversário, ao mesmo tempo que deverão proteger seu prendedor, lembrando que não vale segurar o adversário)		Agilidade; tempo de reação; deslocamentos; fintas.	Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas compreendendo o controle corporal com o enfoque no meio líquido.
Huka-huka (disputa em duplas na parte rasa da piscina com o objetivo de fazer o oponente perder o equilíbrio e afundar na água)		Agilidade; equilíbrio; tempo de reação; fintas; força.	Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana.
<b>Roda de conversa final</b>	Análise da aula realizada.	<b>Perguntas:</b> -O que vocês acharam mais difícil de realizar nesta aula? -É fácil controlar o corpo dentro da água em atividades de luta?	
<b>AULA 14</b>			
<b>Roda de conversa inicial</b>	Apresentação dos conteúdos da aula.	Relembrar as normas de segurança da piscina e apresentação das atividades que serão desenvolvidas na aula de práticas corporais. <b>Perguntas:</b> -Quais esportes radicais ou de aventura vocês conhecem que podem ser realizados na água? -Vocês já ouviram falar de surfe?	

**Quadro 2:** Unidade didática de Práticas corporais no meio líquido (conclusão).

Objeto de conhecimento/ Resumo		Objetivo de aprendizagem	Habilidade sugerida BNCC
Passeio de cavalo (montado em um espaguete o aluno tentará se locomover pela piscina sem colocar os pés no chão)- surf		Controle corporal, equilíbrio, movimentação de pernas.	Planejar e utilizar estratégias básicas compreendendo o controle corporal com o enfoque no meio líquido.
Passeio no tapete (o aluno sentará no tapete e tentará se equilibrar e levantar para a posição de joelhos e depois em pé)- surf		Controle corporal, equilíbrio.	Identificar práticas no meio líquido e as possibilidades de recriá-las, reconhecendo as características (instrumentos, equipamentos de segurança, indumentária, organização).
<b>Roda de conversa final</b>	Conclusão da experiência	<b>Perguntas:</b> -O que vocês acharam das aulas desenvolvidas nos últimos meses? -Vocês gostariam que estas aulas fossem proporcionadas sempre na Educação Física Escolar? -O que estas aulas trouxeram de mudanças positivas e negativas na sua vida e no que você acreditava ser a Educação Física Escolar?	
<b>Observação: Este estudo propõe uma nova unidade temática chamada de Práticas corporais no meio líquido, entretanto a aula 13 acima também podem ser realizadas durante a proposta da unidade temática de Lutas necessitando adequar a habilidade. E a aula 14 acima também podem ser realizadas durante a proposta da unidade temática de Práticas corporais de aventura necessitando adequar a habilidade.</b>			

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Algumas considerações são necessárias quanto a unidade didática desenvolvida:

- as aulas são duplas, pois é necessário considerar o tempo para se deslocar até o local e para realizar a troca de roupa no início e final da aula, sendo inviável uma aula apenas.
- os objetivos de aprendizagem foram pensados contemplando a unidade temática sugerida de PCNML, mas também se enquadram nas seis unidades temáticas já existentes, por se entender que enquanto não existe a unidade temática de PCNML, as aulas podem ser desenvolvidas nas unidades temáticas já existentes.
- as perguntas das rodas de conversa inicial e final são apenas sugestões que foram utilizadas na pesquisa como roteiro das rodas de conversa, mas que devem ser elaboradas de acordo com as especificidades de cada escola.
- a unidade didática foi pensada de maneira que o aluno mesmo sem vivências anteriores possa avançar em suas habilidades, experiências e autonomia no meio líquido, promovendo a ideia de que estas aulas sejam possíveis de serem ministradas para qualquer turma.

- As habilidades apresentadas foram criadas e adaptadas para o meio líquido, sendo apresentadas como sugestões para a nova unidade temática PCNML.

É importante destacar que esta unidade didática foi elaborada pela professora pesquisadora e foi o instrumento utilizado para o desenvolvimento das aulas ministradas aos participantes da pesquisa.

#### **5.4.2 Aplicação desta unidade didática nas aulas de Educação Física escolar**

Para a participação nas aulas a professora e os alunos utilizaram roupa de banho (sunga/ maiô). Os materiais utilizados foram: objetos que afundam, caixa de som, bolas, dois gols, prendedores, espaguete, tapetes, câmera para realizar filmagens e fotografias e um caderno para o diário de aula.

A aplicação da unidade didática seguiu a rotina de realizar a roda de conversa no início e final da aula para facilitar a filmagem das rodas de conversa, devido à dificuldade de serem gravadas durante a aula na piscina, por ser um espaço aberto e com muito barulho inclusive da própria água que dificultaria a acústica da gravação. Após a roda de conversa inicial os alunos realizaram os objetos de conhecimento propostos na unidade didática.

#### **5.4.3 Técnicas de coletas utilizadas na pesquisa**

A fim de apresentar as técnicas de coleta de dados utilizadas na pesquisa, foram realizadas rodas de conversa sistematizadas e filmadas e diário de aula.

As rodas de conversa: “[...] são consideradas um dispositivo para promover a aprendizagem. Elas promovem a democratização das comunicações na sala de aula, em busca de conhecimento. São momentos em que se priorizam a fala e a escuta de todos os participantes dispostos em roda em um mesmo ambiente” (BRITO e SILVEIRA, 2017), e seguiram o roteiro de perguntas apresentado no Quadro 2, página 59.

A utilização da filmagem das rodas de conversa, realizadas pelo aparelho celular, tiveram o intuito de facilitar a transcrição posterior das falas dos alunos, pois:

[...] é indicado para estudo de ações humanas complexas difíceis de serem integralmente captadas e descritas por um único observador, minimizando a questão da seletividade do pesquisador, uma vez que a possibilidade de rever várias vezes as imagens gravadas direciona a atenção do observador para aspectos que teriam passado

despercebidos, podendo imprimir maior credibilidade ao estudo (PINHEIRO; KAKEHASHI; ANGELO, 2005, p. 718).

Desta forma, as transcrições foram realizadas na íntegra sem recortes de falas e puderam ser revistas várias vezes para observar inclusive os comportamentos dos alunos durante as filmagens. É importante ressaltar que os nomes dos alunos foram substituídos por nomes fictícios.

Os nomes escolhidos foram apresentados inicialmente nas histórias em quadrinho da Turma da Mônica, criadas pelo cartunista e empresário Maurício de Sousa e foram escolhidos por nós, por remeter a infância e situações cotidianas similares às encontradas na escola, mas principalmente, pela preocupação e sensibilidade do cartunista e sua equipe em apresentar através de personagens como Humberto, Dorinha, Luca, Tati e André, temas com enfoque social, como diversidade e inclusão social, promovendo esclarecimentos sobre as necessidades e limitações de cada personagem sem ferir a inocência dos leitores e apresentando o personagem primeiramente, para depois nos apresentar sua deficiência. Por este motivo, esta referência de nomeação fez muito sentido e representa claramente as concepções ideológicas da autora quanto ao olhar singular para cada aluno.

O diário de aula foi escrito pela professora de Educação Física Mary Ane Sartori Lopes, após cada aula dupla e permitiu o registro das informações, observações e reflexões surgidas no decorrer da investigação ou no momento observado (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

A escolha do diário de aula como instrumento de coleta de dados está relacionada à possibilidade dele se converter em espaço narrativo do pensamento do professor. Ao narrar sobre o que se passou recentemente, o professor se reconstrói linguisticamente e também em nível do discurso prático e da atividade profissional (ZABALZA, 1994). As anotações pertinentes ao contexto explorado realizadas, não precisam se preocupar com o modo de escritura, podendo ser em linguagem verbal, visual, colagens, etc. (LIMA, 2018).

Esses diários de aula se tornaram um documento de produção de informações:

A documentação (sendo gravada em áudio ou em vídeo, seja escrita, seja colocada em algum tipo de produto finalizado) fixa a um suporte à atividade analisada, conferindo objetividade e permanência. O que antes eram ideias, experiências, atividades, impressões, etc. (quer dizer, realidades nem sempre visíveis e de fácil acesso) se transformam, por meio da documentação, em realidades visíveis, acessíveis e que suportam a análise. (ZABALZA, 2004, p. 141)

Desta forma, foi construído a partir das observações, diálogos e reflexões da professora pesquisadora e dos alunos.

Para finalizar, foram realizadas imagens fotográficas para dar materialidade ao material impresso. As imagens fotográficas foram desfocadas com o auxílio do editor “Desfocar rosto- pixelar, censurar” (KallosSoft, Romania), para manter o anonimato dos alunos participantes da pesquisa.

Os diários de aula podem ser lidos no Apêndice C e as transcrições das rodas de conversa encontram-se no Apêndice D.

#### **5.4.4 Procedimentos para a análise de dados**

A análise dos dados provenientes dos diários de aulas e das rodas de conversa foram realizadas de forma qualitativa, por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2020). Considerando que a análise e interpretação dentro de uma perspectiva qualitativa não tem como finalidade contar opiniões ou pessoas mas sim a exploração do conjunto de opiniões e representações sobre o tema que se pretende investigar (GOMES, 2016), utilizamos a técnica de categorização (BARDIN, 2020; GOMES, 2016). Para a formulação das categorias de análise, adotamos as recomendações de Gomes (2016), que ressalta que é importante garantir que as categorias sejam homogêneas (sejam obtidas a partir dos mesmos princípios utilizados para toda a categorização) e:

Além de respeitarmos o princípio da homogeneidade para fazer uma categorização, as categorias devem ser: (a) exaustivas (estas devem dar conta de todo o conjunto do material a ser analisado; se um determinado aspecto não se enquadrar nas categorias, devemos formular outra categorização); (b) exclusivas (isso significa que um aspecto do conteúdo do material analisado não pode ser classificado em mais de uma categoria); (c) concretas (não serem expressas por termos abstratos que trazem muitos significados); (d) adequadas (em outras palavras, a categorização deve ser adaptada ao conteúdo e ao objetivo a que se quer chegar). (p. 80)

Sendo assim, cada diário de aula e cada transcrição da roda de conversa foi analisada exaustivamente e transformada em pequenas frases que destacam assuntos, situações e tudo que representasse valor de acordo com o objetivo do estudo.

Após este processo definimos quarenta frases que foram categorizadas em três categorias de análise:

- 1- O contexto da ação realizada e seus desafios;

- 2- As aprendizagens dos alunos e as dimensões do conhecimento da Base Nacional Comum Curricular;
- 3- O ensino das Práticas corporais no meio líquido e suas relações com as competências da Base Nacional Comum Curricular;

Cada resultado e discussão que será apresentado a partir de agora, foi construído seguindo as frases definidas, apresentando assim relação com a categoria e sendo um roteiro para a sequência lógica apresentada na discussão de maneira a contemplar todos os temas que fundaram a criação da categoria.

## **6 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Este capítulo será construído a partir das categorias definidas na análise dos resultados apresentando os resultados e discussões concomitantemente. As discussões seguem os objetivos que orientaram a pesquisa-ação e as propostas que norteiam o trato dos conhecimentos da EF pela BNCC considerando o referencial teórico adotado.

### **6.1 O contexto da ação realizada e seus desafios**

A partir da ideia da pesquisa-ação, a professora pesquisadora não é apenas uma coadjuvante do processo, mas participa ativamente das ações, vivências e desafios percorridos neste caminho, seu olhar como profissional apresenta preocupações e detalhes que são fonte de aprendizagem e direcionamento para novas pesquisas e profissionais, sendo assim, nesta categoria nos concentraremos no relato de experiência apresentado pela professora-pesquisadora neste processo.

Os desafios iniciaram logo no início da coleta de dados da pesquisa, pois as aulas iniciaram em 2022, entretanto, o espaço utilizado para a realização das aulas de PCNML estava em reforma, tanto das piscinas, quanto dos vestiários, impedindo o início da aplicação da unidade didática nas aulas. As obras só foram finalizadas no final de agosto, mas fomos confrontados com outro problema, a falta de um guarda vidas que naquele momento estava em processo de licitação e por ser uma piscina pública não se sabia se as aulas poderiam ser realizadas apenas com o acompanhamento do profissional de EF.

Acredito que neste momento, vocês gostariam que eu apresentasse uma lei garantindo o nosso direito de dar aulas no meio líquido sem um guarda vidas, mas após muita procura não encontrei nada nesse sentido.

Desta forma, após vários diálogos com o secretário de Educação, a direção e coordenação da escola, fomos orientados a consultar o jurídico da prefeitura para saber a possibilidade das aulas serem acompanhadas apenas pela professora e profissional de EF que tinha cursos de primeiros socorros e já havia ministrado aulas em academias sem a necessidade do guarda vidas. Um mês depois tivemos a resposta dos advogados da prefeitura constatando que, desde que a piscina não estivesse aberta ao público sendo utilizada apenas pelo profissional



de EF ministrando sua aula não haveria problemas. Desta maneira, após muita espera, no final de setembro estávamos finalmente liberados para iniciar as aulas.

Mas como já dizia o ditado, “nem tudo são só flores”, nos esbarramos em outro problema que será um limitador para outros profissionais que como nós utilizam piscinas a céu aberto sem aquecimento, um frio fora de época com muita chuva, que para a segurança das crianças tanto no sentido de raios quanto relacionado à doenças propícias à exposição pelo frio, tivemos novamente que aguardar, acredito que fica clara a nossa angústia em querer desenvolver a nossa pesquisa, mas sempre colocando o bem estar dos nossos alunos em primeiro lugar.

**Figura 8:** Início das aulas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Finalmente, no dia vinte de outubro iniciamos as aulas, com um planejamento até aquele momento que nos permitiria encerrar a coleta de dados com uma pequena folga, mas nos deparamos com o calendário dos jogos da copa do mundo e com a liberação dos alunos no período da tarde, horário das aulas, para assistir os jogos, e neste momento não saberia colocar nesse papel a sensação de impotência que senti e que acredito que muitos outros compartilham quando acontecem alterações no calendário escolar.

Com a colaboração de outros professores e o apoio da coordenação da escola, foi possível alterar alguns horários de aula e em algumas semanas levar a turma da pesquisa em dois dias distintos para realizar as aulas de EF, e desta forma possibilitando a coleta de dados dentro do prazo de encerramento do ano letivo de 2022.

Com a informação de todos os percalços enfrentados para a conclusão da aplicação da unidade didática de PCNML, vamos centralizar a discussão nos desafios que podem surgir no caminho.

**Figura 9:** Objetos de aprendizagem sendo desenvolvidos no meio líquido.



Fonte: Compilação arquivo pessoal da autora, 2023.

Muitos profissionais apontam a infraestrutura como primeiro desafio, na nossa realidade este ponto nunca foi um problema, devido ao suporte que a Prefeitura oferece, e esta parceria e reconhecimento é um elemento essencial para que o trabalho seja realizado, sendo essa a nossa primeira dica, apresente seu projeto e a importância de proporcioná-lo aos alunos aos seus superiores, pois provavelmente será necessária alguma demanda que precisa vir de outros setores, como no nosso caso o espaço, o ônibus e os materiais próprios ao meio líquido.

O local que as aulas de PCNML são realizadas fica próximo à escola, seria possível realizar este trajeto a pé, duraria em torno de 10 minutos ou até menos, mas existe muito risco ao atravessar as ruas com turmas de mais ou menos 30 alunos, com faixas etárias entre 8 à 11 anos, além do tempo perdido que incide na duração da aula propriamente dita, por isso o ônibus se tornou uma opção mais viável.

Uma preocupação que tinha, era referente ao tempo que precisamos entre o deslocamento, a troca de roupa das crianças e as rodas de conversa, que no final consomem praticamente uma aula, por isso acho interessante pontuar que para realizar aulas no meio líquido este tempo precisa ser pensado e talvez não seja possível ser realizada em apenas uma aula de 50 minutos. (Diário de Aula 1º dia- Apêndice C, 20/10/2022)

Infelizmente sem infraestrutura dentro da unidade escolar, o tempo gasto no deslocamento terá que ser considerado no planejamento da aula, além disso as crianças não chegarão prontas com as roupas aquáticas de casa, pois maiôs por exemplo dificultariam as mesmas a ir ao banheiro durante a aula, sendo necessário que os alunos se troquem antes da aula e também no final. Como apresentado no trecho acima do Diário de aula, na nossa realidade perdemos em torno de 35 à 40 minutos entre os dois deslocamentos e a troca de roupas inicial e final, por isso, cabe salientar que as aulas precisam ser duplas.

É possível considerar que existe um equívoco em utilizarmos a palavra “perdemos”, pois estamos desenvolvendo o senso de responsabilidade na criança ao estar fora do ambiente escolar e seguir regras para sua própria segurança, além do autocuidado que vejo como o principal destaque no momento da troca de roupas para as aulas, os alunos se trocam e passam protetor sozinhos, um auxiliando o outro e no final da aula tomam ducha, cuidam da sua higiene e se trocam. É muito interessante ver a troca de cuidado entre eles, meninos e meninas, separadamente, ajudando outros a arrumar o cabelo, a colocar alguma roupa mais difícil, esta troca de cuidado e empatia estreita os laços sociais e a afetividade da turma como um todo, diminuindo nas minhas aulas as situações de conflito e desrespeito e desta maneira não podendo ser apresentado como perda de tempo, pois as questões socioemocionais precisam ser enaltecidas.

Assim que chegamos os alunos foram direto aos vestiários se trocar e os alunos que estavam sem sunga ou maiô me acompanharam para que eu pudesse emprestar os maiôs e sungas que recebemos como doação, e que após todas as aulas levo para minha casa para lavar e poder ser emprestado no dia seguinte para outros alunos os quais a família não conseguiu comprar. (Diário de Aula 1º dia- Apêndice C, 20/10/2022)

Em relação à vestimenta, é importante ressaltar que nossa comunidade escolar é carente e, por isso, muitos não conseguem comprar uma sunga e maiô para frequentar as aulas. No entanto, com a colaboração de outros professores conseguimos em 2022 a doação de 20 maiôs e 4 sungas, aos quais emprestamos aos alunos que não puderam comprar ou que no dia da aula esqueceram de trazer. Na piscina este é um desafio, da mesma maneira que o tênis se torna um desafio para este público mais carente na quadra, mas se a função da escola é trabalhar com a comunidade em que ela está inserida, projetos para conseguir doações partindo do corpo docente até a comunidade escolar são de extrema importância contribuindo para que todos os alunos tenham acesso às demandas da escola.

**Figura 10:** Todos os alunos com vestimenta adequada.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Todos estes problemas que passamos foram acentuados por ser uma prática fora da escola e utilizar o meio líquido, mas não podem ser acolhidos pelos profissionais como empecilho para o não desenvolvimento das aulas, pois na minha realidade já fiquei sem frequentar a quadra em dias de chuva por goteiras, ou por não ser coberta, ou pelo caminho até ela ser descoberto, já tive que adaptar aulas por falta de materiais, ou seja, o desafio em desenvolver um trabalho de qualidade faz parte da vida do profissional de EF, como apontado por Marques (2012) e Araújo (2012) que apresentam em seus estudos a escassez e precariedade da infraestrutura escolar quanto a espaços físicos, instalações e materiais para as aulas de EF.

Desta forma quis mostrar isso neste início da discussão, não como um desmotivador, mas como um estimulante, pois mesmo com todos os obstáculos o trabalho foi desenvolvido e a partir de agora mostraremos a riqueza de experiências que nossos alunos puderam vivenciar.

**Figura 11:** Múltiplas experiências.



Fonte: Compilação arquivo pessoal da autora, 2023.

## **6.2 As aprendizagens dos alunos e as dimensões do conhecimento da Base Nacional Comum Curricular**

A simples mudança do ambiente em que a aula será desenvolvida já altera de maneira global a forma que o aluno irá se relacionar com este meio, nesta categoria discutiremos sobre as alterações comportamentais relatadas pelos alunos relacionadas às emoções (ansiedade, agitação, concentração, medo), as diferenças no comportamento motor no meio líquido e a socialização, abrangendo o “aprender a fazer, a ser e conviver”.

As alterações do comportamento relacionadas às emoções estão constantemente presentes quando decidimos desenvolver aulas no meio líquido, os alunos geralmente chegam nas aulas com uma carga emocional socialmente construída pela família muito forte, que apresenta este meio como um “bicho papão”, com discursos como: não fique longe do professor, não pule na água, se for no fundo você vai se afogar, a piscina é perigosa, que reforçam na criança um senso de insegurança e medo que em algumas situações pode ser benéfico pois “é importante que saibam captar os sinais que indicam perigo, transmitindo os valores de um comportamento que valoriza a segurança” (MORENO-MÚRCIA e PÉREZ, 2022, p. 6), mas que na maioria das vezes causam um atraso na adaptação e desenvolvimento no meio líquido.



**Figura 12:** Desenvolvendo a confiança, aluno- professor, na parte funda da piscina.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Na elaboração e aplicação das aulas é necessário considerar este contexto de insegurança e proporcionar um ambiente acolhedor e lúdico promovendo uma sensação inicial de prazer e conforto, como constatado por Buckardt e Maggio (2013, p.3) ao apresentar que, a abordagem lúdica se mostrou eficaz na fase de adaptação. Isso porque os alunos através das brincadeiras vão se familiarizando com o meio, colocando seu foco de atenção no êxito da atividade proposta, ao contrário de enfatizar possíveis medos. Estes pontos foram muito vivenciados em situações distintas na pesquisa.

No início da aula percebi que metade dos alunos entraram na piscina bem devagar e se deslocavam com cuidado e muita atenção, entretanto no final da aula percebi que a maioria da turma estava se sentindo confortável dentro da piscina e se deslocava sem precisar se preocupar com esta ação, isto pode ter sido causado pelas propostas iniciais de atividades que visavam exatamente a ambientação e adaptação ao meio líquido. (Diário de Aula 1º dia- Apêndice C, 20/10/2022)

**Figura 13:** Brincadeira pula- pula seu sapão.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

**Figura 14:** Brincadeira caça ao tesouro.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Neste trecho a professora pesquisadora relata o comportamento observado nos alunos no primeiro contato com o meio líquido durante as aulas, e é interessante perceber que a sensação de prazer, facilidade e dificuldade na aula está totalmente relacionada aos medos dos alunos.

Professora:-Encerramos as nossas duas primeiras aulas hoje e eu gostaria de saber se vocês gostaram da aula?

Alunos responderam em coro que sim.

Professora:- Alguém achou muito difícil fazer a aula?

3 alunos levantaram a mão dizendo que acharam difícil.

Professora:- O que você achou difícil Anjinho?

Anjinho:- Tudo!

Professora:-É porque você tem muita dificuldade né? Você tem medo de piscina né?

Anjinho:- Sim. (Transcrição roda de conversa final 1º dia- Apêndice D, 20/10/2022)

A estratégia da proposta e principalmente o ritmo de aprendizagem e de autonomia que este aluno apresentará no meio líquido deve ser tratado pelo professor da mesma forma que acontece no meio terrestre, cuidando “para que as sensações geradas no momento da realização de uma determinada vivência sejam positivas ou, pelo menos, não sejam desagradáveis a ponto de gerar rejeição à prática em si” (BRASIL, 2017, p. 218), para que “pouco a pouco, ao ver que vai dominando um meio que no início lhe era estranho, sinta todas as satisfações que indubitavelmente o estimularão a continuar experimentando” (ARRIBAS, 2002, p. 123).

**Figura 15:** Aprendendo a flutuar para o pique estrela.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

A EF é uma disciplina que apresenta em sua essência a oportunidade de se praticar e sentir as sensações e movimentos dos objetos de conhecimento abordados, sendo a “experimentação” a primeira oportunidade do “aprender a fazer” vivenciada pelo aluno, esta dimensão do conhecimento oportuniza praticar “conhecimentos que não podem ser acessados sem passar pela vivência corporal, sem que sejam efetivamente experimentados” (BRASIL, 2017, p. 218), e à partir dessa dimensão, é possível direcionar o aluno a superação de medos e sensações desconfortáveis, através da ação do meio sobre ele e dele sobre o meio (FARIAS, 1997), para que a sua preocupação não seja mais com o meio em si, mas em como se adaptar e se tornar independente neste ambiente, realizando observações e conseguindo se auto organizar nas suas vivências.

Professora:- Por que na piscina é mais fácil a gente se movimentar em pé ou com o corpo na horizontal, deitado?

Alunos: Na horizontal!

Professora: - Correto, vocês concordam que o nosso corpo ele muda dentro da água?

Alunos:- Sim. (Transcrição roda de conversa inicial 3º dia- Apêndice D, 10/11/2022)

Aninha:- Às vezes a gente queria fazer o corpo ir mais rápido, mas o corpo ficava pesado na água, preso.

Professora:- Alguém quer falar mais alguma coisa sobre esta aula.

Mônica:- Parecia que a água estava te puxando e aí quando eu queria ir mais rápido a água impedia. (Transcrição roda de conversa final 6º dia- Apêndice D, 29/11/2022)

Professora:- Por que a água faz o que?

Luca:- Segura.

Milena:- Ela é mais pesada.

Carminha Frufriu:- Ela deixa lento.

Mônica:- Tem onda.

Professora:- E o pé ele escorrega na água ou não?



Alunos:- Sim.

Professora:- Entenderam, pode falar.

Alvinho:- E a água faz vários movimentos pra lá e pra cá e se você for dar um soco ele fica lento. (Transcrição roda de conversa inicial 7º dia- Apêndice D, 01/12/2022)

Estes três trechos retratam as aprendizagens que estão surgindo nos alunos à partir da experimentação, através da compreensão das adaptações motoras necessárias e das particularidades do ambiente, tornando possível a AML, e podendo assim, avançar para o “uso e apropriação” destas PCNML, possibilitando “ao estudante a competência necessária para potencializar o seu envolvimento com práticas corporais no lazer ou para a saúde” (BRASIL, 2017, p. 220).

**Figura 16:** Pique estrela, uso e apropriação da flutuação.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Chico Bento:- Eu Tenho uma pergunta, existe esconde-esconde de natação?

Professora:- É mais difícil né pois na piscina a gente não teria lugar para se esconder.

Magali:- A menos que seja embaixo da água.

Professora:- É, a não ser que seja com uma regra um pouco diferente que a regra fora da água.

Anjinho:- Professora a gente podia colocar objetos para se esconder?

Professora:- Sim. (Transcrição roda de conversa final 2º dia- Apêndice D, 24/10/2022)

Carminha Frufu:- Qual seria o esporte para correr?

Professora:- O atletismo, mas vamos pensar que esporte na piscina que poderia representar o atletismo?

Anjinho:- Nadando?

Professora:- A natação, perfeito, a natação não seria um tipo de corrida na piscina?

Alunos:- Sim. (Transcrição roda de conversa inicial 3º dia- Apêndice D, 10/11/2022)

Estes dois trechos apresentam situações em que os alunos começam a entender o meio líquido como singular, confrontando suas vivências anteriores, as quais ele já fazem uso e apropriação, com as novas opções que este meio propicia, propondo e sugerindo adaptações para o seu próprio uso, e mais do que isso, realizando uma “reflexão sobre a ação”, que:

[...] refere-se aos conhecimentos originados na observação e na análise das próprias vivências corporais e daquelas realizadas por outros. Vai além da reflexão espontânea, gerada em toda experiência corporal. Trata-se de um ato intencional, orientado a formular e empregar estratégias de observação e análise para: (a) resolver desafios peculiares à prática realizada; (b) apreender novas modalidades; e (c) adequar as práticas aos interesses e às possibilidades próprios e aos das pessoas com quem compartilha a sua realização. (BRASIL, 2017, p. 221)

A proposta desenvolvida com os alunos a partir da unidade didática foi tão rica dentro do conceito da reflexão sobre a ação, que a todo momento instigou-os através da roda de conversa a confrontar suas vivências anteriores com as novas possibilidades vivenciadas a partir das mesmas, neste novo ambiente de execução.

Xaveco:- Sabe professora o duro mole americano a gente já tinha feito na quadra.

Professora:- E qual foi mais difícil, na quadra ou na piscina.

Xaveco:- Na piscina.

Monica:- Porque quando a gente ia passar embaixo da perna das pessoas às vezes elas empurram nossa cabeça e dava medo de se afogar.

Professora:- Xaveco você falou que na água é mais difícil o duro mole americano e eu queria saber de você, o por quê você achou mais difícil, qual é a grande diferença que você sentiu?

Xaveco:- Nadar embaixo da água é mais difícil porque mexe com meu ar.

Professora:- E em termos de movimento, o movimento que o seu corpo tinha que fazer dentro da água e fora, era um movimento igual, você se movimentava da mesma maneira?

Xaveco:- Tipo fora da água a gente fica meio que engatinhando e na água não.

Magali:- E também eu tenho que ficar vendo se vou conseguir acabar de passar sem acabar minha respiração.

Professora:- Entendi, então dentro da água muda o movimento e vocês ainda tem que se preocupar com a respiração.

Milena:- Professora é um pouco difícil porque se você escorrega o pé na hora de passar você pode se afogar porque aqui o chão é liso. (Transcrição roda de conversa final 2º dia- Apêndice D, 24/10/2022)

Neste trecho é possível notar com exatidão este confronto entre o meio líquido e terrestre e principalmente, além da reflexão sobre a ação, as preocupações dos alunos pautadas na sua própria segurança pessoal, ao analisarem o tempo que conseguem se manter embaixo da água, a distância que irão percorrer sem poder respirar, compreendendo seus próprios limites. Os princípios da segurança pessoal estão contemplados na Educação aquática que defendemos no âmbito escolar, e podem ser a diferença para evitar um afogamento não intencional. No trecho abaixo é possível verificar que a professora- pesquisadora ressalta a questão da segurança pessoal percebida na aula:

Depois deste processo foi interessante perceber que eles começaram a assimilar as adaptações do corpo que eram necessárias para se movimentar no meio líquido e principalmente o entendimento deles relacionado as questões de segurança, eles mesmo entendiam os seus limites e sempre que algo novo era colocado a prova e que eles sentiam que não estavam confortáveis eles me falavam e isto demonstra um

princípio de Educação aquática acontecendo. (Diário de aula 7º dia- Apêndice C, 01/12/2022)

Desta forma, “podemos dizer que as atividades aquáticas exercem um papel importante na formação dos alunos, auxiliando-os na aquisição das habilidades motoras, no desenvolvimento da aprendizagem cognitiva e ainda ensina aos mesmos a identificar e respeitar limites” (BUCKARDT e MAGGIO, 2013, p.1).

Anjinho:- Outro dia no aniversário da minha mãe eu fui em uma chácara e a piscina era funda, mas eu consegui ficar dentro dela e nadar sem ninguém me segurar.

Carminha Frufru:- Outro dia eu queria nadar em uma piscina bem funda e aí eu lembrei do salto na borda e de como voltar para a borda e tudo mais e aí eu nadei.

Mônica: Outro dia minha mãe deixou eu ir na piscina e ela entrou comigo aí eu não coloquei o colete e aí pedi para ela me soltar para ver se eu conseguia nadar e aí eu consegui.

Professora:- Então pessoal vocês acham que as aulas estão ajudando vocês a se movimentarem sozinhos dentro da água?

Alunos:- Sim. (Transcrição roda de conversa final 5º dia- Apêndice D, 22/11/2022)

O auge do que tange nossas metas de preparação do aluno para a vida se encontram no trecho acima, no qual é possível perceber que o objeto de conhecimento desenvolvido na escola proporcionou a dimensão da “fruição”, que “está vinculada com a apropriação de um conjunto de conhecimentos que permita ao estudante desfrutar da realização de uma determinada prática corporal” (BRASIL, 2017, p.220- 221) para seu próprio benefício de maneira autônoma no lazer.

Acreditamos que as aulas foram benéficas e trouxeram conhecimentos muito importantes relacionados a cultura corporal do movimento e ao desenvolvimento comportamental e motor das crianças, algo relatado pelos mesmos no trecho abaixo:

Professora:- Todos estão falando que gostaram do rouba rabo e do surf, mas o que eu quero saber o que vocês acharam das 14 aulas, vocês acham que conseguiram aprender muita coisa dentro da piscina ou acham que não mudou nada?

Mônica:- Nós aprendemos muita coisa dentro da piscina.

Nimbus:- Aprendi a movimentar melhor dentro da água.

Professora:- Vocês acham que hoje vocês conseguem ter mais controle do corpo de vocês dentro da água, vocês conseguem nadar melhor do que na primeira aula?

Alunos:- Sim.

Professora:- O que vocês perceberam que mais melhorou?

Rosinha:- Eu não sabia mergulhar, agora eu sei.

Milena:- Eu aprendi a me movimentar melhor na água.

Professora:- Então vocês acham seria importante depois destas aulas as escolas terem atividades dentro da piscina

Alunos:- Sim. (Transcrição roda de conversa final 7º dia- Apêndice D, 01/12/2022)

**Figura 17-** Surf.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Este trecho demonstra a percepção dos alunos quanto a sua própria interação do meio líquido e complementam todas as demais falas já apresentadas, entretanto existe um ponto que ainda não contemplamos nesta discussão que é relacionado aos aspectos sociais, a socialização dos alunos a partir do “aprender a conviver”.

Ao planejar as aulas é importante considerar a relações sociais dos alunos, que se constroem a partir de suas interações com os demais.

Mônica:- Eu gostei de me apresentar com meus amigos foi bem legal.

Professora:- Você gostou da apresentação em equipe?

Mônica:- Sim, e de assistir à apresentação dos outros e de durante as apresentações ter momentos juntos e separados.

Nimbus:- Eu gostei da apresentação e da dança. (Transcrição roda de conversa final 6º dia- Apêndice D, 29/11/2022)

**Figura 18-** Apresentação de coreografias elaboradas em grupo.



Fonte: Compilação arquivo pessoal da autora, 2023.

Esta preocupação foi contemplada na elaboração da unidade didática, proporcionando ao aluno não apenas desenvolver as habilidades sociais, mas solucionar problemas, desenvolver a criatividade e aprender a apreciar outras manifestações culturais, pontos destacados no trecho acima e contemplados na modalidade esportiva trabalhada.

Professora:- Então você está falando que a equipe adversária não estava se comunicando, de maneira que acabava eles mesmos se atrapalhando porque acabava indo dois do mesmo time na bola. E como que eu resolveria este problema, de várias pessoas do meu próprio time ir na bola.

Zé Lelé:- Depende muito das pessoas pensarem, se eles falarem que é para se espalhar todos tem que fazer.

Professora:- E você Mônica, qual você acha que seria a solução?

Mônica:- Os times combinarem uma estratégia para não ir dois na mesma bola e o time todo poderia ficar mais espalhado ao invés de dois ir na mesma bola, poderia ir só um e o outro esperar para pegar bola quando o amigo jogar.

Professora:- Vocês combinaram quem ia marcar cada jogador do time adversário?

Alunos:- Não.

Professora:- Se vocês tivessem combinado quem ia marcar cada jogador do outro time, vocês acham que teria dois ou três jogadores na mesma bola que nem o amigo falou?

Alunos:-Não.

Professora:- Não, então vocês concordam que quando a gente pensa em um esporte coletivo a gente tem que conversar durante o jogo?

Alunos:-Sim. (Transcrição roda de conversa, 17/11/2022)

**Figura 19-** Jogo para aprender as regras do Polo aquático.



Fonte: Compilação arquivo pessoal da autora, 2023.

A ideia da modalidade esportiva coletiva ajuda no desenvolvimento das habilidades sociais, pois coloca como destaque, como apresentado no trecho acima, as relações interpessoais, a compreensão da importância do diálogo e da divisão de funções dentro de um jogo. Essas capacidades são necessárias para o convívio em sociedade, abrangendo a dimensão do conhecimento “construção de valores” que está vinculada aos conhecimentos originados em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais, tornando possível a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática (BRASIL, 2017, p.221), pois em sociedade os alunos deverão compreender seus papéis e aprender a dialogar e analisar as situações.

As evoluções sociais geradas a partir das vivências da quinta, sexta, sétima e oitava aula resultaram na melhor organização e trabalho coletivo, que puderam ser contemplados na décima primeira e décima segunda aula.

Depois da divisão dos grupos eu não interfeirei em nada e deixei que eles realmente se organizassem e preparassem as apresentações, e foi surpreendente perceber que todas as apresentações trouxeram movimentos diferentes e sem ser falado, eles prepararam mais de quatro movimentos e intercalaram momentos de sincronia do grupo e momentos individuais, fiquei realmente surpresa com a qualidade das apresentações, embora na nossa escola eles participem de oficinas de dança e teatro e mesmo eu entendendo que eles tem uma bagagem neste sentido de 3 anos foi muito gratificante perceber o empenho, a criatividade e desenvoltura deles. (Diário de aula 6º dia- Apêndice C, 29/11/2022)



**Figura 20-** Jogo com superioridade numérica.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Assim, foi possível perceber que a unidade didática desenvolvida conseguiu promover mudanças comportamentais, sociais e cognitivas cumprindo a função proposta quanto a conteúdo do currículo de conhecer a função/objetivo que se busca em relação aos indivíduos, à cultura herdada, à sociedade na qual o indivíduo se encontra e à qual aspira alcançar (CARLAN; DÜCKS, 2018), reforçando que as PCNML dentro da EF como área de conhecimento apresentam conteúdos que têm relevância cultural e validade social, formando parte dos valores significativos da cultura e seu conhecimento e disponibilidade por parte do aluno, são parte de seus direitos de cidadão (ROZENGARDT, 2014).

### **6.3 O ensino das Práticas corporais no meio líquido e suas relações com as competências da Base Nacional Comum Curricular**

Esta terceira categoria emergiu de todos os aspectos observados e relatados que envolveram o “aprender e saber sobre” a EF no ambiente líquido, através da oportunidade de acesso a este meio pelos alunos, o entendimento do que é nadar, passando pelas possibilidades contempladas nas aulas com seus diversos objetos de conhecimento e estratégias para solucionar problemas.

A primeira aula foi realizada em cima de muita expectativa e empolgação por todos, iniciamos a aula com as instruções sobre como se portar no ônibus e ao chegar na piscina pública que faríamos as aulas.

Ao chegar no ambiente aquático, realizamos a roda de conversa, este primeiro contato foi importantíssimo para definir as questões relacionadas à segurança e apresentação do espaço físico, dos vestiários e instruções sobre as condutas em cada espaço que iremos frequentar, pontos estes destacados nos conceitos defendidos pela Educação aquática, que se preocupa em preparar o aluno através de conhecer todos os obstáculos e riscos que o ambiente apresenta.

A roda de conversa iniciou com perguntas pautadas em um diagnóstico inicial, que segundo Bracht e González (2012, p. 97), o diagnóstico é “[...] uma avaliação inicial com a qual se busca distinguir quais são os conhecimentos prévios dos alunos sobre o que se pretende ensinar e, simultaneamente, suas maiores dificuldades para dar conta das exigências”, neste caso utilizamos perguntas através da roda de conversa para entender sobre as vivências relacionadas ao meio líquido dos alunos como apresentado no primeiro diário de aula:

Professora: -Quem aqui usa a piscina quando sai com o papai ou com a mamãe, ou vai em festa?

Apenas 2 alunos não levantaram a mão para afirmar que usam a piscina.

Professora:-Quem aqui já frequentou aulas de natação?

Apenas 8 alunos levantaram a mão afirmando que já realizaram aula de natação.

Professora:- Quando vocês saem com o papai e a mamãe em um lugar que tem piscina, vocês entram sozinhos ou tem que entrar alguém junto?

Alunos responderam ao mesmo tempo que a maioria entra na piscina sozinho.

(Transcrição roda de conversa inicial 1º dia- Apêndice D, 20/10/2022)

Ao observar o diário de aula do dia 20/10/2022, a professora pesquisadora apresenta no início do diário a quantidade de alunos que participaram da aula neste dia, sendo um total de 28 alunos, a partir desta informação é importante observar no trecho acima da roda de conversa realizada neste mesmo dia, que apenas 2 alunos não levantam a mão para afirmar que frequentam piscina no seu lazer, ou seja, 26 alunos, de um total de 28 que estavam presentes na aula neste dia, frequentam piscinas em seus momentos de lazer, este ponto deve ser destacado para demonstrar que o ambiente líquido faz parte da vida dos alunos.

Assim, o professor precisa saber avaliar a pertinência dos objetivos e conteúdos propostos pelo sistema escolar oficial, verificando em que medidas atendem exigências de democratização política e social; deve, também, saber compatibilizar os conteúdos com necessidades, aspirações, expectativas da clientela escolar, bem como torná-los exequíveis face às condições socioculturais e de aprendizagem dos alunos[...] (LIBÁNEO, 1993, p. 121).



Moreira (2018, p. 46) reforça esta citação ao salientar a importância da reflexão sobre o universo em que o aluno está inserido, permitindo identificar quais são as reais necessidades do grupo, estabelecendo julgamento sobre essa realidade e prevendo caminhos que possibilitem atender aos seus requisitos básicos, em consonância com as dimensões do conhecimento da EF, que indicam que ao entender o contexto do aluno é possível promover o “protagonismo comunitário”, de forma a possibilitar:

[...]a reflexão sobre as possibilidades que eles e a comunidade têm (ou não) de acessar uma determinada prática no lugar em que moram, os recursos disponíveis (públicos e privados) para tal, os agentes envolvidos nessa configuração, entre outros, bem como as iniciativas que se dirigem para ambientes além da sala de aula, orientadas a interferir no contexto em busca da materialização dos direitos sociais vinculados a esse universo. (BRASIL, 2017, p. 222)

Quando pontuamos a importância das aulas de PCNML serem contempladas na EFE para garantir o direito à aprendizagem de todos, nos baseamos não só ao fato do aumento da possibilidade de prática neste meio vivenciadas pelos alunos como apontamos acima, mas também por entender que:

[...] quando um tema pertinente à EF escolar não é abordado, pelo menos em algum momento dos anos escolares, o direito de aprendizagem dos alunos fica prejudicado. Especificamente, ao se pensar nos estudantes com menos condições socioeconômicas, considerando os índices de desigualdades na sociedade brasileira, pode-se supor que muitas vezes a escola representa a única possibilidade de contato com algumas práticas corporais. (ROSA, 2022, p.5)

Por se tratar de uma comunidade mais carente, as condições socioeconômicas tem um papel de destaque na acessibilidade destes alunos as aprendizagens no meio líquido, como comprovado ao apresentar que apenas 8 alunos, dos 28 que apresentamos que estavam presentes na aula neste dia, afirmaram que já haviam realizado aulas de natação antes.

A BNCC salienta a importância de “reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário” (BRASIL, 2017, p. 213), por este motivo, nos preocupa o fato do aluno não aprender sobre Educação aquática, desenvolver a competência aquática e principalmente ter o acesso educacional ao acervo cultural que as PCNML proporcionam como instrumentos para aprimorar seu lazer, seu desenvolvimento e segurança pessoal, pois como apresentado a maioria dos alunos relatou que entra no meio líquido sozinho.

Desta forma, é necessário na escolha dos objetos de aprendizagem considerar que os mesmos são uma herança cultural diversificada e devem ter uma relação com a vida dos alunos e embora entendamos que selecionar conteúdos para as aulas é desafiador, visto que se

deve lidar com a pluralidade no convívio social e, concomitantemente, com as necessidades de desenvolvimento dos educandos (MOREIRA, 2018), concretamente a EFE, deve reconhecer o contexto e promover os recursos para viver plenamente neste meio, “o que significa compreender e dialogar com a cultura aquática local e dos estudantes, para orientar as atividades aquáticas escolares como prática sociocultural” (OLIVAR et al, 2022, p.146).

Ao captar a importância da prática sociocultural e do papel que esta pluralidade terá no convívio social, fica mais fácil perceber o peso deste objeto de conhecimento no lazer do aluno, pois a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participarem, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde (BRASIL, 2017, p. 213).

Um aluno autista foi hoje pela primeira vez e os pais tiveram que acompanhar o início da aula de fora da piscina devido a ele estar muito inseguro e ter entrado em crise quando recebeu o bilhete das aulas na piscina. O mais interessante é que é um aluno que sempre interagi muito bem na quadra e em conversa com a mãe, eu havia dito que acreditava que na piscina seria da mesma maneira. Ele entrou bem inseguro com outro aluno segurando sua mão, a maior parte da aula permaneceu próximo a borda, mas interagiu rapidamente com as outras crianças e conseguiu molhar o rosto e mudar posturas corporais na água, tanto que com 20 minutos de aula os pais se despediram dele e ele permaneceu na piscina tranquilamente. Em contato com a mãe a mesma disse que foi a primeira vez que ele entrou em uma piscina, tiveram inclusive dificuldade quando foram até a praia e que ficaram surpresos por ele ter se adaptado tão rapidamente. (Diário de aula 2º dia- Apêndice C, 24/10/2022)

Este trecho reafirma perante a inclusão, aceitação e rápida adaptação do aluno, que enriquecer as vivências e os diálogos socioculturais dos alunos viabiliza se aprofundar e aceitar conhecer novas propostas dentro da cultura corporal do movimento e do lazer, inicialmente porque a escola tende a ser um lugar confortável e acolhedor para a criança que propicia a mesma estar aberta para novas situações.

Ao desenvolver as PCNML nas aulas de EF, conceitos e abordagens do tema poderão ser esclarecidos, como por exemplo o conceito do que é nadar.

Chico Bento:- Quando a gente vai aprender a nadar?

Professora:- Mas a gente já está aprendendo?

Chico Bento:- Não eu não tô?

Professora:- Lógico que você está, quando você chegou aqui você afundava a cabeça na água?

Chico Bento:- Não!

Professora:- E agora?

Chico Bento:- Eu já afundo.

Professora:- Quando você chegou você conseguia mergulhar e se deslocar dentro da água?

Chico Bento:- Não!

Professora:- E agora?

Chico Bento:- Agora eu consigo.

Professora:- Então, você já está aprendendo a nadar.

Chico Bento: Pensou e falou:- é mesmo. (Diário de aula 2º dia- Apêndice C, 24/10/2022)

Professora:- Vocês acham que o que nós fizemos nas quatro aulas está ensinado vocês a nadar ou não?

Alunos responderam em coro que sim.

Chico Bento:- Antes eu não sabia plantar bananeira agora eu sei.

Magali:- A professora disse que quem, tipo, tem muita dificuldade para passar embaixo da perna, que não conseguia pegar impulso, que começasse segurando na borda e batendo os pés, e aí nisso eu já estou conseguindo ficar sem segurar na borda.

Professora:- Muito bem!

Milena:- Antes eu não conseguia nadar nem mergulhar e agora eu consigo.

Professora:- Então vocês concordam comigo que mesmo sem a gente estar fazendo natação, fazendo outras atividades como jogos e brincadeiras, vocês estão aprendendo a nadar, estão aprendendo a se locomover, movimentar dentro da água?

Alunos responderam em coro que sim. (Transcrição roda de conversa final 2º dia- Apêndice D, 24/10/2022)

**Figura 21:** Brincadeira o mestre mandou.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Estes diálogos que aconteceram na roda de conversa no segundo trecho e em particular durante a aula no primeiro trecho com o aluno Chico Bento, demonstram que o entendimento sobre o que é nadar segue uma concepção cultural, haja visto que foi apresentado por uma criança de 9 anos, que atrelou o conceito nadar a modalidade esportiva natação, que reforça uma limitação do acervo cultural aquático.

“A maioria dos docentes – e a sociedade de modo geral – desconhece a ocorrência de aulas de EF ministradas no meio líquido” (BORGES, 2019, p. 108) e a não conceituação do tema abrangendo o conceito de nadar “relacionado a favorecer a liberdade de ação e a descoberta de movimentos dentro d’água que sejam significativos” (FREIRE et al, 2020, p. 68), o reduz à quatro estilos de natação, conceitualmente, e também nas aprendizagens motoras e culturais que deixam de ser ensinadas na escola até mesmo pelos poucos profissionais que utilizam o meio líquido em suas aulas, pois como apresentamos anteriormente nesta

dissertação as pesquisas apresentadas até o momento sobre atividades aquáticas apresentam unidade didáticas ou intervenções no meio líquido pautadas na modalidade esportiva natação e desconsideram o amplo acervo cultural deste meio.

Quando conversamos com uma criança sobre as possibilidades de se movimentar no meio terrestre as respostas perpassam por vários acervos culturais relacionados a dança, esportes, lutas, jogos e brincadeiras, e no meio líquido suas falas se restringem a brincar e talvez a alguma modalidade esportiva.

Professora:- Quando a gente pensa em entrar na piscina, o que vocês acham que dá para fazer dentro da piscina?

A maioria dos alunos respondeu fazer brincadeiras.

Cebolinha:- Brincar de bola.

Mônica:- Nadar.

Professora:- Além de nadar e brincar, vocês acham que dá para fazer mais alguma coisa?

Cascão:- Vôlei.

Professora:- Vôlei dentro da piscina, um esporte, vocês acham que dá para fazer esportes também?

Os alunos responderam em coro que sim.

Professora:- O vôlei está certo, o vôlei dentro da piscina se chama biribol. (Transcrição roda de conversa inicial 1º aula- Apêndice D, 20/10/2022)

Enquanto as crianças não tiverem a oportunidade de frequentar este meio e os estudos não observarem o ambiente líquido com o leque de opções tal qual o ambiente terrestre, a sua importância vai ser restrita a um único esporte e um único objetivo atrelado a sobrevivência e segurança, algo distante do olhar que queremos apresentar neste estudo, como apontado por Darido e Rangel (2011), ao salientar que só através de aulas diversificadas existe a possibilidade do desenvolvimento de competências e habilidades diferentes das adquiridas quando há o envolvimento de somente uma parte da cultura corporal.

Em consonância a estes apontamentos ao elaborar as propostas de aulas através do planejamento da unidade didática, desenvolvida como proposta à uma nova unidade temática denominada PCNML, tentamos contemplar a maior possibilidade de práticas e estratégias diferentes possíveis neste meio em 14 aulas, dentre as quais estão jogos e brincadeiras, polo aquático, nado sincronizado, salto ornamental, surf, conceitos de ritmo, coreografias, tática, ataque e defesa, entre outros, de maneira que inclusive pode ser contemplada em várias unidades temáticas já existente atualmente, para que o olhar para o meio líquido comece a ser abordado com maior abrangência educacional.

**Figura 22:** Amplo acervo cultural.



Fonte: Compilação arquivo pessoal da autora, 2023.

Possibilitando assim, “analisar” e “compreender” os “conceitos necessários para entender as características e o funcionamento das práticas corporais (saber sobre)” e os temas que permitem ao estudante interpretar as manifestações da cultura corporal de movimento em relação às dimensões, época e à sociedade que as gerou e modificou (BRASIL, 2017, p. 221), dentro do contexto aquático, interpretando e recriando os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam (BRASIL, 2017).

Após o exposto, é importante compreender que devido a sua singularidade, para que seja propiciado o aproveitamento integral do meio líquido, é necessário olhar para as habilidades mínimas que garantirão a prática segura dos alunos neste meio relacionadas a AML, sempre permeada por princípios lúdicos, de forma que a proposta de PCNML para crianças e adolescentes torne o aluno apto para enfrentar numerosas situações, como buscar soluções para problemas; desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências; buscar a socialização e desenvolver a autonomia (FIGUEIREDO, 2011), objetivos estes que podem ser adquiridos e garantidos no meio líquido e na maioria das vezes de uma maneira natural e divertida.

Assim, foi possível perceber que a unidade didática desenvolvida conseguiu contemplar as 8 dimensões do conhecimento para a EF apresentadas na BNCC, sobre isto:

Ao brincar, dançar, jogar, praticar esportes, ginásticas ou atividades de aventura, para além da ludicidade, os estudantes se apropriam das lógicas intrínsecas (regras, códigos, rituais, sistemáticas de funcionamento, organização, táticas etc.) a essas manifestações, assim como trocam entre si e com a sociedade as representações e os significados que lhes são atribuídos. Por essa razão, a delimitação das habilidades privilegia oito dimensões de conhecimento: (BRASIL,2017, p. 220)

Há de se reconhecer desta maneira que as PCNML atribuíram significados e representações na sociedade pelos alunos e abarcaram como resultado de suas aprendizagens a contemplação das oito dimensões do conhecimento como elucidado na discussão. Isso demonstra o papel das PCNML para alcançar os objetivos de aprendizagem esperados pela disciplina de EFE envolvendo todas as possibilidades de ação neste meio, seja para vivências de lazer, práticas esportivas, saúde, entre outros. E, compreendendo que todas as unidades temáticas foram construídas referenciadas pelas dez competências específicas para a EF no ensino fundamental, para valorizar a unidade temática PCNML apresentada, construímos um quadro apresentando a competência esperada pela BNCC na coluna 1 e como seria contemplada na unidade temática denominada PCNML na coluna 2, para que possamos demonstrar a ampla atuação deste conteúdo.

**Quadro 3:** 10 competências da Educação Física escolar para o ensino fundamental e seu desenvolvimento na unidade temática de Práticas corporais no meio líquido (continua)

Competências	Desenvolvimento nas PCNML
1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.	As PCNML correspondem a uma forma histórica de manifestação e expressão humana na água. Na contemporaneidade, pessoas de diferentes idades utilizam espaços aquáticos para distintas finalidades: recreação, entretenimento/ diversão, recuperação física, manutenção/ desenvolvimento da aptidão física, relaxamento, meditação, treinamento, competição esportiva, entre tantas outras. Logo, é possível afirmar que as AA fazem parte da cultura humana (ROSA, 2022, p.3).

**Quadro 3:** 10 competências da Educação Física escolar para o ensino fundamental e seu desenvolvimento na unidade temática de Práticas corporais no meio líquido (continua)

<p>2. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.</p>	<p>De facto, a necessidade de adaptar o ser humano ao meio aquático advém, fundamentalmente, da estranheza sensorial que este lhe causa, pois o equilíbrio, a respiração e a propulsão alteram-se radicalmente, comparativamente com o ambiente terrestre. Assim, seguindo um desenvolvimento lógico e coerente, o aluno vai progressivamente resolvendo os seus problemas até chegar a um momento em que é capaz de se deslocar autonomamente na água – através de movimentos dos segmentos corporais –, de forma espontânea e natural, não evidenciando necessariamente uma técnica padronizada de nado (FERNANDES e SOARES, 2020, p.33). Desta forma, este meio propicia um constante planeamento para resolver desafios e um acervo cultural extenso envolvendo possibilidades esportivas (natação, polo, remo, canoagem, surf, nado sincronizado, saltos ornamentais, etc), de saúde (hidroginástica, hidroterapia, acquabike, acquacross, etc), lazer (jogos e brincadeiras, recreação, etc), entre várias outras.</p>
<p>3 Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.</p>	<p>Existe uma íntima relação entre as atividades aquáticas com a promoção da saúde e do bem-estar, uma vez que a imersão no meio líquido gera inúmeros benefícios relacionados aos efeitos fisiológicos (BECKER, 2009), como a liberação das articulações e diminuição da tensão articular devido a sensação de diminuição do peso corpóreo, melhor irrigação sanguínea, ganho de força muscular, diminuição da dor, relaxamento, reforço da autoimagem e da autoestima, entre outros benefícios (VASILE, 2013).</p>
<p>4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.</p>	<p>Geralmente as pessoas frequentam espaços aquáticos utilizando trajes menores que deixam o corpo mais exposto, o que gera muita vergonha e insegurança principalmente nos adolescentes, sendo este um espaço muito rico de diálogo sobre padrões de beleza e a interferência dos mesmos nas oportunidades de interações sociais e lazer.</p>
<p>5. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.</p>	<p>Algumas modalidades olímpicas aquáticas como nado sincronizado, são praticadas apenas por mulheres sendo este um universo a ser explorado, além de questões que já são desenvolvidas usualmente na escola relacionadas a preconceitos, discriminação e bullying.</p>
<p>6. Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.</p>	<p>A interpretação errada deste ambiente é apresentada desde seu entendimento sobre o que é nadar, oportunizando uma enorme discussão e possibilidade de ressignificação deste espaço não só para segurança pessoal, mas como um universo cultural.</p>

**Quadro 3:** 10 competências da Educação Física escolar para o ensino fundamental e seu desenvolvimento na unidade temática de Práticas corporais no meio líquido (conclusão)

7. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.	O Brasil tem a maior disponibilidade de água doce do mundo, sem contar a água salgada, o ambiente aquático brasileiro faz parte da identidade do nosso país e oportunizar a chance de explorar suas múltiplas possibilidades é essencial.
8. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.	Existem espaços naturais como rios, represas, lagos, mar e espaços físicos como piscinas que são acessíveis a população, mas que não são usufruídos por ser um ambiente instável e que sem uma aprendizagem anterior pode ser perigoso, por isso a Educação aquática concomitante as PCNML proporcionam a potencialização das oportunidades de lazer e possibilidade de uma vida ativa principalmente para pessoas acometidas por problemas de saúde.
9. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.	Em cidades que não apresentam espaços públicos para as PCNML, o acesso fica restrito apenas a quem apresenta certo poder aquisitivo, eximindo o acesso de todos, desta maneira reconhecer as PCNML como proposta curricular é garantir o direito de acessibilidade a todo cidadão e prepará-lo para oportunidades de lazer nestes espaços.
10. Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.	O acervo cultural possível ao meio líquido caminha por todas as unidades temáticas apresentadas na competência 10 e propiciam experimentar, desfrutar, apreciar e criar opções de se movimentar sendo um direito e uma oportunidade ímpar.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Perante tudo que foi explanado até este momento, esperamos que tenha ficado claro, que é necessário que as práticas corporais desenvolvidas na escola contemplem as mudanças contínuas que afetaram a disciplina de EFE e que os professores precisam estar atualizados e familiarizados com a BNCC que direciona a construção do currículo escolar.

Esperamos que tenha sido esclarecido a responsabilidade e necessidade do professor de EF em oportunizar vivências no meio líquido, pois as mesmas não podem ser supridas no meio terrestre. Negar estas diferenças de vivências e oportunidades aos alunos é ferir seus direitos de aprendizagem e de usufruir de práticas corporais de maneira autônoma exercendo seu direito de cidadão e experimentando, desfrutando, apreciando e criando diferentes propostas.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do estudo foi analisar o desenvolvimento de práticas corporais no meio líquido como conteúdo curricular da Educação Física escolar para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, um desafio dado ao ineditismo do tema no cenário atual. Os poucos estudos encontrados se concentram no desenvolvimento da natação na EFE, enraizados em um conceito de “saber nadar” tradicionalista que minimiza a visão das possibilidades do se movimentar no meio líquido.

Desta forma, a partir da proposta à qual foi construída a unidade didática, acreditamos que foi possível ampliar a visão do tema, apresentando um pouco da vasta gama de propostas pertencentes a cultura corporal do movimento no meio líquido, entre elas, brincadeiras e jogos, polo aquático, surf, entre outras, reforçando as PCNML como um conteúdo de relevância cultural e validade social, atingindo o objetivo específico inicial de “evidenciar as possibilidades do ensino da unidade temática de Práticas corporais no meio líquido nas aulas de Educação Física escolar”.

Ao explorar estas possibilidades diante de uma nova unidade temática, contextualizamos a partir do referencial teórico as mudanças contínuas presentes na EFE, considerando a necessidade constante de atualização dos profissionais de EF sobre os temas emergentes a área e de relacionar os objetos de aprendizagem aos interesses e realidade dos alunos, compreendendo seu papel, e segundo Libâneo (1994) sua responsabilidade na escolha de qual concepção mundo e sociedade será compartilhada com os alunos e quais conteúdos e métodos serão adotados para que compreendam a realidade social, tornando os alunos capazes de usufruir de práticas corporais de maneira autônoma, exercendo seu direito de cidadão e experimentando, desfrutando, apreciando e criando diferentes propostas.

O segundo objetivo específico da pesquisa foi “analisar o desenvolvimento da unidade didática de Práticas corporais no meio líquido nas aulas de Educação Física escolar”. Assim, a partir da aplicação da unidade didática elaborada pela professora pesquisadora, composta por 14 aulas para os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, propusemos ideias para solucionar os desafios que elaborar esta temática na escola apresenta, como desenvolver projetos e apresentar na Secretaria de Educação de maneira a conseguir infraestrutura como, piscinas, transporte e materiais aquáticos; procurar parcerias com clubes, academias, entre outros, podem ser algumas soluções para os problemas de infraestrutura. Em relação às

vivências práticas geradas pela unidade didática, a proposta se mostrou adequada ao nível de aprendizagem da turma e uma ótima opção para turmas que nunca tenham vivenciado aulas no meio líquido, por considerar em sua elaboração os princípios da AML e da Educação aquática através da sequência didática.

Várias situações propiciadas pelas aulas foram relatadas a partir da discussão baseada nos diários de aula, mostrando que a unidade didática proporcionou vivências que potencializaram a liberdade nas ações realizadas pelo alunos no meio líquido, apresentando inclusive um grau crescente de dificuldade nos objetivos da proposta, como foi evidenciado ao finalizar as aulas com uma proposta de surf praticada na parte funda da piscina e que foi realizada por todos os alunos.

A consciência de autopreservação e segurança pessoal que indicamos na Educação aquática pode ser constatada na aplicação da unidade didática e exemplificada nesta fala: “Magali:- E também eu tenho que ficar vendo se vou conseguir acabar de passar sem acabar minha respiração”(Transcrição roda de conversa final 2º dia- Apêndice D, 24/10/2022), que demonstra a percepção de que a ação deve ser planejada de acordo com as características do meio reconhecendo suas próprias capacidades e estratégias necessárias em prol de sua segurança pessoal cumprindo seu papel social tão importante.

Por fim, “identificamos as influências da realização da unidade didática sobre as aprendizagens dos alunos”. Observamos que a unidade didática possibilitou aos alunos “vivenciar experiências corporais aquáticas e perceber que a água é mais que uma superfície de apoio e uma dimensão, é um espaço para emoções, aprendizados e relacionamentos com o outro, consigo e com a natureza” (FERNANDES; COSTA, 2006, p.2).

Nos apoiamos nos diálogos apresentados nas rodas de conversa, que de maneira muito contínua e intensa apresentaram a evolução do comportamento motor, cognitivo, social e de autopreservação relacionando a aprendizagem às oito dimensões do conhecimento, e demonstrando que foi possível proporcionar sensações de prazer e desenvoltura que inferiram na fruição do lazer pelo aluno, como neste trecho: “Carminha Frufu:- Outro dia eu queria nadar em uma piscina bem funda e aí eu lembrei do salto na borda e de como voltar para a borda e tudo mais e aí eu nadei”.(Transcrição roda de conversa final 5º dia- Apêndice D, 22/11/2022), mostrando seu propósito como pertinente a vida do aluno.

Assim, compreendemos que o caminho a ser percorrido para garantir o direito do cidadão de ter acesso as múltiplas possibilidades do se movimentar ainda será longo, mas

através deste estudo e neste sentido, torna-se pertinente a sugestão da realização de mais estudos sobre a abordagem das PCNML nas aulas de EFE, esperamos ter contribuído para que ao menos o assunto seja abordado com mais frequência e que, em uma futura reformulação da BNCC, possa ser pensado não mais como uma sugestão mas como um conhecimento básico de aprendizagem através da unidade temática PCNML.

Após o desenvolvimento dessa dissertação, elaboramos, como Produto Educacional, um curso com o nome de PCNML nas aulas de EFE, ofertado pela Portal de Cursos Abertos (PoCA) da UFSCar. Trata-se de um Produto Educacional no formato digital, que é apresentado no Apêndice E.

## REFERÊNCIAS

- ALBARRACÍN, A; MORENO-MURCIA, J. A. **Natación a la escuela. Hacia una alfabetización acuática.** Revista de Investigación Actividades Acuáticas (RIAA), v. 2, n. 3, p. 54-67. <https://doi.org/10.21134/riaa.v2i3.1307>.
- ARAÚJO, S. N. **O tempo e o espaço da educação física em escolas da rede municipal de Guarani das Missões/RS.** Motrivivência, Florianópolis, n. 39, p. 25-34, 2012.
- ARRIBAS, T. L. **A educação física de 3 a 8 anos.** 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BARBANTI, V. J. **O que é esporte?** Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, v. 2, p. 54-58, 2006.
- BARBOSA, T. **Para uma clarificação dos objetivos dos programas de natação para bebês.** Lecturas: Educación Física y Deportes, v. 15, Portugal, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2020. 288 p.
- BECKER, B. E. **Aquatic therapy: scientific foundations and clinical rehabilitation applications.** *PM&R*, [s. l.], v. 1, n. 8, p. 59-72, 2009.
- BEHRENS, M. A. **O paradigma da complexidade na formação e no desenvolvimento profissional de professores universitários.** Educação. Porto Alegre, v.30, n. 3, p. 439-455, set./dez. 2007.
- BETTI, M. **A versão final da Base Nacional Comum Curricular da Educação Física (Ensino Fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos.** Revista Brasileira de Educação Física Escolar, Curitiba, v. 4, 2018, p. 156-175.
- BETTI, M. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação.** 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 344.
- BORGES, R. M. **Estudar com professores: a formação continuada e o processo de mudança de concepção de ensino na Educação Física escolar.** 1. ed. Porto Alegre: CRV, 2019. 206 p.
- BOSCATTO, J. D; IMPOLCETTO, F. M; DARIDO, S. C. A. **Base Nacional Comum Curricular: uma proposição necessária para a Educação Física?** Motrivivência, Santa Catarina, v. 28, n. 48, p. 96- 112, set. 2016.
- BÔSCOLO, E. F. M; SANTOS, L. M; OLIVEIRA, S. L. **Natação para adultos: a adaptação ao meio aquático fundamentada no aprendizado das habilidades motoras aquáticas básicas.** Revista Educação, Guarulhos, v. 6, n. 1, 2011, p. 21-28.
- BOUFLEUER, J. P. Pesquisa. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de Educação Física.** Ijuí, RS: Unijuí, 2008, pp. 321-324.

BRACHT, V. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.

BRACHT, V. **Esporte na escola e esporte de rendimento**. Movimento, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 14-24, jan./jun. 2000.

BRASIL. Constituição (1937). **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 5 mai. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 19 jul. 2022.

BRASIL. Decreto nº 69.450, de 1 de novembro de 1971. **Regulamenta o artigo 22 da Lei número 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências**. Brasília, 1971. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 5 mai. 2022.

BRASIL. Decreto-lei 705/ 69, de 25 de julho de 1969. **Altera a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961**. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 5 mai. 2022.

BRASIL. Decreto-lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969. **Dispõe sobre tratamento excepcional para os alunos portadores das afecções que indica**. Disponível em: Acesso em: 5 mai. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.328, de 12 de dezembro de 2001. **Introduz a palavra “obrigatório” após a expressão “curricular”, constante do § 3o do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 2001. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 2014, Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 19 jul. 2022.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1961. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 6 mai. 2022.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá providências**. Brasília, 1971. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 5 mai. 2022.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacional.mec.gov.br>. Acesso em: 28 mar. 2021.

BRASIL. Parecer nº 853/71, de 12 de novembro de 1971, do CFE. Núcleo-comum para os currículos do ensino de 1º e 2º graus. **A doutrina do currículo na Lei 5.692**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/196249>. Acesso em: 5 mai. 2022.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010 – **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Câmara de Educação Básica – MEC/CNE/CEB, 2010

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017 - **Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica** – MEC/CNE/CP, 2017.

BRASIL. **Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República**. Caderno de Educação em Direitos Humanos. Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=32131-educacao-dh-diretrizesnacionaispdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32131-educacao-dh-diretrizesnacionaispdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BROUCO, G. R. **O lúdico e a adaptação ao meio líquido de crianças com medo**. EDUCERE - Revista da Educação, Umarama, v. 16, n. 2, p. 243- 255, jul./dez. 2016.

CALLAI, A. N. A; BECKER, E. P; SAWITZKI, R. L. **Conexões**: Educ. Fís., Esporte e Saúde, Campinas: SP, v. 17, e019022, p.1-16, 2019. ISSN: 1980-9030

CANOSSA, S.; FERNANDES, R.; CARMO, C.; ANDRADE, A. **Ensino multidisciplinar em natação: reflexão metodológica e proposta de lista de verificação**. Motricidade, Santa Maria da Feira, v. 3, n. 4, 2007, p. 82-99.

CARLAN, P.; DÜRKS, B. D. **O Conteúdo “Atividades Aquáticas” na Educação Física Escolar: Limites e Perspectivas**. Kinesis, Santa Maria, v.36, n.3, p. 2–14, set-dez. 2018.

CARVALHO, C. **A didáctica da natação**. Natação. v. 19, p. 11-25, 1992.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. 176 p.

CASTELLANI FILHO, L. **Política educacional e educação física**. Campinas: Autores Associados, 1998. 93 p.

CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DARIDO, S. C. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. In: ALBUQUERQUE, D.I.P; DEL-MASSO, M.C.S (Orgs); **Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço do ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

DARIDO, S. C; SOUZA JUNIOR, O. M. de. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2007. 352 p.

DEL-MASSO, M. C. S.; COTTA, M. A. C.; SANTOS, M. A. P. **Análise Qualitativa em pesquisa científica**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [EduTec], 2018.

DIAS, I. S. **Competências em educação: conceito e significado pedagógico**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo, v.14, n.1, p. 73-78, jan-jun/2010.

FENSTERSEIFER, P. E; GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física e cultura escolar: a constituição das disposições para a atuação docente**. XVI Seminário de Iniciação Científica, XIII Jornada de Pesquisa, IX Jornada de Extensão, Educação Física e Cultura Escolar: A Constituição das Disposições para a Atuação Docente. 2008. (Seminário).

FERNANDES, J. R. P.; COSTA, P. H. L. D. **Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 20, n. 1, p. 5-14, 2006. DOI: 10.1590/S1807-55092006000100001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16609>. Acesso em: 5 mai. 2022.

FERNANDES, R. J.; SOARES, S. **Pedagogia da natação: estratégias e técnicas de ensino para a aquisição de habilidades aquáticas**. In: FREIRE, M.; MACIEL, R. T. (Orgs); **Atividades aquáticas: estratégias, técnicas e métodos de ensino**. Salvador: EDUFBA, 2020. 228 p.

FIGUEIREDO, P. A. P. de. **Natação para bebês, infantil e iniciação: uma estimulação para a vida**. São Paulo: Phorte, 2011.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, M.; SENA, N. S.; COELHO, N. P. **A aquisição de habilidades motoras aquáticas básicas por meio do jogo**. In: FREIRE, M.; MACIEL, R. T. (Orgs); **Atividades aquáticas: estratégias, técnicas e métodos de ensino**. Salvador: EDUFBA, 2020. 228 p.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S. (Org.); DESLANDES, S.F.; GOMES, R. **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012. 126 p.

GONZÁLEZ, F. J.; FRAGA, A. B. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. 1. ed. Erechim: Edelbra, 2012. 208 p.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Entre o “não mais” e o “ainda não”**: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. Cadernos de Formação RBCE, mar. 2010. p. 10-21.

GONZÁLEZ, F. J; SCHWENGBER, M. S. V. **Práticas pedagógicas em Educação Física: espaço, tempo e corporeidade**. 1ª ed. Erechim, RS: Edelbra, 2012. 144 p.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Tradução: Juliana S. Padilha. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 120 p.

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Novas Competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília. Disponível em: <http://inep80anos.inep.gov.br/inep80anos/futuro/novas-competencias-da-base-nacional-comum-curricular-bncc/79>. Acesso em: 20 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Perfil dos estados e dos municípios brasileiros: esporte 2016**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

FALKEMBACH, E. M. F. **Diário de campo: um instrumento de reflexão**. In: contexto e Educação, nº 7, Juí: Inijuí, 1987.

FARIAS, D. C. **A natação no contexto escolar**. 1997. 36 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná.

FREIRE, M.; MACIEL, R. T. (Org.). **Atividades aquáticas: estratégias, técnicas e métodos de ensino**. Salvador: EDUFBA, 2020. 228 p.

KREIGHBAUN, E.; BARTHEL, K. M. **Biomechanics: a qualitative approach for studying human movement**. 4. ed. Boston: Allyn and Bacon, 1996.



LANGENDORFER, S; BRUYA, L. D. **Aquatic readiness**: Developing water competence in young children. Champaign: Human Kinetics, IL. 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, R. R. **Para compreender a história da Educação Física**. Educação e Fronteiras On-Line, Dourados, v.2, n.5, p.149-159, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/2241/1277>. Acesso em: 5 mai. 2022.

LIMA, S. O. **O diário de campo na experiência inicial docente**. Entrepalavras, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 126-141, out-dez/2018.

MACHADO, D. S, BRITO-MONZANI, J. O. **Natação em escolas**: dificuldades e desafios. 2022. 20 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciado em Educação Física) - Universidade Federal do Maranhão.

MAGGIO, M. V.; BURCKARDT, E. V. **Atividades aquáticas na Educação Física escolar**: uma nova proposta metodológica no Centro de Educação Básica Francisco de Assis – EFA. (Apresentação de Trabalho/Seminário). Anais... Salão do conhecimento 2013. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaokonhecimento/article/view/2354>. Acessado em: 10 jan. 2023.

MARQUES, M. O. **Ambiente escolar e atividades físicas em escolares de Pelotas, RS**. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

MARQUES, M. O. **Aprendizagem na mediação social do aprendizado e da docência**. Ijuí, RS: Unijuí, 1995.

MORENO, J; SANMARTIN, M. **Actividades acuáticas educativas**. INDE Publicaciones. Barcelona, 1998.

MORENO-MURCIA, J. A; RUIZ, L. M. Aprenda a nadar na infância. Para quê? Quando? O quê? Onde? Como? In: MORENO- MURCIA, J. A; ALBARRACÍN, A; PAULA, L. (Orgs): **Aportes pedagógicos acuáticos**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires (Argentina): Sb editorial, 2022. P. 15- 21.

MORENO-MURCIA, J. A; RUIZ, L. M. As habilidades aquáticas fundamentais. Chaves na competência aquática pela vida. In: MORENO- MURCIA, J. A; ALBARRACÍN, A; PAULA, L. (Orgs): **Aportes pedagógicos acuáticos**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires (Argentina): Sb editorial, 2022. P. 31- 38.

MORENO-MURCIA, J. RUIZ, L. **Cómo lograr la competencia acuática**. Buenos Aires: Sb Editorial. 2019.

MORÉS, G. **Atividades aquáticas na Educação Física escolar**: uma abordagem pedagógica. Interdisciplinar: Revista eletrônica da Univar, n. 7, p. 120-125, 2011.

NEIRA, M. **Incoerências e inconsistências da BNCC da Educação Física**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Florianópolis, v.40, n.3, p. 215-223, maio/2018.

OLIVAR, A. O.; PINTO, R. F.; ALBARRACÍN, A.; MORENO-MURCIA, J. A. Como educar no meio aquático de forma preventiva In: MORENO- MURCIA, J. A.; ALBARRACÍN, A.; PAULA, L. (Orgs): **Aportes pedagógicos acuáticos**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires (Argentina): Sb editorial, 2022. P. 145- 152.

OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 111 p.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR., D. et al. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-98.

PINHEIRO, E. M.; KAKEHASHI, T. Y.; ANGELO, M. **O uso de filmagem em pesquisas qualitativas**. Rev Latino-Am Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 13, n. 5, p. 717-22, set./out. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692005000500016>. Acesso em: 5 mai. 2022.

PLUMERT, J. M. **Relations between children's overestimation of their physical abilities and accident proneness**. Developmental Psychology, v. 31, n. 5, p. 866-876, 1995. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.31.5.866>

RIO GRANDE DO SUL, Secretária de Estado da Educação. **Referencial Curricular: linguagens códigos e suas tecnologias – Artes e Educação Física**. Porto Alegre, v.2, 2009. 184 p.

RODRIGUES, A. T. **Base Nacional Comum Curricular para a área de linguagens e o componente curricular Educação Física**. Revista Motrivivência. Florianópolis, v.28, n.48, p. 32-41, setembro/2016.

ROSA, J. C. D. **Atividades aquáticas na Educação Física Escolar: análise do desenvolvimento de uma unidade de ensino**. 2020. 45 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciado em Educação Física) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Ijuí, 2020.

ROSA, J. C. D.; FRAGA, A. B.; BORGES, R. M. **Atividades aquáticas como direito de aprendizagem dos alunos na Educação Física escolar**. Motrivivência, (Florianópolis), v. 34, n. 65, p. 01-21, 2022. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-8042. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e83978>

ROZENGARDT, R. Avaliação. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). 3ª ed. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2014, p. 71-74.

RUIZ, L. M. Desarrollo Motor, Cerebro y Neuroeducación Motriz en las Infancia. In: MUÑOZ, J; BELANDO, N. **NeuroAcción**. La neurociencia aplicada a las Ciencias de la Actividad Física y del Deporte. McSports. Madrid. p. 105-136, 2019.

SACRISTAN, G. J. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Tradução Ernani Da Rosa. 3ª edição. Porto Alegre: Art Med. 2000.

SÃO PAULO (ESTADO) Secretaria de Educação. **Programa da escola primária de São Paulo**. São Paulo, 1967. p. 59-61.

SILVEIRA, T. A; BRITO, R. G. **A dinâmica das rodas de conversa em aulas de ciências no ensino fundamental I**. In: X Congresso internacional investigación didáctica de las ciências. Senseñanza de las ciências, nº extraordinário, 2017, Sevilla, p. 253-258.

SOARES, C. L. **Educação física escolar**: conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física, n. supl. 2, p. 6-12, 1996. DOI: 10.11606/issn.2594-5904.rpef.1996.139637. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139637>. Acesso em: 5 mai, 2022.

SOARES, C. L. **Educação Física**: Raízes Européias e Brasil. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 1994. 167 p.

SOUZA JÚNIOR, O. M. de; DARIDO, S. C. **Dispensas das aulas de Educação Física**: apontando caminhos para minimizar os efeitos da arcaica legislação. Pensar a Prática, Goiânia, v. 12, n. 2, 2009. DOI: 10.5216/rpp.v12i2.6436. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/pef/article/view/6436>. Acesso em: 5 mai. 2022.

STALLMAN, R. K. **From Swimming Skill to Water Competence**: A Paradigm Shift. International Journal of Aquatic Research and Education, v. 10, n. 2, 2017.

SZPILMAN, D. **Afogamento**: perfil epidemiológico no Brasil ano de 2010. Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático – Sobrasa. Julho de 2012. Disponível em: <[http://www.sobrasa.org/biblioteca/obitos\\_2010/Perfil\\_afogamento\\_Brasil\\_2012.pdf](http://www.sobrasa.org/biblioteca/obitos_2010/Perfil_afogamento_Brasil_2012.pdf)>. Acesso em: 06 de agosto de 2022.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez/ Autores associados, 1986. 108 p.

TORRES, J. C; XAVIER, K. **Parâmetros curriculares nacionais: novo paradigma para a formação do professor e da prática docente em educação física?** EccoS – Rev. Cient., São Paulo, n. 37, p. 197-214, maio/ago. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n37.3688>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3688>. Acesso em: 10 jun. 2022.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>. Acesso em: 5 mai. 2022.

TUBINO, M. J. G. **O que é esporte?** 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

VAGO, T. M. **Pensar a educação física na escola**: para uma formação cultural da infância e da juventude. Cadernos de formação RBCE, v. 1, n. 1, p. 25-41, 2009.

VASILE, L.; STĂNESCU, M. **The aquatic therapy in balance coordination disorders.** Procedia – Social and Behavioral Sciences, New York, v. 92, p. 997-1002, 2013.

VELASCO, C. G. **Boas práticas psicomotoras aquáticas.** São Paulo: Phorte, 2013.

VIDOTTI, P. H. C. **A Educação Física e as dimensões do conhecimento na BNCC: um estudo a partir dos planos de ensino dos professores de uma rede municipal de ensino.** 2020. 207 p. Dissertação, Educação Física Escolar- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Tradução: Ernani F. F. Rosa, Porto Alegre: Art Med, 1998

## APÊNDICE

### APÊNDICE A- Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Resolução 466/2012 do CNS)

#### ATIVIDADES AQUÁTICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O seu(sua) filho(a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “Atividades Aquáticas nas Aulas de Educação Física Escolar”, que tem como pesquisadora responsável a Profa. Dra. Daniela Godol Jacomassi, docente do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e que será desenvolvida pela professora/pesquisadora Mary Ane Sartori Lopes, orientanda de mestrado da Profa. Dra. Daniela Godol Jacomassi.

O objetivo desta pesquisa é investigar as possibilidades das atividades aquáticas serem contempladas como conteúdo curricular da Educação Física Escolar. O(a) seu(sua) filho(a) foi selecionado por (a) estar matriculado regularmente na escola participante da pesquisa.

A participação do(a) seu(sua) filho(a) consiste em participar das aulas de Educação Física da escola. Nestas aulas serão realizadas atividades aquáticas e rodas de conversa, sob a regência/condução da professora/pesquisadora Mary Ane Sartori Lopes, professora de Educação Física da escola e orientanda de mestrado da Profa. Dra. Daniela Godol Jacomassi, pesquisadora responsável por essa pesquisa. As rodas de conversa serão realizadas no início e no final de cada aula de Educação Física. Para facilitar a transcrição posterior das falas, estas rodas de conversa serão filmadas com celular. Após a realização de cada aula a professora/pesquisadora Mary Ane Sartori Lopes irá elaborar diários de bordo em um software/aplicativo de edição de texto nos quais ela irá registrar informações das aulas e das rodas de conversa. Serão realizadas 2 aulas duplas (realizadas no mesmo dia) por semana, ao longo de 8 semanas, totalizando 16 aulas.

As imagens e falas do(a) seu(sua) filho(a) nas rodas de conversa realizadas nas aulas de Educação Física e todas as informações das aulas de Educação Física registradas nos diários de bordo da professora/pesquisadora de Educação Física serão tratadas de forma anônima e confidencial, ou seja, em nenhum momento será divulgada a identidade do(a) seu(sua) filho(a) em qualquer fase do estudo. A professora/pesquisadora Mary Ane Sartori Lopes será responsável pelo armazenamento adequado dos dados coletados (arquivos de vídeo das rodas de conversa e arquivos de texto dos diários de bordo), bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações referentes ao(a) seu(sua) filho(a). Para isso, uma vez concluída a coleta de dados, a professora/pesquisadora fará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou “nuvem”. Somente a professora/pesquisadora Mary Ane Sartori Lopes e a pesquisadora responsável Profa. Dra. Daniela Godol Jacomassi terão acesso a estes arquivos salvos neste dispositivo eletrônico local. Quando for necessário exemplificar determinada situação, a privacidade do(a) seu(sua) filho(a) será assegurada. Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos mas, em nenhum momento, o nome ou imagem do(a) seu(sua) filho(a) serão divulgados.

A participação nas rodas de conversa realizadas nas aulas de Educação Física não lhe oferece risco imediato ao(à) seu(sua) filho(a), porém considera-se a possibilidade de um risco subjetivo, pois algumas perguntas podem remeter a algum desconforto, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis, gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações. Caso algumas dessas possibilidades ocorram, o(a) seu(sua) filho(a) poderá optar pela suspensão imediata da participação na roda de conversa. Em relação às atividades aquáticas realizadas nas aulas de Educação Física os riscos são cansaço decorrente da realização das atividades. Caso isso ocorra o(a) seu(sua) filho(a) poderá interromper e retomar quando julgar apropriado ou interromper e, após a interrupção, não reiniciar mais a atividade. Além disso, em virtude da pandemia de COVID-19, é importante destacar que todas as atividades serão realizadas de acordo com as normas sanitárias de prevenção ao COVID-19 vigentes na escola no período de realização do estudo. Considerando que as atividades serão realizadas durante as aulas de Educação Física que são realizadas no horário letivo escolar e, que para frequentar a escola, os alunos, professores e funcionários devem seguir as normas sanitárias da escola, todas as normas já estarão sendo cumpridas para o desenvolvimento deste estudo.

O seu(sua) filho(a) não terá nenhum custo ou compensação financeira ao participar do estudo. Entretanto, todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da participação do(a)

seu(sua) filho(a) na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas. O seu(sua) filho(a) terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

O desenvolvimento desta pesquisa e a participação do seu(sua) filho(a) proporcionarão benefícios diretos [para seu(sua) filho(a)] e indiretos (para a área de Educação Física escolar). Os benefícios diretos incluem a oportunidade de vivenciar experiências corporais aquáticas. Os benefícios indiretos estão relacionados à contribuição para a ampliação do conhecimento sobre as possibilidades de inserção das atividades aquáticas como conteúdo na Educação Física escolar.


A participação do(a) seu(sua) filho(a) é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. A sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo, seja em sua relação ao pesquisado ou à UFSCar.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, no qual consta o telefone, email e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação do(a) seu(sua) filho(a) agora ou a qualquer momento por meio das informações de contato do pesquisador responsável.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da UFSCar que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas.

Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luiz km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br).

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br).

  
 \_\_\_\_\_  
 Prof. Dra. Daniela Godoi Jacomassi  
 Pesquisadora Responsável  
 Docente do DEFMH/UFSCar  
 Rod. Washington Luiz, Km 235, São Carlos, SP, 13.565-905  
[danielagodoi@ufscar.br](mailto:danielagodoi@ufscar.br) / (16) 99782-3979

Fui informado que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br). Eu declaro que estou ciente e autorizo a filmagem da participação do(a) meu(minha) filho(a) nas atividades descritas neste Termo, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do(a) meu(minha) filho(a) na pesquisa, e aceito que o(a) meu(minha) filho(a) participe desta pesquisa. E, sendo participação totalmente voluntária, estou livre para desistir, a qualquer momento, de colaborar com a pesquisa, sem qualquer prejuízo pessoal ou profissional. Declaro também que recebi uma via deste Termo e tive a possibilidade de lê-lo.

Matão, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável pelo Participante

## APÊNDICE B- Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE)

### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Resolução 468/2012 do CNS)

#### ATIVIDADES AQUÁTICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Gostaria de convidar você para participar da pesquisa “Atividades Aquáticas nas Aulas de Educação Física Escolar”, que tem como responsável a Profa. Dra. Daniela Godol Jacomassi, docente do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e que será realizada pela sua professora de Educação Física, Mary Ane Sartori Lopes, que também é aluna de mestrado da Profa. Dra. Daniela Godol Jacomassi.

O objetivo desta pesquisa é verificar se é possível incluir as atividades que são realizadas na piscina como conteúdo nas aulas de Educação Física Escolar. Você foi selecionado(a) por estar matriculado regularmente na escola participante da pesquisa.

A sua participação envolve a participação das aulas de Educação Física da sua escola. Nestas aulas vão ser realizadas atividades na piscina e rodas de conversa com a sua professora de Educação Física Mary Ane Sartori Lopes, que também é aluna de mestrado da Profa. Dra. Daniela Godol Jacomassi, pesquisadora responsável por essa pesquisa. As rodas de conversa vão ser realizadas no início e no final de cada aula de Educação Física. Para ajudar a professora Mary Ane lembrar do que foi falado nestas rodas de conversa, ela irá filmar as rodas de conversa com o celular. Após a realização das aulas a professora Mary Ane Sartori Lopes vai fazer anotações sobre a aula e sobre as rodas de conversa em um documento chamado de diário de bordo. Serão realizadas 2 aulas duplas (realizadas no mesmo dia) por semana, ao longo de 8 semanas, totalizando 16 aulas.

As suas imagens e falas nas rodas de conversa realizadas nas aulas de Educação Física e todas as informações das aulas de Educação Física anotadas nos diários de bordo da professora de Educação Física serão tratadas de forma anônima e confidencial, ou seja, ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não será falado para outras pessoas, nem será dado estas informações para estranhos. Somente os pesquisadores (professora Mary Ane e professora Daniela) terão acesso às informações coletadas na pesquisa; portanto, outras pessoas não saberão que você está participando ou participou da pesquisa. Os dados obtidos poderão ser divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos mas, em nenhum momento, o seu nome ou a sua imagem serão divulgados.

A sua participação nas rodas de conversa realizadas nas aulas de Educação Física é considerada seguro mas é possível que você sinta algum desconforto, que surjam sentimentos ou lembranças ruins, que você fique nervoso ou sinta desconforto por expor as suas opiniões durante as respostas às perguntas da professora. Se algumas dessas possibilidades ocorrerem, você poderá parar de participar da roda de conversa. Em relação às atividades na piscina, é possível que você sinta cansaço em virtude da realização das atividades. Caso isso ocorra você poderá parar e retomar quando quiser ou parar e não retomar mais para a aula. Além disso, por causa da pandemia de COVID-19, é importante destacar que todas as atividades serão realizadas de acordo com as normas da sua escola. Considerando que as atividades serão realizadas durante as suas aulas de Educação Física que são realizadas no horário em que você está na escola e, que para ir na escola, os alunos, professores e funcionários devem obedecer às normas da escola, todas as normas já estarão sendo cumpridas para o desenvolvimento deste estudo.

Você não terá nenhum gasto e nem ganhará algum valor em dinheiro ou algum brinde/presente por participar do estudo. Mas, se tiver gastos com o transporte e a alimentação devido a sua participação, o valor destes gastos será devolvido para você.

O desenvolvimento desta pesquisa e a sua participação resultarão em coisas boas para você e para as pessoas que estudam a Educação Física escolar. As coisas boas para você são a oportunidade de realizar atividades diferentes na piscina. As coisas boas para as pessoas que estudam a Educação Física escolar são aumentar o conhecimento sobre as atividades que podem ser realizadas nas aulas de Educação Física escolar.


A sua participação não é obrigatória; portanto, você é quem decide se quer ou não participar da pesquisa. E, mesmo que você tenha inicialmente aceitado participar, você pode mudar de ideia

a qualquer momento e desistir de participar. Caso você decida não participar ou desista depois de ter iniciado não tem problema para você, para a sua vida escolar, para a professora Mary Ane, para professora Daniela, para a sua escola ou para a UFSCar.

Você receberá uma cópia deste termo, no qual consta o telefone, email e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a sua participação agora ou a qualquer momento por meio as informações de contato do pesquisador responsável.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da UFSCar que é um lugar que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento de todas as pesquisas que envolvam pessoas, com o objetivo de garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas.

Caso você tenha alguma dúvida, você pode perguntar para a professora Mary Ane ou para a professora Daniela.



---

Prof. Dra. Daniela Godói Jacomassi

Pesquisadora Responsável

Docente do DEFMH/UFSCar

Rod. Washington Luiz, Km 235, São Carlos, SP, 13.565-905

[danielaqodoij@ufscar.br](mailto:danielaqodoij@ufscar.br) / (16) 99782-3979

Fui informado que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: [cephumanos@ufscar.br](mailto:cephumanos@ufscar.br). Eu declaro que entendi e autorizo a filmagem da minha participação nas atividades descritas neste Termo, declaro que entendi os objetivos, as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer por causa da minha participação na pesquisa, e aceito participar desta pesquisa. Entendi que posso dizer "sim" e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" sem nenhum problema. Declaro também que recebi uma cópia deste Termo e li e concordo em participar da pesquisa.

Matão, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do Participante



## APÊNDICE C – Diários de aula

### Diário de aula 1º dia- 20/10/2022

Quantidade de alunos: 28

Aula: 1 e 2

**Roda de conversa inicial-** Avaliação diagnóstica da turma e apresentação da aula, do espaço de aula e dos cuidados com o meio líquido.

A minha ansiedade e dos alunos estava enorme dentro do ônibus no caminho até o Centro de atendimento onde a piscina se localiza, pois passamos por um longo período de aproximadamente 8 meses de espera para que as aulas no meio líquido acontecessem, inicialmente a espera se deu devido a liberação da utilização da piscina pelos órgãos sanitários devido as restrições do COVID 19, depois pela finalização da reforma da piscina, em seguida a espera pela contratação do guarda-vidas e por último a temperatura aumentar, pois a piscina é descoberta e não é aquecida, por este motivo eles estavam muito agitados e falantes.

No total o tempo gasto entre os alunos entrarem no ônibus, o deslocamento da escola até o local das aulas e a descida dos alunos do ônibus, durou em torno de 10 minutos.

Assim que chegamos os alunos foram direto aos vestiários se trocar e os alunos que estavam sem sunga ou maio me acompanharam para que eu pudesse emprestar os maios e sungas que recebemos como doação, e que após todas as aulas levo para minha casa para lavar e poder ser emprestado no dia seguinte para outros alunos os quais a família não conseguiu comprar. Este processo de todos se trocarem demorou em torno de 10 minutos.

Após estarmos trocados sentamos para iniciar a roda de conversa.

A roda de conversa inicial durou 6 minutos e a parte prática da aula que contou com as brincadeiras: Pula-pula seu sabão, caça ao tesouro, pique estrela, alerta e tubarão duraram 50 minutos. Após a aula os alunos foram se trocar para poder retornar à escola, gastando 10 minutos para ficarem prontos e sentarem para a roda de conversa final.

### **Reflexão:**

A aula correu muito bem, mas como era o primeiro dia, os alunos estavam muito agitados o que acabou sendo muito desgastante pois precisei falar muito alto e usar de várias

estratégias para conseguir a atenção deles principalmente nas mudanças de atividades. No início da aula percebi que metade dos alunos entraram na piscina bem devagar e se deslocavam com cuidado e muita atenção, entretanto no final da aula percebi que a maioria da turma estava se sentindo confortável dentro da piscina e se deslocava sem precisar se preocupar com esta ação, isto pode ter sido causado pelas propostas iniciais de atividades que visavam exatamente a ambientação e adaptação ao meio líquido.

Uma preocupação que tinha era referente ao tempo que precisamos entre o deslocamento, a troca de roupa das crianças e as rodas de conversa, que no final consomem praticamente uma aula, por isso acho interessante pontuar que para realizar aulas no meio líquido este tempo precisa ser pensado e talvez não seja possível ser realizada em apenas uma aula de 50 minutos.

### **Diário de aula 2º dia- 24/10/2022**

Quantidade de alunos: 23

Aula: 3 e 4

Hoje os alunos estavam um pouco mais tranquilos, a inquietação foi apenas pelo fato da aula ter sido mudada para a segunda- feira ao invés de quinta-feira nesta semana, conseguimos esta mudança pois na quinta- feira os alunos seriam dispensados mais cedo e perderíamos a oportunidade de ministrar esta aula.

No total o tempo gasto entre os alunos entrarem no ônibus, o deslocamento da escola até o local das aulas e a descida dos alunos do ônibus, durou em torno de 8 minutos.

Assim que chegamos os alunos foram direto aos vestiários se trocar, este processo de todos se trocarem demorou em torno de 10 minutos.

Após estarmos trocados sentamos para iniciar a roda de conversa.

A roda de conversa inicial durou 4:30 minutos e a parte prática da aula que contou com as brincadeiras: O mestre mandou, duro mole americano, Marco polo e alfabeto duraram 50 minutos. Após a aula os alunos foram se trocar para poder retornar à escola, gastando 10 minutos para ficarem prontos e sentarem para a roda de conversa final.

A roda de conversa que durou 8 minutos e nos dirigimos para o ônibus para retornar a escola.

**Reflexão:**

A aula correu muito bem, os alunos estavam mais soltos hoje que na primeira aula.

Um aluno autista foi hoje pela primeira vez e os pais tiveram que acompanhar o início da aula de fora da piscina devido a ele estar muito inseguro e ter entrado em crise quando recebeu o bilhete das aulas na piscina. O mais interessante é que é um aluno que sempre interagi muito bem na quadra e em conversa com a mãe, eu havia dito que acreditava que na piscina seria da mesma maneira. Ele entrou bem inseguro com outro aluno segurando sua mão, a maior parte da aula permaneceu próximo a borda, mas interagiu rapidamente com as outras crianças e conseguiu molhar o rosto e mudar posturas corporais na água, tanto que com 20 minutos de aula os pais se despediram dele e ele permaneceu na piscina tranquilamente. Em contato com a mãe a mesma disse que foi a primeira vez que ele entrou em uma piscina, tiveram inclusive dificuldade quando foram até a praia e que ficaram surpresos por ele ter se adaptado tão rapidamente, além disso ela me disse que não permaneceu até o final da aula para que ele não se acostumasse com eles na aula, pois aquele dia ela conseguiu uma dispensa do serviço. A fácil adaptação do Dudu me deixou muito empolgada, principalmente por entender a angústia dessa mãe ao frequentar lugares que existe piscina e pensar o quanto isto pode ajudar nos momentos de lazer com a família.

Outro fato que me marcou foi que no meio da aula o Chico Bento me procurou e perguntou:

- Quando a gente vai aprender a nadar?

Professora:- Mas a gente já está aprendendo?

Chico Bento:- Não eu não tô?

Professora:- Lógico que você está, quando você chegou aqui você afundava a cabeça na água?

Chico Bento:- Não!

Professora:- E agora?

Chico Bento:- Eu já afundo.

Professora:- Quando você chegou você conseguia mergulhar e se deslocar dentro da água?

Chico Bento:- Não!

Professora:- E agora?

Chico Bento:- Agora eu consigo.

Professora:- Então, você já está aprendendo a nadar.

Chico Bento:- Pensou e falou, é mesmo.

Isto me faz pensar o que para eles é aprender a nadar? E principalmente o quanto está enraizado na cabeça deles que só se aprende a nadar através da natação, esquecendo qualquer outra forma de se movimentar no meio aquático.

### **Diário de aula 3º dia- 10/11/2022**

Quantidade de alunos: 30

Aula: 5 e 6

No total o tempo gasto entre os alunos entrarem no ônibus, o deslocamento da escola até o local das aulas e a descida dos alunos do ônibus, durou em torno de 8 minutos.

Assim que chegamos os alunos foram direto aos vestiários se trocar, este processo de todos se trocarem demorou em torno de 10 minutos.

Após estarmos trocados sentamos para iniciar a roda de conversa.

A roda de conversa inicial durou 12 minutos e a parte prática da aula que contou com atividades de manipulação, fundamentos e regras básicas em formato de jogo de polo aquático. duraram 54 minutos. Após a aula os alunos foram se trocar para poder retornar à escola, gastando 10 minutos para ficarem prontos e sentarem para a roda de conversa final.

A roda de conversa final durou 6 minutos e nos dirigimos para o ônibus para retornar à escola.

### **Reflexão:**

Embora a ideia da aula fosse desenvolver o polo, devido à pouca competência aquática dos alunos para se locomoverem no fundo adaptamos o jogo e as atividades a parte

rasa da piscina, com um momento em que os alunos se deslocavam sem os pés no chão mas com maior segurança e conforto para eles.

Foi possível verificar que todos estavam mais soltos e adaptados ao ambiente e adoraram a proposta da aula, entretanto a maior parte da alegria e empolgação se perdeu durante a proposição do jogo com delimitação e finalização em obstáculos, pois todos queriam estar com a bola e por várias vezes não respeitaram as regras do polo e principalmente apresentaram atitudes antidesportivas de maneira que tive que intervir em vários momentos para a segurança das crianças. Estas situações geraram um diálogo bacana na roda de conversa e este acho que foi o ponto chave, eles entenderem o que estava errado e como tentar mudar e trabalhar mais em equipe.

#### **Diário de aula 4º dia- 17/11/2022**

Quantidade de alunos: 29

Aula: 7 e 8

No total o tempo gasto entre os alunos entrarem no ônibus, o deslocamento da escola até o local das aulas e a descida dos alunos do ônibus, durou em torno de 10 minutos.

Assim que chegamos os alunos foram direto aos vestiários se trocar, este processo de todos se trocarem demorou em torno de 10 minutos.

Após estarmos trocados sentamos para iniciar a roda de conversa.

A roda de conversa inicial durou 7 minutos e a parte prática da aula que contou com atividades de jogo dos 10 passes e jogo de 'polo aquático com superioridade numérica duraram 50 minutos. Após a aula os alunos foram se trocar para poder retornar à escola, gastando 10 minutos para ficarem prontos e sentarem para a roda de conversa final.

A roda de conversa que durou 7 minutos e nos dirigimos para o ônibus para retornar à escola.

**Reflexão:**

A aula e a roda de conversa hoje foram bem melhores, foi possível verificar que houve um pouco mais de comunicação durante a atividade e eles conseguiram se posicionar melhor na piscina, diminuindo também os atritos entre eles.

**Diário de aula 5º dia- 22/11/2022**

Quantidade de alunos: 30

Aula: 9 e 10

No total o tempo gasto entre os alunos entrarem no ônibus, o deslocamento da escola até o local das aulas e a descida dos alunos do ônibus, durou em torno de 5 minutos.

Assim que chegamos os alunos foram direto aos vestiários se trocar, este processo de todos se trocarem demorou em torno de 10 minutos.

Após estarmos trocados sentamos para iniciar a roda de conversa.

A roda de conversa inicial durou 10 minutos e a parte prática da aula que contou com as atividades de siga o mestre, estátua, brincadeira do espelho, gestos ginásticos ao som da música e salto ornamental duraram 50 minutos. Após a aula os alunos foram se trocar para poder retornar à escola, gastando 10 minutos para ficarem prontos e sentarem para a roda de conversa final.

A roda de conversa que durou 9 minutos e nos dirigimos para o ônibus para retornar à escola.

**Reflexão:**

Foi muito interessante ver nesta aula o quanto eles entenderam a proposta das aulas e estão se dedicando para dar o seu melhor, poucos são os momentos que preciso ficar repetindo as explicações, pois eles estão concentrados e motivados a cada nova atividade. Na escola durante a semana vários me abordam curiosos com os conteúdos da próxima aula e isto está mostrando que parece que o trabalho está fazendo sentido para mim e para eles.

Percebi vários depoimentos de alunos que estão apresentando mais autonomia nos seus momentos de lazer para frequentar ambientes aquáticos e estão conseguindo relacionar

atividades da aula a estes meios e este é um grande feito, pois as propostas de aula estão sendo levadas para a vida destes alunos.

### **Diário de aula 6º dia- 29/11/2022**

Quantidade de alunos: 30

Aula: 11 e 12.

O deslocamento demorou 10 minutos e assim que chegamos os alunos foram direto aos vestiários se trocar, demoraram 10 minutos para se trocar.

A roda de conversa inicial durou 7 minutos e a parte prática da aula durou 50 minutos. Após a aula os alunos foram se trocar para poder retornar à escola, gastando 10 minutos para ficarem prontos e sentarem para a roda de conversa final.

Encerramos a roda de conversa que durou 4 minutos e nos dirigimos para o ônibus para retornar à escola.

#### **Reflexão:**

A aula foi fantástica, todos participaram e foi possível verificar que estavam realmente experimentando vários movimentos e colocando a criatividade na aula.

Depois da divisão dos grupos eu não interferi em nada e deixei que eles realmente se organizassem e preparassem as apresentações, e foi surpreendente perceber que todas as apresentações trouxeram movimentos diferentes e sem ser falado, eles prepararam mais de quatro movimentos e intercalaram momentos de sincronia do grupo e momentos individuais, fiquei realmente surpresa com a qualidade das apresentações, embora na nossa escola eles participem de oficinas de dança e teatro e mesmo eu entendendo que eles tem uma bagagem neste sentido de 3 anos foi muito gratificante perceber o empenho, a criatividade e desenvoltura deles.

Outro ponto é que neste momento pude observar com calma se ainda tem algum aluno com receio dentro da água e foi possível verificar que dois alunos ainda não conseguiram relaxar neste ambiente e caminham e se movimentam com cautela, mas sem nenhum apoio.

**Diário de aula 7º dia- 01/12/2022**

Quantidade de alunos: 29

Aula: 13 e 14.

O deslocamento demorou 10 minutos e assim que chegamos os alunos foram direto aos vestiários se trocar, demoraram 10 minutos para se trocar.

A roda de conversa inicial durou 9 minutos e a parte prática da aula durou 50 minutos. Após a aula os alunos foram se trocar para poder retornar à escola, gastando 10 minutos para ficarem prontos e sentarem para a roda de conversa final.

Encerramos a roda de conversa que durou 4 minutos e nos dirigimos para o ônibus para retornar à escola.

**Reflexão:**

Após a última aula foi possível notar que os alunos estavam mais soltos na água, nenhum aluno se negou a realizar as atividades mesmo o surf sendo no fundo e sabendo que eles cairiam no fundo.

Depois deste processo foi interessante perceber que eles começaram a assimilar as adaptações do corpo que eram necessárias para se movimentar no meio aquático e principalmente o entendimento deles relacionado as questões de segurança, eles mesmo entendiam os seus limites e sempre que algo novo era colocado a prova e que eles sentiam que não estavam confortáveis eles me falavam e isto demonstra um princípio de Educação aquática acontecendo.



**APÊNDICE D – Transcrição das rodas de conversa****1º dia- 20/10/2022****Roda de conversa inicial: diagnóstica**

Professora: -Quem aqui usa a piscina quando sai com o papai ou com a mamãe, ou vai em festa?

Apenas 2 alunos não levantaram a mão para afirmar que usam a piscina.

Professora:-Quem aqui já frequentou aulas de natação?

Apenas 8 alunos levantaram a mão afirmando que já realizaram aula de natação.

Professora:- Quando vocês saem com o papai e a mamãe em um lugar que tem piscina, vocês entram sozinhos ou tem que entrar alguém junto?

Alunos responderam ao mesmo tempo que a maioria entra na piscina sozinho.

Professora:- Quem já se afogou em uma piscina?

10 alunos levantaram a mão afirmando que já haviam se afogado e o restante falava em voz alta que mais ou menos.

Percebendo que a minha pergunta não havia sido clara reformulei e perguntei novamente:

Professora:- Mais alguém se afogou a ponto de ficar desacordado ou foi só de engolir água?

Alunos responderam em coro que só de engolir água.

Esta resposta me remete à falta de entendimento sobre o que realmente é se afogar em uma piscina.

Professora:- Quando a gente pensa em entrar na piscina, o que vocês acham que dá para fazer dentro da piscina?

A maioria dos alunos respondeu fazer brincadeiras.

Cebolinha:- Brincar de bola.

Mônica:- Nadar.

Professora:- Além de nadar e brincar, vocês acham que dá para fazer mais alguma coisa?

Cascão:- vôlei.

Professora:- Vôlei dentro da piscina, um esporte, vocês acham que dá para fazer esportes também?

Os alunos responderam em coro que sim.

Professora:- O vôlei está certo, o vôlei dentro da piscina se chama biribol. Na piscina é possível realizar muitas atividades, como Jogos e brincadeiras, esportes, ginástica, dança, lutas, práticas corporais de aventura e práticas corporais no meio líquido, vocês acreditavam ser possível realizar tantas coisas diferentes dentro da piscina?

A maioria dos alunos respondeu que não.

Professora:- Algumas destas atividades que nós iremos realizar dentro da água, vocês trabalham na quadra e agora nós vamos fazer dentro da água, mudando lógico, as brincadeiras para o ambiente aquático. Alguém tem medo de entrar na piscina?

2 alunos levantaram a mão dizendo que sim e os demais responderam que não.

Professora:- Antes de irmos para a piscina vamos conversar sobre as regras de segurança:

1ª regra: ao sair para ir ou voltar do banheiro não pode correr, pois o piso é liso e vocês podem escorregar e se machucar.

2ª regra: Antes de entrar na piscina iremos tomar uma ducha para retirar a sujeira do corpo e não sujar a água.

3ª regra: A piscina que iremos ficar tem uma parte redonda que é rasa e no final desta parte redonda temos quatro degraus que ao descê-los ficamos na parte funda da piscina, por isso tomem cuidado e nós só ficaremos na parte rasa na aula de hoje. Isso significa que quando eu sair para ir ao banheiro eu não posso voltar e pular na piscina, primeiro para que não corra o risco de eu cair em cima de algum amigo e em segundo lugar para que vocês não pulem na parte funda sem querer. Por isso para entrar na piscina sempre sente na borda e entre na água.

4ª regra: Ao acabarmos de conversar, todos formarão a fila para tomar a ducha e sentarão na borda da piscina, podendo entrar na piscina apenas quando eu estiver dentro da água e autorizar, por isso não sentem muito próximo ao final da borda e nem fiquem brincando de empurrar o amigo.

### **Roda de conversa final: primeira impressão da aula**

Professora:-Encerramos a nossas duas primeiras aulas hoje e eu gostaria de saber se vocês gostaram da aula?

Alunos responderam em coro que sim.

Professora:- Alguém achou muito difícil fazer a aula?

3 alunos levantaram a mão dizendo que acharam difícil.

Professora:- O que você achou difícil Anjinho?

Anjinho:- Tudo!

Professora:-É porque você tem muita dificuldade né? Você tem medo de piscina né?

Anjinho:- Sim.

Chico Bento:- Achei muito difícil flutuar e nadar com a mão em cima da cabeça imitando o tubarão.

Floquinho concordou que nadar imitando o tubarão no pega-pega tubarão foi muito difícil.

Magali:- Achei difícil colocar a cabeça no chão no Pula-pula seu sapão.

Professora:-Entendi, mas gostaria de saber se estas brincadeiras que fizemos na piscina, vocês já haviam feito na quadra?

6 alunos levantaram a mão que sim e o resto que não.

Professora:- Quais?

Chico Bento:- A do pega-pega tubarão, que na quadra pode ser o pega-pega ou até pega ajuda.

Professora:- Vocês acham que seria legal se a Educação Física de vez em quando ao invés de ser na quadra, fosse na piscina?

Alunos responderam em coro que sim.

Professora:- E dentro da água vocês conseguem se movimentar igual fora da água?

Metade dos alunos responderam que sim e metade que não.

Professora:- Nimbus, porque você disse que não?

Nimbus:- Porque a água é pesada e não dá para correr igual fora.

Professora:- Mas e se você estiver na horizontal é mais fácil?

Nimbus:- Sim

Professora:- Então na água o nosso corpo precisa de movimentos diferentes para se deslocar?

Todos os alunos responderam que sim.

Professora:- Quando afundamos o corpo na água nosso corpo fica mais leve ou mais pesado?

Metade dos alunos responderam que sim e metade que não.

Professora:- Vamos tirar a prova então, quando vocês ficavam agachados na água com o joelho no chão ele dóia?

Alunos responderam que não.

Professora:- Agora levantem e agachem e fiquem com o joelho no chão e me digam se dói?

Alunos dizem em coro que é difícil agachar e levantar sem colocar as mãos e ficar de joelhos no chão e na piscina este movimento era fácil.

Professora:- Então vocês concordam comigo que na piscina a sensação que dá é que o corpo fica mais leve e aqui é mais difícil porque nosso corpo fica mais pesado?

Os alunos disseram que sim.

Professora:- Alguém quer comentar mais alguma coisa?

Magali:- Teve um momento que eu tentei levantar e cai e engoli um pouco de água pois o chão da piscina é mais liso.

Professora:- É verdade bem falado Magali. Mas alguém quer falar algo?

Como ninguém se prontificou a falar encerramos a roda de conversa que durou 6 minutos e nos dirigimos para o ônibus para retornar à escola.

## **2º dia- 24/10/2022**

### **Roda de conversa inicial: apresentação dos conteúdos das aulas**

Professora: - Hoje iremos iniciar a nossa terceira e quarta aula utilizando Jogos e Brincadeiras, sendo estas as duas últimas aulas com esta abordagem.

Chico Bento:- Professora depois o que a gente vai aprender?

Professora:- Esportes.

Chico Bento:- Como assim esportes?

Professora:- Nós temos vários esportes dentro da água, mas vamos conversar sobre os esportes na próxima semana com mais calma e hoje a gente foca nas brincadeiras, pode ser?

Os alunos responderam em coro que sim.

Magali:- Mas nós vamos brincar de brincadeiras novas ou as mesmas da última aula?

Professora:- Não diferentes, hoje nós vamos brincar de o mestre mandou, duro mole americano, marco polo e alfabeto. Agora vamos relembrar as normas de segurança, eu posso correr quando saio ou volto para a piscina?

Alunos responderam em coro que não porque escorrega.

Professora:- Eu posso chegar e dar um pulão dentro da água?

Alunos responderam que não pois pode cair em cima de alguém.

Professora:- Eu posso ficar se agarrando na água ou tentando afundar o meu amigo?

Alunos responderam ao mesmo tempo que não.

Professora:- As pessoas que na aula passada estavam um pouco inseguras e com medo, hoje vocês estão com menos medo ou não?

Todos responderam em coro que estão com menos medo.

Professora:- Então hoje vocês estão tranquilos e se sentindo bem com a piscina?

Novamente os alunos respondem em coro que sim.

Professora:- Na semana passada nós começamos com brincadeiras de afundar, levantar, encostar algumas partes do corpo no chão para vocês se acostumarem com a piscina certo?

Alunos responderam que sim.

Professora:- Depois nós fizemos brincadeiras para vocês se deslocarem na água correndo ou nadando, que foram o pega-pega tubarão, pique estrela e a dos peixinhos para vocês encontrarem no fundo da piscina, correto?

Alunos responderam em coro novamente que sim.

Professora:- Além disso no pique estrela a gente trabalhou flutuação, aprender a boiar dentro da água tá, hoje a gente começa com a brincadeira do Mestre mandou que também vai fazer vocês realizarem vários movimentos dentro da piscina, depois o duro mole americano vai fazer com que vocês realizem mergulhos para passar embaixo da perna; depois a gente vai brincar de Marco polo que é parecido com cobra cega aonde vocês vão se deslocar pela piscina com o olho vendado, para que a gente possa ver se vocês estão mais seguros para se deslocar na piscina principalmente de olhos vendados. Depois o alfabeto vai ser realizado com saltos na borda, para que vocês aprendam a pular na piscina e se deslocar procurando o local mais raso ou uma parede de apoio. Agora todos podem formar fila para tomar a ducha.

### **Roda de conversa final: análise da aula realizada**

Professora:-Encerramos a nossa quarta aula hoje e eu gostaria de saber o que vocês acharam destas aulas?

Alunos responderam em coro legal.

Maria Cascuda:- Eu gostei da brincadeira do alfabeto que era para pular no fundo.

Milena:- Eu também.

Floquinho:- Eu gostei daquela de passar embaixo da perna.

Professora:- Vocês acham que o que nós fizemos nas quatro aulas está ensinado vocês a nadar ou não?

Alunos responderam em coro que sim.

Chico Bento:- Antes eu não sabia plantar bananeira agora eu sei.

Magali:- A professora disse que quem, tipo, tem muita dificuldade para passar embaixo da perna, que não conseguia pegar impulso, que começasse segurando na borda e batendo os pés, e aí nisso eu já estou conseguindo ficar sem segurar na borda.

Professora:- Muito bem!

Milena:- Antes eu não conseguia nadar nem mergulhar e agora eu consigo.

Professora:- Então vocês concordam comigo que mesmo sem a gente estar fazendo natação, fazendo outras atividades como jogos e brincadeiras, vocês estão aprendendo a nadar, estão aprendendo a se locomover, movimentar dentro da água?

Alunos responderam em coro que sim.

Professora:- Muito bem! Alguém mais quer comentar alguma coisa?

Alunos responderam em coro que não.

Professora:- Estas atividades que nós realizamos vocês já tinham pensado em fazer na Educação Física?

Alunos responderam em coro que não.

Chico Bento:- Eu Tenho uma pergunta, existe esconde-esconde de natação?

Professora:- É mais difícil né pois na piscina a gente não teria lugar para se esconder.

Magali:- A menos que seja embaixo da água.

Professora:- É, a não ser que seja com uma regra um pouco diferente que a regra fora da água.

Anjinho:- Professora a gente podia colocar objetos para se esconder?

Professora:- Sim.

Xaveco:- Sabe professora o duro mole americano a gente já tinha feito na quadra.

Professora:- E qual foi mais difícil, na quadra ou na piscina.

Xaveco:- Na piscina.

Monica:- Porque quando a gente ia passar embaixo da perna das pessoas às vezes ela empurram nossa cabeça e dava medo de se afogar.

Professora:- Xaveco você falou que na água é mais difícil o duro mole americano e eu queria saber de você, o porquê você achou mais difícil, qual é a grande diferença que você sentiu?

Xaveco:- Nadar embaixo da água é mais difícil porque mexe com meu ar.

Professora:- E em termos de movimento, o movimento que o seu corpo tinha que fazer dentro da água e fora, era um movimento igual, você se movimentava da mesma maneira?

Xaveco:- Tipo fora da água a gente fica meio que engatinhando e na água não.

Magali:- E também eu tenho que ficar vendo se vou conseguir acabar de passar sem acabar minha respiração.

Professora:- Entendi, então dentro da água muda o movimento e vocês ainda tem que se preocupar com a respiração.

Milena:- Professora é um pouco difícil porque se você escorrega o pé na hora de passar você pode se afogar porque aqui o chão é liso.

Professora:- Mas aqui a professora está olhando vocês o tempo todo não tem perigo de se afogar.

Dorinha:- Na outra hora eu fui passar embaixo da perna e alguém empurrou a minha cabeça e eu quase me afoguei.

Professora:- Esta é uma preocupação, não podemos empurrar o amigo para passar mais rápido embaixo da perna pois isto deixa ele preocupado. Bom, então vamos encerrar a nossa aula para voltar para a escola, todos para o ônibus.

### **3º dia- 10/11/2022**

#### **Roda de conversa inicial: apresentação dos conteúdos das aulas.**

Professora: - Hoje iremos iniciar o nosso terceiro dia de aula, nossa quinta e sexta aula e hoje vamos falar de esportes, então vamos lembrar comigo, quais esportes que nós podemos fazer que são praticados na piscina?

Alunos: -Vôlei.

Professora: -O vôlei que recebe o nome de biribol, o que mais?

Cebolinha:- Da para fazer basquete?

Professora:- Basquete não.

Anjinho:- Pega-pega.

Professora:- Vamos pensar no pega-pega, é fácil correr na piscina?

Alunos:- Não.

Professora:- Então se a gente fosse transferir uma prova de atletismo para a piscina, primeiro qual a diferente de esportes e jogos?

Mônica: Esporte é mais organizado.

Professora:- Esporte é mais organizado, tem regras.

Carminha Frufru:- Qual seria o esporte para correr?

Professora:- O atletismo, mas vamos pensar que esporte na piscina que poderia representar o atletismo?

Anjinho:- Nadando?



Professora:- A natação, perfeito, a natação não seria um tipo de corrida na piscina?

Alunos:- Sim.

Professora:- Por que na piscina é mais fácil a gente se movimentar em pé ou com o corpo na horizontal, deitado?

Alunos: Na horizontal!

Professora: - Correto, vocês concordam que o nosso corpo ele muda dentro da água?

Alunos:- Sim.

Professora:- E a forma de se movimentar também, então vamos pensar na natação, no biribol, que modalidades mais a gente pode ter na piscina?

Alunos: murmuram mais não dizem nada.

Professora:- Polo aquático, vocês já ouviram falar em Polo aquático?

Alunos:- Não.

Professora:- Vocês já ouviram falar do handebol?

Alunos: a maioria respondeu que não.

Professora:-Como a gente joga o handebol?

Carminha Frufru:- Tacando um para o outro!

Professora: Com a bola na mão?

Alunos: É!!

Professora: Mas aí a gente tem que fazer o que?

Cebolinha:- Gol!

Professora:- Então no handebol a gente pega a bola na mão e tem que fazer gol com a mão. No polo aquático seria a mesma ideia, seria como se a gente fosse carregar a bola com a mão para fazer o gol, é outra modalidade. A gente tem também o surf, o mergulho, saltos ornamentais, que é um salto que a gente salta fazendo movimentos no corpo para tentar entrar na água espirrando a menor quantidade de água possível.

Cebolinha:- Existe uma queimada aquática?

Professora:- Se a gente pensar em jogos e brincadeiras a gente poderia inventar uma queimada aquática não poderia?

Alunos:- Sim.

Professora:- Mas nós estamos falando de jogos e brincadeiras ou de esportes?

Alunos: Esportes!

Cebolinha:- Mas queimada não é um esporte?

Professora:- Não é um jogo. Eu vou dar um exemplo, quando eu passo bola queimada para vocês realizarem eu coloco a regra que se pegar na mão está queimado correto?

Alunos: Sim!

Professora:- Como eu também coloco como regra que só pode queimar da lateral à partir da terceira pessoa queimada?

Alunos:- Sim!

Professora:- Mas vocês já jogaram bola queimada aonde a mão era livre não jogaram?

Alunos:- Sim!

Professora:- E aonde não podia queimar na lateral, não foi?

Alunos:- Sim!

Professora:- Então vocês concordam comigo que no jogo de bola queimada eu posso alterar a regra o tempo todo?

Metade dos alunos respondeu sim e metade não.

Professora:- Como não? Eu não posso alterar o jogo?

Alunos:- Sim!

Professora:- Vou dar um exemplo: a bola queimada na nossa cidade a gente chama de bola queimada, em outros lugares do país ela é chamada de Baleado, ou de Queimada, então ela recebe outros nomes. Agora vamos pensar no futebol, ele recebe outros nomes em outros lugares do mundo?

Alunos:- Não!

Professora:- Não, ele sempre chama futebol. As regras dele eu posso falar se você chutar no gol e bater na mão do goleiro não vai valer gol?

Alunos:- Não.

Professora:- Deu para entender a diferença agora?

Alunos:- Sim.

Professora:- A regra do futebol ela não muda, vai ser a mesma regra em todos os lugares do Brasil e do mundo, no caso da bola queimada a gente pode mudar a regra de acordo com o lugar que vai jogar. Então continuando, hoje nós começamos a desenvolver esportes, o primeiro esporte será o polo aquático. O polo aquático passou a ser disputado nas Olimpíadas

que também é uma diferença dos jogos e brincadeiras que não são disputados nas olimpíadas, os esportes são. Ele começou a ser disputado nas olimpíadas em 1900, é um confronto entre duas equipes, ou seja, duas equipes vão jogar contra e o objetivo é fazer o maior número de gols. Ele tem uma semelhança com o handebol, entretanto ele é jogado no meio aquático. Por isso que para jogar o polo aquático oficial tem que ser muito bom em se movimentar dentro da piscina. Algumas características do polo, ele é jogado em uma piscina geralmente de 30x 20m. a partida do polo tem a duração de 4 tempos de 8 minutos de cada tempo, não tem aquela duração longa como a de futsal que dura 20 minutos cada tempo. No início do jogo a bola começa no meio da piscina e as duas equipes tem que ficar próximas ao gol do seu time e só quando o juiz apita que as duas equipes se deslocam para ver quem consegue pegar a bola primeiro. Para mover a bola, nós temos alguns detalhes, eu não posso mover a bola segurando-a com as duas mãos, ou eu vou mover com a testa ou com o ombro, ou com uma mão só, se eu segurar a bola com as duas mãos é uma falta. Ai quando eu falo nossa professora com a cabeça, parece ser difícil mover com a cabeça?

Alunos se dividiram respondendo sim e não.

Professora:- Vamos pensar que quando eu vou fazer um jogo oficial a piscina tem 2 metros de profundidade, então seria fácil eu ficar segurando a bola com uma mão e nadando em um lugar que não dá pé?

Alunos:- Não.

Professora:- Então vocês concordam que no caso do polo é mais fácil eu estar nadando com o braço e movendo a bola com a testa?

Alunos:- Sim!

Professora:- Se eu fizesse isto em uma quadra normal da escola, seria mais fácil mover com a testa?

Alunos:- Não!

Professora:- Então a gente começa a ver uma diferença na questão motora, concordam?

Alunos:- Sim!

Professora: O gol no polo vai ter 3m de largura e 90 cm de altura e o único jogador que vai poder segurar a bola com as duas mãos é?

Cebolinha:- Goleiro!

Professora:- Muito bem, acertou. Em um jogo oficial como a gente sabe quem são os jogadores de cada time? Na quadra o que a gente usa para diferenciar?

Anjinho:- camiseta!

Professora: - na quadra nós temos as camisetas diferentes e no polo dá para usar a camiseta?

Alunos:- Não!

Professora:- Então o que vocês acham que é usado para diferenciar?

Cebolinha:- Menino e menina!

Professora: Não.

Carminha Frufru:- pelo tecido da roupa?

Professora:- Não, pela touca.

Alunos murmuram ahhhh.

Professora:- Um time usa a touca branca, o outro time a touca azul e o goleiro usa a touca vermelha, pois a touca do goleiro tem que ser diferente. Outro detalhe do polo é que a equipe não pode segurar a bola mais de 30 segundos sem tentar fazer o gol, não adianta eu ficar nadando protegendo a bola e não tentar fazer o gol, pois se der mais de 30 segundos eu perco a bola. Outro detalhe se eu estivesse na quadra, o que eu consideraria como uma falta contra a outra pessoa?

Nimbus:- Empurrar a pessoa?

Professora:- No polo também é falta, assim como você afundar a pessoa, tentar impedir que ela arremesse, tudo isto é considerado falta, ai se você fizer 3 vezes uma falta você é expulso do jogo e sai da piscina assim como no campo do futebol. E só para vocês entenderem o que significa afundar o adversário no polo?

Monica:- Pegar a cabeça dele e colocar debaixo da água.

Professora:- Isto mesmo muito bem! Mais alguma dúvida sobre o polo?

Alunos:- Não!

Professora:- Vocês estão curiosos?

Alunos:- Sim!!

Professora:- Só para lembrar das regras, antes de ir para a piscina precisamos passar pela ducha e sentar na borda para esperar o professor entrar. Pode entrar na água antes do professor?

Alunos:- Não!

Professora: Alguém tem mais alguma pergunta:- Não!!!

### **Roda de conversa final: análise da aula realizada**

Professora:-Encerramos a nossa sexta aula hoje de esportes aonde nós trabalhamos o polo e eu gostaria de saber o que vocês acharam mais difícil na aula?

Milena:- Eu gostei da bola!

Professora:- Você achou fácil conduzir a bola?

Milena:- Sim.

Chico Bento:- Eu não gostei, porque toda a vez que a bola estava na minha mão eles me puxavam e tiravam a bola de mim.

Professora:- De acordo com a regra que nós conversamos no início da aula, eles poderiam ter te puxado para tirar a bola de você?

Chico Bento:- Não.

Professora:- Foi incorreto fazer isto e este fato foi falta e o jogo foi interrompido certo?

Alunos:- Sim.

Carminha Frufru:- E tinha vezes que eu estava com a bola e eles me afundavam!

Professora:- Novamente isto é uma falta, não pode ser feito no jogo.

Nimbus:- Eu gostei do passe livre.

Anjinho:- Eu achei difícil nadar com a bola empurrando com a testa.

Professora:- Todas as falas de vocês são muito interessantes, mas vocês perceberam que a maioria das falas aconteceu porque ia muita gente na bola ao mesmo tempo e automaticamente algumas pessoas acabavam sendo afundadas, ou acertando o cotovelo ou sendo puxadas por quem poderia pegar a bola. O que poderia ter sido feito diferente para que isto não acontecesse?

Maria Cascuda:- Feito regras mais rígidas.

Milena:- Respeitar o colega.

Mônica:- Obedecer.

Professora:- Vocês acham que se ao invés de ir todo mundo na bola, cada equipe tivesse combinado quais espaços da piscina que cada um ia cobrir e só pegaria a bola quando ela fosse nesse lugar, vocês acham que o jogo teria acontecido de uma maneira melhor?

Alunos:- Sim!

Professora:- E vocês acham que teriam feito os pontos para acertar os obstáculos mais fácil?

Alunos:- Sim.

Professora:- Então vocês concordam que o que faltou na verdade foi principalmente falta de diálogo entre vocês?

Alunos:- Sim.

Professora:- Vocês ficaram preocupados em pegar a bola e ganhar, mas vocês esqueceram que quando nós estamos fazendo um jogo em equipe vocês precisam conversar para que vocês consigam jogar. Eu vi várias vezes alguns amigos pegando a bola e seguindo sem passar para ninguém e perdendo a bola sem fazer gol. O time que tem jogadores jogando sozinhos conseguem ganhar o jogo?

Alunos:- Não.

Professora:- Quanto a parte de ter que nadar para conduzir a bola até o obstáculo, ou na hora das estafetas, vocês acharam fácil nadar conduzindo a bola?

10 alunos disseram que foi fácil o resto não.

Professora:- Quem achou fácil fez isto sem colocar o pé no chão?

Alunos:- Não.

Professora:- Então vocês concordam que o jogo de Polo é jogado em uma piscina com mais de 2 m de profundidade e que se fosse sem poder colocar o pé no chão não seria tão fácil igual vocês estão falando?

Alunos:- Sim.

Professora: Só foi fácil pois estávamos em uma parte mais rasa e vocês estavam com os pés no chão. Vocês têm mais alguma coisa para falar?

Alunos:- Não.

Professora:- Vocês gostaram da aula?

Alunos:- Sim.

Professora então por hoje é só.

**4º dia- 17/11/2022**

**Roda de conversa inicial: apresentação do conteúdo**

Professora: - Hoje iremos iniciar o nosso quarto dia de aulas, sendo a terceira e quarta aula de esportes e depois encerramos as aulas de esportes. Qual esporte começamos a semana passada?

Alunos: -Futebol!!

Professora: -Não pessoal, chamava Polo aquático que continuará sendo a proposta de hoje, iniciando com jogo de 10 passes e depois com jogo de Polo aquático com superioridade numérica. No caso do Polo, qual esporte vocês acharam que ele é mais parecido?

Anjinho:- Futebol.

Professora:- Futebol ou handebol, esses dois esportes tem uma coisa em comum, quando eu tento fazer o gol tem alguém tentando fazer o quê?

Mônica e Magali:- Defender.

Professora:- Defender, impedir que eu faça o gol, então jogos como futebol, polo e handebol tem uma característica em comum, que nós chamamos de esportes de invasão, pois ao mesmo tempo que você tenta o invadir o campo do seu adversário, o seu adversário tenta defender para depois tentar invadir o seu campo. Então vocês concordam que o tempo todo está um tentando invadir o campo do outro?

Alunos:- Sim.

Professora:- Por isso que estes esportes são chamados de esportes de invasão e que apresentam como característica a defesa e o ataque. Por isso, hoje vamos começar com o Jogo de 10 passes para começar a trabalhar a ideia de alguém atacar e o outro defender, e depois vamos fazer o jogo com superioridade numérica com um time jogando com 7 jogadores e o outro com 5 para saber se fica mais fácil ou mais difícil atacar e defender e se isto muda alguma coisa no jogo. Bom, além do futebol, handebol e polo, vocês lembram de mais algum jogo que tem ataque e defesa.

Carminha Frufru:- Basquete.

Professora:- Basquete muito bem, pois tem ataque e defesa.

Mônica:- Vôlei?

Professora:- Vôlei é diferente né, pois você está invadindo o campo do adversário, passa embaixo da rede e vai jogar do outro lado?

Alunos:- Não.

Professora:- Então o vôlei é outra coisa, chamamos o vôlei de esportes de rede e parede, outro tipo de dinâmica de jogo e de aprendizagem. Mais alguma pergunta sobre a aula de hoje?

Alunos:- Não.

Professora:- Só uma observação sobre o jogo, foi fácil jogar o Polo a semana passada?

Alunos:- Não!

Professora:- Me explica o que foi mais difícil? Era fácil conduzir a bola de um ponto ao outro?

Magali:- Não, pois vinha várias pessoas em cima da bola.

Professora:- É neste ponto que eu queria chegar, vocês perceberam que aonde a bola estava, estava todo mundo em cima da bola?

Alunos:- Sim.

Professora:- Desta maneira todos conseguiram jogar?

Alunos:- Não.

Professora:- Quando a gente assistiu um jogo de invasão na TV, ficam todos em cima da bola ou eles ficam esparramados no campo para receber a bola?

Alunos:- Esparramados.

Professora:- Então vamos nos preocupar com isto hoje, de não ficar todo mundo na bola, de criar uma estratégia para se dividir no espaço da piscina pois assim todos conseguem jogar, o jogo vai ficar mais bonito, os passes vão ficar mais legais, concordam?

Alunos:- Sim.

Professora:- Combinado?

Alunos:- Sim.

Professora:- Mais alguma coisa?

Alunos:- Não.



### **Roda de conversa final: análise da aula realizada**

Professora:-Encerramos a nossa aula de esporte agora, começamos com o jogo de 10 passes, depois o Polo com superioridade numérica e depois o jogo normal. O que vocês acharam da aula de hoje, acharam difícil?

Alunos:- Não.

Professora:- Vocês sentiram que foi diferente o posicionamento de vocês?

4 alunos responderam que não e o resto que sim.

Professora:- Porque não?

Floquinho:- Não dá para correr.

Professora:- Mas é porque na água não tem como correr mesmo. E vocês por que acharam que não melhorou o jogo hoje?

Xaveco:- Porque teve gente que não passou a bola para os outros.

Professora:- Teve pessoas individualistas, vamos pensar na primeira ideia do jogo, quando estamos fazendo um esporte coletivo como é o caso desse, é para se jogar sozinho ou com todo mundo?

Alunos:- Com todo mundo.

Professora:- Se o amigo joga sozinho é divertido para todo mundo?

Alunos:- Não.

Professora:- Não né? Então o que ela falou tem lógica, mas hoje deu mais chance de jogar do que a semana passada não foi?

Alunos:- Sim.

Professora:- E quando a gente colocou um time com mais pessoas e outro com menos foi mais fácil jogar? Levantem a mão.

Metade dos alunos ergueu a mão para mais fácil e metade para mais difícil.

Professora:- Nimbus, porque você achou mais fácil? Você estava no time que tinha mais ou menos gente?

Nimbus:- No time que tinha mais gente.

Professora:- Todo mundo que levantou a mão achando mais fácil estava no time com mais gente?

Alunos:- Sim.

Professora:- Então está explicado. Bidu mesmo o seu time estando com menos você achou mais fácil?

Bidú:- Sim.

Professora:- Você achou que mesmo o seu time estando com menos isto não influenciou no jogo ou influenciou?

Bidú:- Influenciou.

Professora:- Por que influenciou?

Bidu:- Por que um time tinha mais e o outro menos.

Professora:- E o que isto causou ao jogo?

Bidu:- Fez a gente perder.

Professora:- Vocês perderam, então é mais difícil jogar quando tem mais gente do outro lado, não é?

Zé Lelé:- Sim e também quando tem menos pessoas vai ter muito espaço para um cuidar e quando tem mais jogadores vai ter menos espaço para um cuidar.

Professora:- Perfeito, além disso cada jogador do time que tinha menos tinha que marcar mais gente, enquanto o outro time que tinha mais jogadores acabava sobrando gente sem precisar marcar.

Zé Lelé:- Mas assim, tinha jogadores que não prestavam muita atenção no time adversário e ficava só na frente do gol, tumultuando a frente do gol.

Professora:- Então acabava que tumultuava na frente do gol, dificultava fazer o gol e também dificultava defender?

Zé Lelé:- Sim, só que eles mesmo estavam se defendendo porque o goleiro estava parado e eles todos estavam em cima da bola.

Professora:- Então você está falando que a equipe adversária não estava se comunicando, de maneira que acabava eles mesmos se atrapalhando porque acabava indo dois do mesmo time na bola. E como que eu resolveria este problema, de várias pessoas do meu próprio time ir na bola.

Zé Lelé:- Depende muito das pessoas pensarem, se eles falarem que é para se espalhar todos tem que fazer.

Professora:- E você Mônica, qual você acha que seria a solução?

Mônica:- Os times combinarem uma estratégia para não ir dois na mesma bola e o time todo poderia ficar mais espalhado ao invés de dois ir na mesma bola, poderia ir só um e o outro esperar para pegar bola quando o amigo jogar.

Professora:- Vocês combinaram quem ia marcar cada jogador do time adversário?

Alunos:- Não.

Professora:- Se vocês tivessem combinado quem ia marcar cada jogador do outro time, vocês acham que teria dois ou três jogadores na mesma bola que nem o amigo falou?

Alunos:-Não.

Professora:- Não, então vocês concordam que quando a gente pensa em um esporte coletivo a gente tem que conversar durante o jogo?

Alunos:-Sim.

Professora:- Por que a gente não tem como adivinhar o que o nosso companheiro de time está pensando, quer ou vai fazer?

Alunos:- Não.

Professora:- Então a gente tem que conversar, certo?

Alunos:- Sim.

Zé Lelé:- A gente já tinha falado na última aula.

Professora:- Sim e mesmo assim aconteceu de novo. Vocês querem comentar mais alguma coisa?

Alunos:- Não.

## **5º dia- 22/11/2022**

### **Roda de conversa inicial: apresentação do conteúdo**

Professora: - Hoje iremos iniciar o nosso quinto dia de aulas e iremos sair do esporte para desenvolver movimento que vocês já realizaram na ginástica, embora na ginástica nós temos modalidades que são consideradas esportes, como por exemplo: a ginástica artística. Iremos também falar de salto ornamental que embora não entre no termo da ginástica, mas se

analisarmos é a realização de um salto aonde durante a queda o praticante executa movimentos ginásticos. Então, vocês sabem o que significa praticar ginástica? Vocês já praticaram ginástica?

Mônica:- Eu acho que a ginástica é como quando você pratica esporte, mas com uma grande diferença, por exemplo com o outro professor a gente fazia mortal.

Professora:- A ginástica é um conjunto de movimentos que exigem flexibilidade, destreza, controle do corpo muito grande, então são movimentos aonde você tem que controlar a maioria das ações e que em sua maioria você acaba ficando em situações de desequilíbrio durante os movimentos. Então por exemplo, uma cambalhota faz parte da ginástica ou não?

Alunos:- Sim.

Professora:- Plantar bananeira ou fazer uma estrela?

Alunos:- Sim.

Professora: Por que vocês acham que faz parte da ginástica?

Mônica:- Porque tem uma movimentação.

Professora:- Sim tem movimentação, mas o que mais? Precisa do controle do corpo?

Alunos:- Sim.

Professora:- Trabalha flexibilidade?

Alunos:- Sim.

Professora:- Trabalha né! Então quando a gente pensa em ginástica, estamos pensando em movimentos que o nosso corpo faz e que precisa de um certo refinamento para desenvolver. Nós temos a ginástica competitiva e a ginástica não competitiva. Na ginástica competitiva temos a ginástica artística, a ginástica acrobática, a ginástica rítmica por exemplo e nas não competitivas, nós temos a hidrogenástica, a ginástica laboral por exemplo. Sendo assim, hoje vamos tentar trazer um pouquinho destes movimentos da ginástica para dentro da piscina, e aí além de realizar estes movimentos para a gente entender como o nosso corpo dentro da água, sente as situações de desequilíbrio se são maiores ou menores, se dá menos medo de realizar os movimentos dentro da água do que se comparados com fora, tudo isto iremos tentar sentir hoje durante a aula. Além disso, iremos trabalhar um pouquinho de salto ornamental hoje. Que seria um esporte, mas como falamos no início várias atividades são divididas nas unidades temáticas como ginástica ou esporte, mas podem fazer parte das duas. No salto ornamental as pessoas realizam um salto de uma plataforma que geralmente está em até 10 m de distância do

solo, com um trampolim na ponta para cair em uma piscina que tem que ter uma profundidade mínima de 4 metros. 10 m seria mais ou menos a ponta daquele ginásio até o chão. Só que neste percurso entre saltar lá de cima da plataforma até cair na água elas realizam movimentos ginásticos, acrobáticos: elas viram cambalhotas, seguram as pernas próximo ao corpo, elas abrem as pernas, fazem giros em torno do corpo até chegar na água, e por estes movimentos elas vão receber uma pontuação de acordo com a quantidade de movimentos, de acordo com a perfeição deste movimento e principalmente por espirrar a menor quantidade de água ao cair na água. Ou seja, quem consegue realizar os movimentos de maneira mais bonita e cair na água espirrando menos água vence uma competição de saltos ornamentais. É legal não é?

Alunos: -Sim!

Professora: -Então hoje vamos começar com a brincadeira siga o mestre, mas agora realizando movimentos ginásticos, depois vamos fazer a brincadeira da estátua, e quando a música parar vocês deverão realizar um movimento de ginástica e permanecer em estátua até a música voltar, depois vocês vão realizar a brincadeira do espelho em dupla, de maneira que vocês vão realizar movimentos ginásticos um de frente para o outro, e o amigo terá que imitar.

Milena: - A gente já brincou da brincadeira do espelho com outra professora.

Professora:- Que legal! E aí depois nós vamos colocar músicas para tocar e vocês vão tentar realizar movimentos de ginástica no ritmo da música, e para acabar a aula nós vamos fazer saltos da borda piscina, só que quando vocês forem realizar o salto deverão tentar realizar um movimento de ginástica. Por exemplo quando eu saltar eu encosto as duas mãos no meu pé, isto é um movimento de ginástica?

Alunos:- Sim!

Professora:- E se eu saltar e realizar um parafuso, isto é um movimento de ginástica?

Alunos:- Sim!

Professora:- Deu para entender a aula?

Alunos:- Sim!

Mônica:- Um amigo pode imitar o salto do outro?

Professora:- Sim, mas a ideia é que vocês sejam criativos e tentem fazer saltos diferentes, ok?

Mônica:- Ok.

Milena:- A gente vai fazer na parte rasa ou na funda?

Professora:- Vamos começar a aula na parte rasa, mas os saltos serão na parte funda. Certo?

Alunos:- Sim!

Professora:- Alguém mais tem dúvida?

Zé Lelé:- Mas como a gente vai saber estes movimentos para fazer na hora do salto?

Professora:- No início da aula nós vamos fazer vários movimentos e ai depois estes movimentos vão ajudar vocês a criarem os movimentos do salto depois. Mais alguma dúvida?

Alunos:- Não!

### **Roda de conversa final: análise da aula realizada**

Professora:-Encerramos a nossa aula de ginástica, gostaria de saber se os movimentos de ginástica que nós fizemos na piscina vocês já haviam realizado fora?

Alunos:- Sim.

Professora:- é mais difícil virar cambalhota dentro ou fora da piscina? Levantem a mão

10 alunos responderam que fora e o resto que dentro.

Professora:- E plantar bananeira é mais fácil dentro ou fora?

Alunos não conseguiram entrar em um consenso.

Professora:- Quem acha que ficar com o corpo inteiro de ponta cabeça com as duas mãos no chão é mais difícil fora da água levanta a mão?

7 alunos levantaram a mão.

Professora: - Quem acha que é mais difícil dentro levanta a mão?

10 alunos levantaram e o resto não fizeram nenhum movimento.

Professora:-Vocês acharam a aula difícil ou fácil?7

A maioria disse que fácil, mas uns 7 alunos acharam mais ou menos e o resto achou difícil.

Professora:- O que vocês poderiam me falar sobre a aula?

Magali:- Gostei de saltar no fundo, da dança e dos movimentos de ginástica.

Mônica:- Eu gostei do pulo também e do espelho.

Anjinho:- Eu gostei do espelho e da cambalhota.

Professora:- Era mais fácil manter o equilíbrio em uma perna só ou fora? Quem acha que dentro levanta a mão.

15 levantaram a mão.

Professora:- E quem acha que é fora levanta a mão.

15 levantaram a mão.

Professora:- Quem conseguiu virar estrelinha na água?

8 alunos levantaram a mão.

Professora:- Deu para fazer igualzinho a gente faz fora da água?

Alunos:- Não.

Xaveco:- Mas mortal deu professora.

Professora:- Ficou claro hoje o quanto nós temos que mudar o nosso movimento quando estamos dentro da água?

Alunos:- Sim.

Professora:- A água ajuda a desequilibrar o movimento ou não interfere/ Quando você ficava em uma perna só e tinham vários amigos se movimentando do seu lado isso interferia no movimento ou não. Levantem a mão quem acha que sim.

Ficou dividido meio a meio.

Professora:- Quando vocês iniciaram as aulas vocês sabiam virar cambalhota na água? Quem sim levanta a mão.

10 alunos levantaram a mão e o resto não levantou.

Professora:- A maioria não sabia, ai hoje uma pessoa me perguntou quando a gente vai aprender a nadar? Vamos entender o que é nadar, nadar é conseguir se movimentar dentro da água sem se afogar, concordam comigo?

Alunos:- Sim!

Professora:- Vocês estão conseguindo isto?

Alunos:- Sim.

Professora: Quem acha que já consegue nadar na piscina sem se afogar levanta a mão.

Apenas quatro pessoas não levantaram a mão.

Professora:- Então, vocês acham que mesmo sem eu ficar ensinando o nado crawl, nado costas, vocês acham que estão aprendendo a nadar? Levante a mão quem acha que sim.

12 levantaram a mão.

Professora:- Levante a mão quem acha que não?

8 levantaram a mão e o resto não levantou para nenhuma das opções.

Você que levantou a mão e que acha que não, o que seria nadar para você?

O aluno Genesinho fez o movimento de rotação de braços demonstrando que seria nadar o crawl.

Professora:- Seria bater a perna e o braço?

Genesinho:- Sim.

Anjinho:- Outro dia no aniversário da minha mãe eu fui em uma chácara e a piscina era funda, mas eu consegui ficar dentro dela e nadar sem ninguém me segurar.

Carminha Frufru:- Outro dia eu queria nada em uma piscina bem funda e ai eu lembrei do salto na borda e de como voltar para a borda e tudo mais e ai eu nadei.

Mônica: Outro dia minha mãe deixou eu ir na piscina e ela entrou comigo ai eu não coloquei o colete e aí pedi para ela me soltar para ver se eu conseguia nadar e ai eu consegui.

Professora:- Então pessoal vocês acham que as aulas estão ajudando vocês a se movimentarem sozinhos dentro da água?

Alunos:- Sim.

Professora:- Então vamos encerrar a conversa e ir para o ônibus.

**6º dia- 29/11/2022**

**Roda de conversa inicial: apresentação do conteúdo**

Professora: -Boa tarde!

Alunos:- Boa tarde!

Professora:-Hoje vamos iniciar a nossa aula 11 e 12, vamos trabalhar um pouco de dança dentro da piscina.



Alunos murmuram uau que legal!

Professora:- Vocês sabem o que seria dançar?

Carminha Frufru:- Mexer o pé, mexer o braço só que é diferente porque a gente vai estar na água.

Professora:- Mexer o corpo, a definição foi boa, se movimentar, só que é só se movimentar por se movimentar?

Alunos:- Não!

Professora:- Então como seria este se movimentar?

Carminha Frufru:- Não sei.

Professora:- Se movimentar seguindo um ritmo, seguindo uma música.

Carminha Frufru:-Seguindo o ritmo da música dentro da água.

Professora:- Exatamente, então dançar significa movimentar o corpo, mexer o corpo seguindo o ritmo da música com estes movimentos corporais. Estes movimentos da dança podem ser só no alto, ou seja, em pé ou de outras maneiras também?

Alunos:- De outras maneiras.

Professora:- Quais?

Milena:- Deitado.

Carminha Frufru:- fora da água, sentado.

Professora:- A dança pode ser estando em pé, sentado, agachado, deitado.

Carminha Frufru:- Igual quando a gente fica sentado na aula, igual fora da água.

Professora:- E o ritmo das músicas são iguais?

Alunos:- Não!

Professora:- O que muda?

Zé Lelé:- A batida.

Professora:- A batida, em que sentido?

Cascão:- não sei professora.

Professora:- O movimento do nosso corpo vai mudar de acordo com a batida?

Alunos:-Vai.

Professora:- Quando que ele vai mudar?

Cascão:- Em alguns momentos.

Professora:- Em alguns momentos a gente vai se mexer mais...

Alunos:- Rápido.

Professora:- E em outros momentos mais...

Alunos:- Lento.

Professora: - Será que a água ela dificulta a velocidade deste movimento?

Alunos:- Sim.

Carminha Frufru:- Porque a água deixa a gente preso.

Anjinho:- Ela é pesada.

Professora:- Nós vamos fazer este teste hoje se a água deixa a gente preso e é mais pesada. Além disso tem um detalhe legal, vamos pensar em ritmo, quando eu bato minhas mãos.

Todos começaram a bater as mãos de acordo com o ritmo que eu impunha a eles.

Professora:- São movimentos de ritmo não são?

Alunos:- Sim.

Professora:- Será que na água estes batiques que nós acabamos de fazer de ritmo nós conseguimos fazer utilizando a água além do corpo?

Carminha Frufru:- Não, porque a água esparrama quando bate.

Professora:- Vamos pensar, eu consigo utilizar a água para fazer batuque, barulho?

Alunos:- Sim.

Professora:- Eu conseguiria fazer isto com o ar fora da água?

Alunos:- Não.

Professora:- Porque por mais rápido que eu movimente meu corpo é muito difícil fazer um som ou ritmo. Já sabemos que para dançar podemos fazer os movimentos em várias velocidades e alturas, posições, e pensando na dança e na coreografia da dança, aquilo que nós trabalhamos de movimentos ginásticos, nós conseguiríamos utilizar na dança?

Alunos:- Sim.

Professora:- O que conseguiríamos usar?

Alunos resmungam.

Professora:- Quando vocês fizeram o aviãozinho por exemplo de abrir os braços e uma perna lá atrás, se eu estivesse realizando uma dança em dupla, eu conseguiria ficar naquela posição?

Alunos:- Sim.

Professora:- E quando vocês ergueram uma perna só para o alto, nós não fazemos isto na dança?

Alunos:- Sim.

Professora:- Então nós podemos utilizar os movimentos de ginástica na dança?

Alunos:- Sim.

Professora:- Então vamos falar das atividades de hoje, inicialmente nós iremos trabalhar ritmos, brincando de batucadas, de realizar movimentos com o nosso corpo na água, entender este movimento que vocês dizem ser mais preso. Certo?

Alunos:- Sim.

Professora:- Depois disso eu vou colocar alguns ritmos e vocês irão tentar realizar movimentos de dança seguindo aqueles ritmos, por exemplo eu vou colocar uma música que vocês dançam fora da água normalmente e ai vocês vão tentar dançar igualzinho dentro da água para a gente entender o quanto a água influencia neste movimento, certo?

Alunos:- Sim.

Professora:- Para finalizar vocês vão se dividir em grupos e aí cada grupo vai preparar uma apresentação de quatro movimentos de dança dentro da água. Combinado?

Alunos:- Sim.

Professora:- Vocês irão tentar se organizar dentro de uma música que eu vou colocar para as pessoas do grupo organizarem os movimentos em sincronia, como se fosse um nado sincronizado. Alguém tem alguma dúvida?

Alunos:- Não.

### **Roda de conversa final: análise da aula realizada**

Professora:-Encerramos mais uma aula, o que vocês gostariam de comentar sobre esta aula?

Magali:- Que os movimentos são muito legais, e também os movimentos que tem na água que podemos fazer barulhos.

Professora:- é muito legal então trabalhar com o movimento da água na dança e com batidas na água que fazem som?

Magali:- Sim.

Cascão:- E também a dança foi legal e fazer os movimentos tipo da ginástica também foi legal.

Professora:- Entendi.

Mônica:- Eu gostei de me apresentar com meus amigos foi bem legal.

Professora:- Você gostou da apresentação em equipe?

Mônica:- Sim, e de assistir à apresentação dos outros e de durante as apresentações ter momentos juntos e separados.

Nimbus:- Eu gostei da apresentação e da dança.

Professora:- Então deixa eu fazer uma pergunta, quando nós começamos a realizar os movimentos, é possível realizar o movimento de uma vez seguindo o tempo da música igual eu conseguiria fazer fora?

Alunos:-Não.

Professora:- Então dentro da água geralmente eu tenho que fazer em duas etapas, em dois tempos, concordam?

Alunos:- Sim.

Professora:- Então dentro da água nós precisamos reorganizar o corpo de maneira diferente?

Alunos:- Sim.

Professora:- Alguém quer falar alguma coisa sobre esta reorganização do corpo da água, principalmente pensando no ritmo da música?

Alunos:- Não.

Professora:- Vocês conseguiram seguir o ritmo da música na água com facilidade?

A maioria dos alunos respondeu que sim.

Professora: Você Aninha que disse que não, me explica por quê?

Aninha:- Às vezes a gente queria fazer o corpo ir mais rápido, mas o corpo ficava pesado na água, preso.

Professora:- Alguém quer falar mais alguma coisa sobre esta aula.

Mônica:- Parecia que a água estava te puxando e aí quando eu queria ir mais rápido a água impedia.

Professora:- Então é isto, vamos para o ônibus.

**7º dia- 01/12/2022**

**Roda de conversa inicial: apresentação dos conteúdos de aula**

Professora: -Boa tarde!

Alunos:- Boa tarde!

Professora:-Hoje vamos iniciar a nossa última aula, vocês já viram alguma luta dentro da piscina?

Alunos:- Briga de galo.

Professora:- E nós vamos fazer a briga de galo mas de uma maneira diferente, sem ficar no pescoço do amigo para não se machucar. Mas antes, existe diferença entre lutas e brigas?

Anjinho:- Lutas tem regras e na briga não, na briga pode bater, sair sangue, tirar dente.

Marcelinho:-Luta tem tipo lugar para se bater, na briga não pode acontecer em qualquer lugar, no futebol!

Carminha Frufu:- Na briga pode acontecer tipo de você estar com a bola e a pessoa não gostar e aí você começar a brigar, xingar. E na luta não acontece igual no futebol.

Professora:- Muito bem! Vocês já me falaram coisas muito importantes, primeiro a luta tem regra e a briga não, isto já muda tudo, porque se a luta tem regra é possível chegar ao ponto de matar a outra pessoa?

Alunos:- Não.

Professora:- E na briga?

Alunos:- Sim.

Professora:- Então esta já uma diferença importante, outra coisa que vocês falaram é que a luta tem um lugar específico para acontecer já a briga pode acontecer em qualquer lugar. Vamos pensar no boxe, ele é lutado onde?

Alunos:- No ringue.

Professora:- O Karatê e Judô não é lutado no tatame?

Alunos:- Sim.

Professora:- Pode falar.

Nimbus:- Na luta também quando acontece e o outro quer matar ai o juiz separa.

Professora:- Isto, o juiz separa porque tem regra. Vou dar um exemplo de regra no boxe eu posso dar chute?

Alunos:- Não!

Professora:- Só soco, eu posso dar soco na perna da pessoa no boxe?

Alunos:-Não.

Professora:- Não, só alto. Deu para entender a diferença da regra?

Alunos:- Sim.

Professora:- Porque se eu estiver em uma briga a intenção é machucar a pessoa o que faz com que a briga seja perigosa, por isso que na escola quando vocês discutem no futebol e um começa a querer chutar e bater no outro, isto é briga ou é luta?

Alunos:- Briga.

Professora:-E a briga é muito?

Alunos:- Pior.

Professora:- Feia, ruim. Hoje na parte de luta nós vamos fazer duas brincadeiras, a primeira é briga de galo e a outra rouba rabo. Os meninos vão prender o prendedor na lateral da sunga e as meninas na alça do biquini e vocês terão que tentar roubar o prendedor do amigo.

Cascão:- Professora, a gente já brincou disto na Educação Física.

Professora:- Muito bem, agora nós vamos fazer na água. Por que esta brincadeira de rouba rabo a gente pode utilizar ela para ensinar lutas?

Cebolinha: Porque você pode se defender.

Professora:- Porque você tem que defender o seu rabo e ao mesmo tempo atacar para roubar o rabo do amigo, isto aí perfeito. E a defesa e o ataque são princípios da luta. Para finalizar nós vamos fazer Huka-huka, que é uma luta indígena aonde as tribos escolhem os melhores lutadores e duas tribos em um grande festival se enfrentam, os lutadores começam com a mão no ombro do adversário e o joelho no chão, aí tem que tentar derrubar o adversário apenas com o corpo tentando empurrar com a mão.

Luca:- Mas vai ser difícil na água.

Professora:- Por que a água faz o que?

Luca:- Segura.

Milena:- Ela é mais pesada.

Carminha Frufu:- Ela deixa lento.

Mônica:- Tem onda.

Professora:- E o pé ele escorrega na água ou não?

Alunos:- Sim.

Professora: -Entenderam, pode falar.

Alvinho:-E a água faz vários movimentos pra lá e pra cá e se você for dar um soco ele fica lento.

Professora:-Isto mesmo, só lembrando, nenhuma destas brincadeiras vai envolver soco ou chute. Bom, depois que a gente desenvolver estas atividades nós vamos desenvolver uma prática corporal de aventura, alguém sabe me falar uma prática de aventura? Vamos pensar uma prática de aventura dentro da água.

Milena:- Tipo nadar de costas.

Anjinho:- Nadar no fundo.

Professora:-Não, vamos lá, são aquelas que tem um grau maior de incerteza, ou seja, a pessoas têm menos controle de suas ações que precisam ser pensadas de última hora, de acordo com a solicitação do ambiente, por exemplo o surf, o skate, escalada.

Lucila:- Patins.

Mônica:- Patinete.

Professora:- Descida de bicicleta, certo, então hoje nós vamos fazer duas atividades, uma com espaguete para vocês controlarem o corpo de vocês e a outra vai ser com o tapetão flutuando, aonde vocês começarão sentados e depois tentarão ficar de joelho e em pé sem cair, imitando uma prancha de surf. Deu para entender?

Alunos:- Sim.

Professora:- Olha que legal, vocês sabiam que o skate surgiu do surf, as pessoas que surfavam no mar em épocas que as ondas não eram muito fortes e não davam para surfar, elas precisavam de uma alternativa para desenvolver fora da água, foi aonde elas pegaram uma prancha e colocaram rodas, foi aonde surgiu o skate.

Anjinho:- Mas tem que aprender fora da água e depois dentro?

Professora:- Não necessariamente tem aulas que já começam dentro da água. Pessoal alguma dúvida?

Alunos:- Não.

**Roda de conversa final: análise da conclusão da experiência.**

Professora:-Encerramos a nossa última aula e gostaria de saber o que vocês acreditam que aprenderam, o que vocês acharam das aulas?

Carminha Frufru:- Eu gostei do surf, era como se estivesse no mar.

Zé Lelé:-Eu também gostei do surf.

Rosinha:- Eu também gostei do surf e do rouba rabo.

Milena:- Eu gostei do Surf e do rouba rabo também.

Professora:- Todos estão falando que gostaram do rouba rabo e do surf, mas o que eu quero saber o que vocês acharam das 14 aulas, vocês acham que conseguiram aprender muita coisa dentro da piscina ou acham que não mudou nada?

Mônica:- Nós aprendemos muita coisa dentro da piscina.

Nimbus:- Aprendi a movimentar melhor dentro da água.

Professora:- Vocês acham que hoje vocês conseguem ter mais controle do corpo de vocês dentro da água, vocês conseguem nadar melhor do que na primeira aula?

Alunos:- Sim.

Professora:- O que vocês perceberam que mais melhorou?

Rosinha:- Eu não sabia mergulhar, agora eu sei.

Milena:- Eu aprendi a me movimentar melhor na água.

Professora:- Então vocês acham seria importante depois destas aulas as escolas terem atividades dentro da piscina

Alunos:- Sim.

Professora:- Então encerramos a aula, vocês podem ir para o ônibus.



## APÊNDICE E - Produto Educacional: Curso

O produto educacional derivado da pesquisa é um curso denominado Práticas corporais no meio líquido nas aulas de Educação Física escolar e está disponível no Portal de Cursos Abertos (PoCA) da UFSCar- <https://poca.ufscar.br>

O curso é composto por um vídeo inicial com a apresentação das professoras e dos objetivos principais do curso e de cada unidade didática.

Na primeira unidade didática apresentada em formato de texto, é abordada a proposta de desenvolver Práticas corporais no meio líquido na Educação Física escolar, compreendendo o papel da Educação Física na escola e a viabilidade deste conteúdo como parte da proposta pedagógica do professor, através de 3 capítulos.

- Práticas corporais no meio líquido e a Educação Física Escolar
- Questões sociais vinculadas as Práticas corporais no meio líquido
- Estrutura física

A segunda unidade didática foi elaborada em formato de slides, abordando os princípios da Adaptação ao meio líquido que serão base para as Práticas corporais no meio líquido, apresentando as habilidades aquáticas e sugestões de intervenções para desenvolvê-las. Desenvolvida a partir de 3 tópicos:

- O que significa saber nadar/ competência aquática?
- Como desenvolver a adaptação ao meio líquido?
- Pra finalizar...

A terceira unidade didática foi elaborada em formato de slides e apresentou alguns planos de ensino para auxiliar na elaboração dos planejamentos de aulas dos profissionais de Educação Física. Desenvolvida a partir de 3 tópicos:

- Contextualização...
- Mão na massa
- Para finalizar...

Para finalizar apresentamos vários vídeos denominados Papo de professor, para apresentar alguns desafios próprios da proposição das aulas, de maneira a compartilhar experiências e possíveis soluções.

## ANEXOS

## Anexo A- Carta de autorização da escola

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal da [REDACTED]

[REDACTED] informo que o projeto de pesquisa intitulado Atividades Aquáticas nas aulas de Educação Física Escolar apresentado pela pesquisadora, Daniela Godoi Jacomassi, orientadora da professora Mary Ane Sartori Lopes, e que tem como objetivo principal Investigar as possibilidades das atividades aquáticas serem contempladas como conteúdo curricular da Educação Física Escolar foi analisado e autorizada sua realização apenas após a apresentação do parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar. Solicito a apresentação do Parecer de Aprovação do CEP-UFSCar antes de iniciar a coleta de dados nesta Instituição.

“Declaro conhecer a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Data: 26 de outubro de 2021

Assinatura: \_\_\_\_\_

Adreana Paula Santana

Diretora da Escola

Adreana Paula Santana  
Diretora de Escola  
RG 18.818.967-1

**Anexo B- Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos**



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Atividades Aquáticas nas Aulas de Educação Física Escolar

**Pesquisador:** Daniela Godoi Jacomassi

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 52929021.1.0000.5504

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.222.934

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO CARLOS, 03 de Fevereiro de 2022

---

**Assinado por:**

**Adriana Sanches Garcia de Araújo  
(Coordenador(a))**